

REVISTA DA SEMANA

Nº 46

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

16 - 11 - 46

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

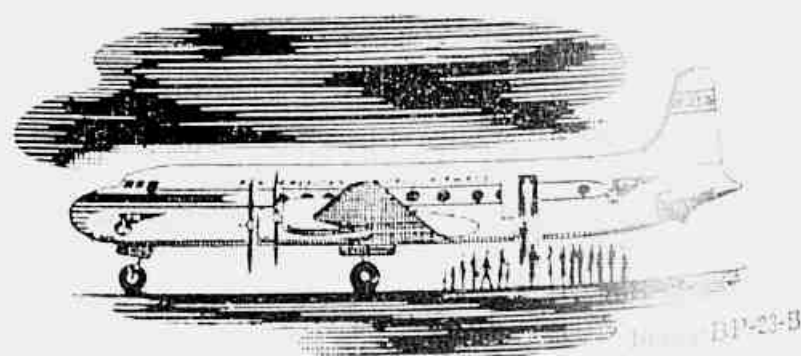




O mundo é seu... pelo **CLIPPER**

Hoje em dia as Ilhas do Havai — encruzilhada do Pacífico — ficam apenas a 13 horas de Los Angeles, Califórnia. Agora V. S. pode voar em novos e gigantescos CLIPPERS quadrimotores a este paraíso dos Mares do Sul, e gozar românticas férias visitando Honolulu, sua alegre capital, e a famosa praia de Waikiki. Para reservas, procure o seu agente de viagens ou a agência local de passagens da PAA.

**PAN AMERICAN
WORLD AIRWAYS**
A Rede dos Clippers Voadores



PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDÊNCIA



FORAM tabelados os cinemas e, uma vez tabelados, a imprensa carioca já iniciou uma nova campanha, desta vez contra o excesso de lotação dessas salas de espetáculos, pleiteando, em benefício do público, a venda de localidades numeradas. Mais uma vez os exibidores vão dar pulos e arrancar os cabelos... Em todo caso, em Buenos Aires é assim que se faz. O meio teatral também andou agitado... Os críticos premiaram como o melhor ator do ano o Sr. Rodolfo Mayer — como a maior atriz a senhora Henriete Risner Morineau... Procópio Ferreira deu o estrilo, porque não lhe foi dado outra vez o prêmio, que ele mesmo já tivera antes, e o empresário Luis Iglézias também se queimou, queixando-se de não ter sido premiada ainda desta vez a atriz Eva Todor, "estrela" de sua companhia. Em qualquer outro país do mundo, homens com a posição de Procópio e Luis Iglézias teriam tido o cavalheirismo de passar um telegrama aos seus colegas, felicitando-os... Houve barulho também na Academia Brasileira de Letras, onde Luis Edmundo, o poeta da "Rosa dos Ventos" e o historiador de "D. João VI no Brasil", disse que o poeta Olegário Mariano, autor de "Últimas cigarras" e "Quando o crepúsculo vem baixando", ganhou um cartório do Sr. Getúlio Vargas. Em contraposição, o Sr. Olegário Mariano declarou que não teve a sua obra impressa na Imprensa Nacional, de graça, por ordem do mesmo Sr. Getúlio Vargas. O caso se esparramou nas colunas do jornal "O Globo" e espera-se agora um duelo entre os dois poetas... Por falar em Academia Brasileira de Letras, um dos seus membros, o poeta Manuel Bandeira, não quis ser candidato da Esquerda Democrática a vereador. O poeta que glorificou o brigadeiro Eduardo Gomes em suas estrofes seria um candidato simpático e forte, exercendo grande sedução sobre a mocidade letrada do Brasil. Depois de ter sido queimado o Sr. Carlos Luz, em Minas, em favor do Sr. Wenceslau Braz, queimou-se também a estação da Luz, no Braz, em São Paulo. Mais pau no Sr. Osvaldo Teixeira, cognominado "o dono do Salão e o difador das Belas Artes". Trata-se de um tópico de "O Globo", sob o título "O Depressivamente Caso do Salão". Quem não leu nesse jornal a crônica de Henrique Pongetti, sobre a atitude da esposa e das filhas do advogado Lauro Fontoura, assassinado pelo aspirante da Aeronáutica Afonso Barbosa, sob o título "A Idade Besta", a 9 do corrente, perdeu uma das melhores páginas de boa prosa inspiradas nos "faits divers" da cidade. A imprensa se agastou, — e com razão, — por ter sido obstada a presença dos reporteres no navio português "Serpa Pinto", suscitado de trazer contrabando a bordo e mais o líder fascista Leon Degrelle, condenado à morte na Bélgica e fugido da Espanha franquista... Chegam de Buenos Aires notícias de que Dulcina de Moraes está causando excelente impressão nos meios artísticos e sociais portenhos... E seu espanhol também é um sucesso, o que não é de admirar, pois filho de peixe é peixinho... Dona Conchita de Moraes, née Bernard, mãe da nossa grande atriz, é cubana, como decerto o leitor ignora... Muito boa a nota de L.R. (dizem que é Luis Rocha), contra o Conselho da SBAT, que indicou para serem representadas no Municipal duas peças que não são as mais representativas do nosso teatro... L.R. lamenta a boicotagem de valores como Jeracy Camargo, Ernani Fornari e outros, revelando ainda que houve quem quisesse que uma "troupe" francesa visitante representasse uma bambocçada como "Os maridos atacam de madrugada", o que é, positivamente, uma insensatez... Um pouco mais de seriedade em escolhas dessa natureza é necessária e imprescindível... A propósito: na mesma semana, o Sr. Ernani Fornari assinava contrato para a representação, em Paris, de sua peça "Sinhá Moça Chouros", que não foi indicada para o Municipal... Entre as notícias mais tristes dos últimos dias está o descarrilamento de um trem entre Recife e Maceió, com muitos mortos e mais de cinquenta feridos. Nas eleições francesas, venceram as correntes esquerdistas, com o que se reforça a Constituição recentemente decretada. Está havendo "marmelada" da grossa na disputa do campeonato de futebol de salão. Chegou-se a um rendoso "impasse" e vai haver um campeonato de mirim, para desempate. Até parece luta de "catch-as-catch-can"... O escritor José Lins do Rego andou em maus lençóis, com o necrologio do jornalista José Maria dos Santos... O homem estava vivo e protestou. O escritor tentou justificar-se e, ao fazê-lo, ofendeu a família do outro, o verdadeiro morto... Um filho deste protestou em "apedidos" e o romancista do "Doidinho" teve de voltar ao jornal para dar explicações. Em suma: o morto era modesto e, com certeza, nunca esperara tanta atoarda em torno do seu nome... A homonímia dá nisso. Há no Rio um padreiro, chamado Viriato Correia. Pois um dia chegou um caminhão à porta do bibliotecário e dramaturgo, membro da Academia Brasileira de Letras, e descarregou no jardim vinte e cinco sacos de farinha de trigo... Mas não se assustem: não foi há anos e Viriato Correia se aborreceu. Hoje, entretanto, ele seria capaz de trocar a sua glória literária por uma padaria e vinte e cinco sacos de farinha...

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

- 1 — Só serão aceitos, no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer
CONCURSO DE ROMANCE — Foram escolhidos para membros da comissão julgadora os escritores João Luso (da Academia Brasileira), Berilo Neves, crítico do "Jornal do Comércio", e Octávio Tavares, de "Eu Sei Tudo". Daremos, na próxima semana, a relação dos trabalhos recebidos.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.º ORDEM
ANALISE RECEITAS MÉDICAS
COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

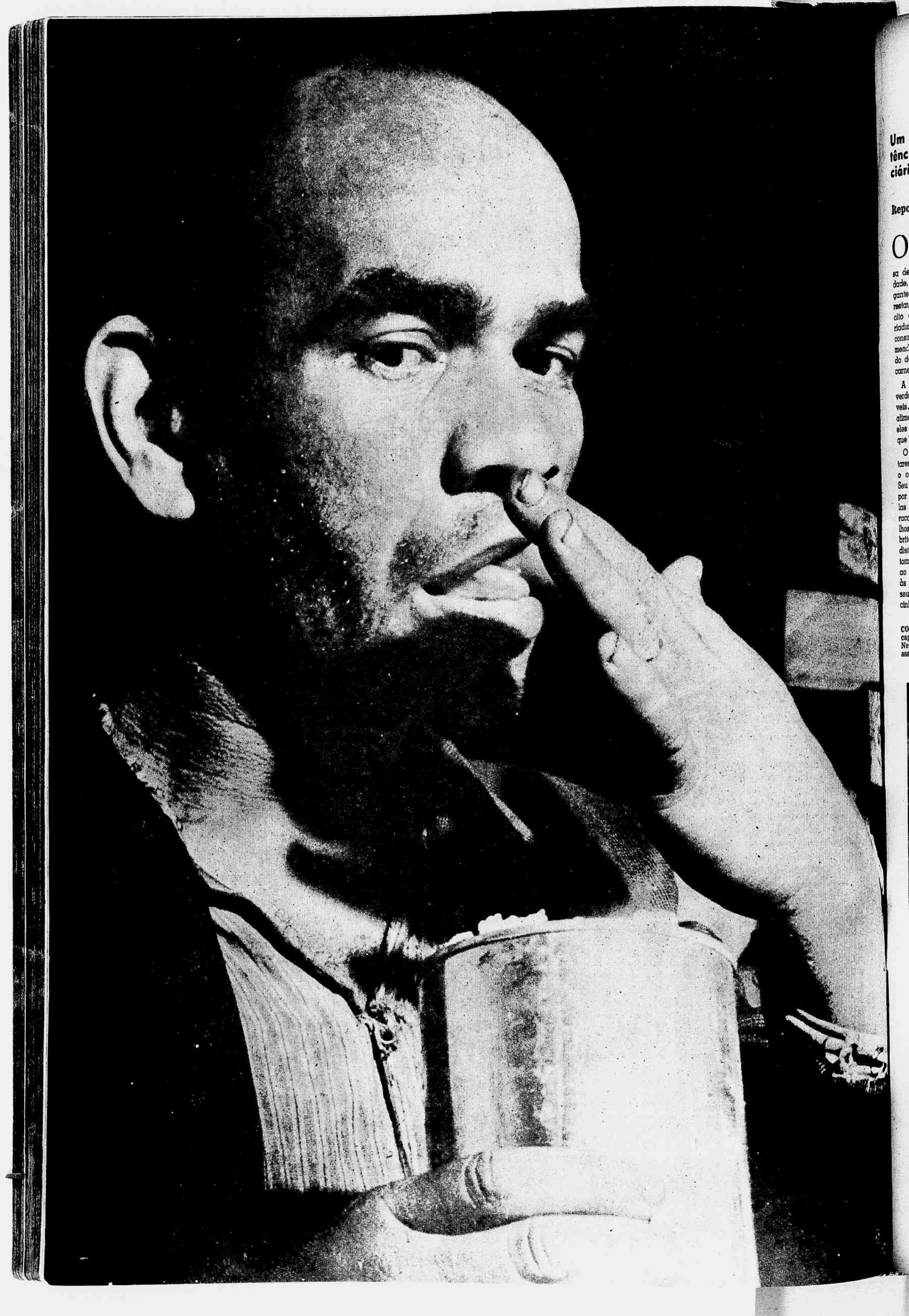
Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓCIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Um
tênc
ciári

Repo

O

sa de
dade,
gante
restau
ollo
radia
consti
menç
do de
carne

A
verda
vels.
allim
eles
que

O

tare
o o
Seu
por
las
raco
lhos
briti
disti
tom
ao
ds
seu
clni

CO
cap
Ne
ass

COMER... EIS O VERBO!

Um milhão de sub-alimentados no Distrito Federal — Trinta e cinco mil trabalhadores das construções civis sem assistência alimentar — Na maior fila do Rio formam diariamente, quase 6.000 pessoas — Os ordenados sobem e o comércio diminui de peso — Os restaurantes da Central, da U. N. E. e o da "Casa do Estudante" — "Homem, não"... tem ingresso no restaurante da rua da Quitanda — Jantar às duas da madrugada — Fome no celeiro?

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O DESAMPARO ao trabalhador braçal, no que se refere à alimentação, é qualquer coisa de espantoso! No centro da cidade, nas zonas mais ricas e elegantes às vezes a poucos passos de restaurante onde o "menu" anuncia alto qualidades de carnes em variados pratos, o trabalhador das construções passa o mês inteiro comendo feijão com arroz acompanhado de um pedacinho de linguiça ou carne seca!

A grande maioria — diga-se a verdade — ganha ordenados razoáveis. Os trabalhadores poderiam alimentar-se bem melhor, mas todos eles comem péssimamente. E por que?

O problema é complexo. Tentaremos resumir-lo. Suponhamos que o oficial de pedreiro seja casado. Seu ordenado será de 60 cruzeiros por dia. Este homem mora nas favelas dos morros da cidade, num barraco de madeira grimpado nos atalhos do morro da Babilônia, dos Cabritos, da Gávea ou num subúrbio distante, em que só a viagem lhe toma umas duas horas para chegar ao local do trabalho. Saíndo de casa às 4 da manhã traz na marmita o seu arroz com feijão com um pedacinho de porco ou linguiça, que o

O MAIOR PROBLEMA DO RIO, ou melhor, de todo o Brasil, consiste atualmente no meio de satisfazer uma das mais elementares funções do organismo humano: comer. Verdadeiros flagelos vem suportando heróicamente a população carioca: não há onde morar, os transportes são precários, as diversões têm preços proibitivos e, para culminar esses supícios, os gêneros de primeira necessidade escasseiam assustadoramente. Belo tempo aquele em que o refrão garantia — com o pesar de muitos — que o Brasil era um país essencialmente agrícola. Hoje em dia, não é ainda industrial e já não é mais agrícola. E' o país dos sub-alimentados. Na Capital Federal, onde estão reunidos os Ministérios, repartições autárquicas, grandes guarnições militares de terra, mar e ar, institutos e empresas oficiais, o auxílio governamental ao problema da alimentação é, todavia, insignificante. Um sindicato profissional com trinta e cinco mil trabalhadores ainda não possui um único restaurante! As experiências feitas por algumas instituições — coroadas de pleno êxito — não tiveram seguidores. Os diversos Institutos de Aposentadorias e Pensões já arrecadaram dos patrões e empregados mais de UM BILHÃO DE CRUZEIROS e não resolveram o problema básico de assistência: comida sadia e barata. O resultado tem sido o índice sempre crescente de tuberculosos na capital da República, doença que ataca preferencialmente os sub-nutridos. Um conhecido nutricionista já disse certa vez que "sem uma boa cozinha não se trata a tuberculose". Se não podemos dar mais leitos para os 100.000 físicos do Rio (existem nesta capital apenas 2.000 leitos, incluindo os dos hospitais particulares) devemos evitar, ao menos, o agravamento do mal, fornecendo aos nossos operários, comerciantes e estudantes, uma alimentação racional, em restaurantes classistas e subvencionados.

Esta reportagem pretende focalizar o desamparo em que vivem algumas das classes trabalhadoras e, de outro lado, o benéfico resultado das instalações das cozinhas populares. Com exceção da minoria que paga impostos sobre lucros extraordinários e pode suportar as escorchantes notas de despesas dos restaurantes granfinos, nos quais um almoço custa em geral cinquenta cruzeiros, a grande maioria da população carioca come mal. Muitos por ignorância, por falta de orientação adequada; outros, perfazendo a maioria absoluta, por falta de alimentos baratos (às vezes por falta dos próprios alimentos), de restaurantes assistidos pela municipalidade e autárquicas, enfim de eficiente amparo oficial.

O Rio tem aproximadamente quase dois milhões de habitantes. Possui — na melhor das hipóteses — MAIS DE UM MILHÃO DE SUB-ALIMENTADOS, um milhão de predispostos aos ataques do bacilo de Kock, que se naturalizou brasileiro há muitos anos...

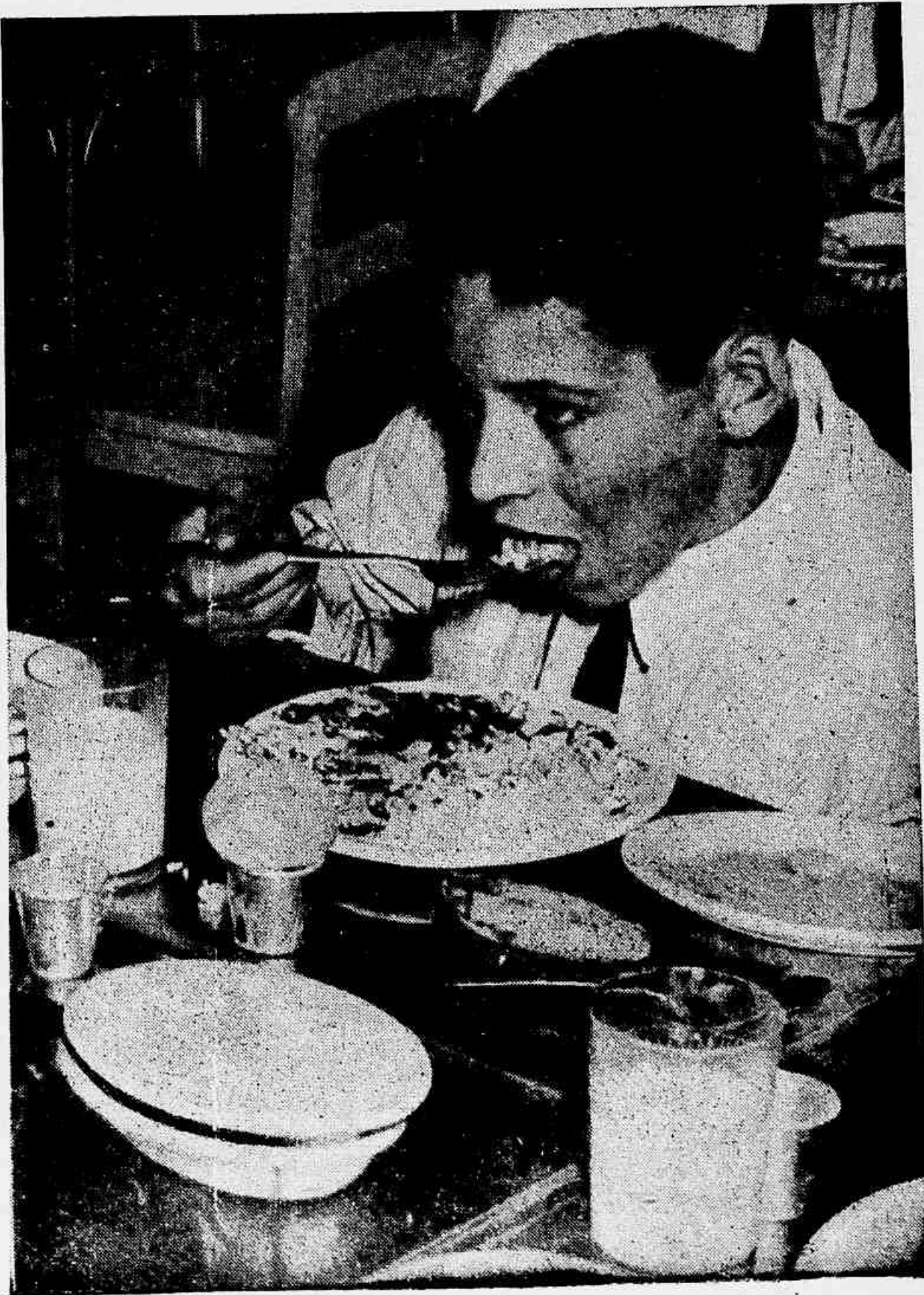
ajudará a empurrar a matulagem. Este será o seu almoço de todos os meses, de todos os anos, de quase toda a sua vida! Às 11 horas esquentando a "bola", compra um pouco de cachaca (só o poder estimulante do álcool poderá tornar apetecida aquela pobre bola...) e come mesmo com a mão. Com os seus ordenados poderiam trazer alimentos melhores, mas a isto não estão acostumados e a aquisição de verduras e legumes é quase que impossível nas favelas onde a maioria reside.

Não há restaurantes honestos que lhes forneçam uma comida sadia por 3 ou 4 cruzeiros nas imediações dos locais onde trabalham e a solução é trazerem de casa qualquer coisa para encher o estômago.

O resultado desse regime alimentar é a sub-nutrição em que se encontram os nossos trabalhadores braçais. Os incorporadores, construtores e às vezes, os próprios mestres de obras vivem a se queixar do pouco rendimento da mão de obra em comparação com o seu custo atual.

Mas se esquecem que nunca procuraram tecnicamente solucionar a parte mais importante para a formação da resistência do operário, que é a sua maneira de alimentar

COMER! Verbo de conjugação difícil para a população do Rio. Verbo muito mal conjugado por 40 milhões de brasileiros. Na página à esquerda, um sem-trabalho das ruas da capital, prova, gulosamente, o seu jantar, às 2 da madrugada. Dentro da lata estão os restos de todos os pratos do restaurante. Resto de muitos para a fome de alguns... Nesta página, à esquerda: sentados na sargeta de uma rua da Lapa, mendigos e desempregados saboreiam a refeição da madrugada. O número desses esfaimados vem aumentando assustadoramente nesses últimos anos. A direita: Um pequeno comerciante dá mostras do seu bom apetite durante o almoço no restaurante do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, no sub-solo do Edifício-sede, à rua México. Nos restaurantes controlados pelo S.A.P.S. ainda se vê um precioso alimento — o leite.





O restaurante do I.A.P.C., aberto com o intuito de servir somente aos comerciários, ampliou sua assistência a todas as classes. Hoje ali almoçam diariamente perto de 6.000 pessoas, entre as quais médicos, advogados, estudantes, porteiros, trabalhadores braçais, etc.



O restaurante especializado para amigos do Bar e da Rua da Quitanda, nº 53. Ali, desde a sua inauguração, no ano de 1930, só mulheres podem frequentar. A entrada do repórter e do fotógrafo foi um acontecimento espetacular.



Um outro restaurante do S.A.P.S., localizado na sede da U.N.E., à praça do Flamengo, serve diariamente a 1.800 estudantes. O ginásio Adauto Aquino, em primeiro plano, na foto, confessa que é a salvação de muitos estudantes que, como ele, recebem mensagens modernas.

se. Nessa ponto são eles deixados à sua própria sorte. Que arranjem os alimentos como quiserem ou melhor, como puderem.

A VIDA DE SOLTEIRO É MELHOR

Isso é o que diz a modinha e também o que dizem os que ainda não têm responsabilidade de família entre os operários das obras. Há relatividade nesse "melhor", como pudemos observar. Estávamos numa grande incorporação do bairro de Fátima, obra colossal que dará aos incorporadores e construtores um lucro líquido nunca inferior a 5 ou 6 milhões de cruzeiros! Ali trabalham atualmente perto de 60 operários não se contando os das firmas subempreiteiras. Chegamos às 11 horas, quando se iniciava o almoço. Em todas essas construções vê-se uma infinidade de pequenos fogões feitos com quatro ou seis tijolos, onde são esquentadas as marmelas. Cada turma de operários, ou mesmo cada trabalhador tem o seu próprio fogão e suas próprias panelas. Os empregados dão a cada grupo o nome de "pensão". "Pensão do Bastião" — já se sabe — é aquela fogão de propriedade do pedreiro Sebastião onde ele e os amigos fazem o seu almoço. Dirigimo-nos a uma que, pelo número de agrupados em volta do fogo, parecia ser a mais importante.

— De quem é esta pensão? — perguntamos.

— Ah, seu moço, esta é a pensão do Tom Mix — responde-nos um mulato sorridente.

— E quem é Tom Mix?

— Uai! Pois então o senhor não vê logo pelo chapéu que sou eu?

Pelo "uai!" via-se também que esse Tom Mix era mineiro. Ele nos contou que aquela pensão pertencia a quatro operários todos de Minas, sendo três proprietários e um pensionista.

— Mas aqui também existem pensionistas?

— E' assim seu moço. Eu, o Joaquim e o Maurílio compramos as panelas e fazemos a comida. O Lino não tem trabalho nenhum. Só o de comer. Por isso paga 50 cruzeiros por semana.

— Por almoço e jantar?

— Almoço e jantar com sobremesa, catê e cerveja...

— que vocês comem?

O ajudante de pedreiro Lino interveio para reclamar: — A comida não varia. "seu" repórter. E' feijão com arroz no almoço e na janta o mês inteiro. P'ra temperar tem um pedaço de linguiça, uma orelha de porco ou um pedaço de carne seca. No dia que tem feira perto nós compramos laranja e banana. Só mesmo com uma cervejinha ou uma "pinga" é que a gente aguenta essa gororoba...

E assim como a pensão do Tom Mix eram todos os outros "fogões" dessa e de outras obras. O escalado para cozinhar levantara-se às 4.30 ou 5 horas para cozinhar o feijão e o arroz para o almoço. À tarde, depois do serviço, prepara os mesmos pratos para o jantar. Não há exceção. Todos se alimentam mal. Por inércia por falta de orientação que vem desde o berço. Seus pais e seus avós já comiam a mesma coisa e seus filhos, por certo, terão igual passado. Uma vez ou outra no mês nos dias de pagamento, descem para o restaurante de terceira ordem da cidade, onde se empanurram e bebem. Homens que pegam num trabalho duro, oito horas por dia, passam anos sem tomar um copo de leite, sem comer verdura batatas e outros alimentos nutritivos. Os solteiros dormem ali mesmo nos apartamentos em construção, sobre sacos de cimento, cobrindo-se com cobertores que já perderam a cor. Perguntamos a um parolão de Alagoa Grande se ele não preferia ter o seu quarto numa casa mais confortável.

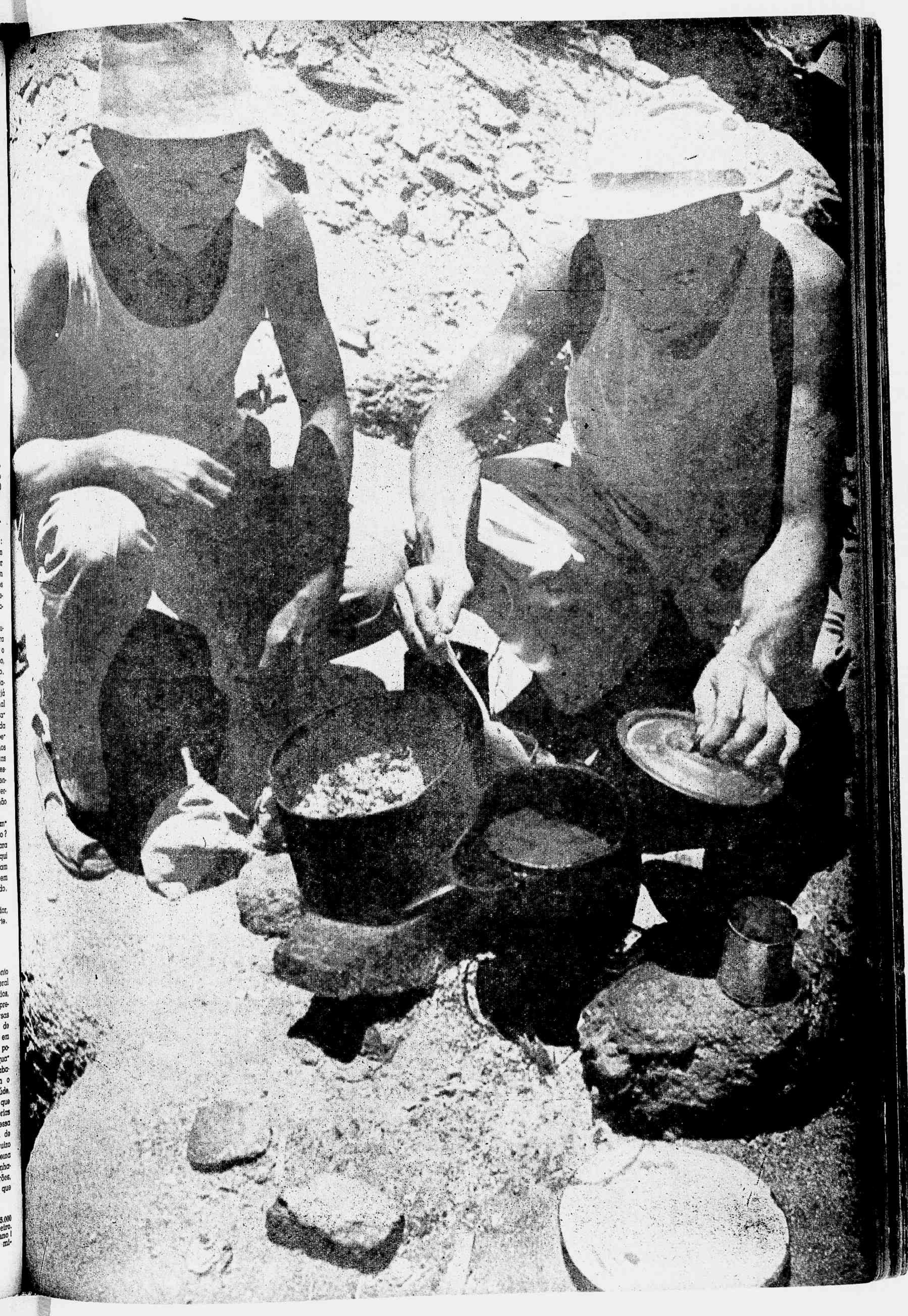
— Preferir eu prefiro — disse-nos na sua voz cantada de nordestino. — Mas onde vamos encontrar quarto? Só se a gente for morar num barraco no morro, ou lá para os lados da Pavuna. O melhor é a gente ficar por aqui mesmo. O construtor gosta disso, porque os que moram na obra não faltam ao trabalho. Se os casados pudessem trazer suas mulheres para aqui bem que já teriam vindo. Na construção, a vida de solteiro é melhor...

São assim, resignados. Dormem mal, comem pior, mas em compensação não têm dificuldades de transporte.

O REPORTER E O OVO DE COLOMBO

De acordo com informações obtidas no Departamento de Geografia e Estatística da Prefeitura do Distrito Federal e no Sindicato de Construções Cíveis o número de prédios, atualmente em construção orga pela casa dos 12.000, empregando um total de 35.000 trabalhadores. Em diversas zonas da cidade, como Copacabana, Castelo, bairro de Fátima e muitos outras, a proximidade dos edifícios em construção reúne número considerável de operários, podendo-se calcular que numa área de um quilômetro quadrado trabalham 5.000 homens. O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção Civil junto com o S.A.P.S. e o próprio Ministério da Educação e Saúde, bem poderiam organizar um sistema de restaurantes que se estabelecessem provisoriamente no local das próprias incorporações, fornecendo comida sadia e racional a essa massa imensa de trabalhadores braçais. Com preços de 3 ou 4 cruzeiros por uma refeição não haveria prejuízo para os cofres municipais e estaria resolvido o problema de alimentação do trabalhador. Com tal medida ganhariam todos: os operários melhor alimentados; os patrões, que veriam render mais a mão de obra, e a nação que

Na página à direita: — E' assim que se alimentam 35.000 trabalhadores das construções civis no Rio de Janeiro. Arroz com feijão toda a semana, todo o mês, todo o ano! Esses homens sub-nutridos aumentam anualmente o milhão de tuberculosos existentes em nosso país.



teria nesses homens ridículos fortes menos predispostos à tuberculose. Com restaurantes dessa natureza o próprio hábito da comida varia a desaparecer. O Instituto dos Industriários, cuja finalidade principal é a de amparar e cuidar do trabalhador, parece que ainda não pensou em uma medida tão eficaz. Ou se já teve a ideia dormiu sobre ela e ainda não a pôs em prática.

Se os órgãos oficiais quisessem poderiam prestar serviço inestimável, a campanha de alimentação do nosso povo, mal nutrido, tão predisposto às doenças infecciosas e tão ignorante no que se refere a comer bem. Fica aqui

uma ideia simples e provável, verdadeiro ovo de Colombo para solucionar parcialmente esse problema importantíssimo.

UM GRANDE EXEMPLO QUE NÃO FOI SEGUIDO

O restaurante do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, funcionando no subsolo desse Instituto, à rua México, cumpre uma das mais nobres e úteis finalidades de assistência à grande classe dos empregados. Quando inaugurado, foi pensamento dos dirigentes do

Instituto reservado apenas para os comerciantes. Mas a situação foi mudando de tal modo, com empregados das mais diversas categorias, que o restaurante foi transformado a todos os níveis. Hoje almoça ali qualquer pessoa. O preço é o mesmo desde a dia da abertura a 26 de janeiro de 1945: três cruzeiros a refeição. Os médicos nutricionistas poderão achar pouco em sua miséria, viam mais e queriam a razão ali servida. Em compensação, comer-se um pouco melhor — e por muito pouco — do que se forma nos outros restaurantes. Ali almoçam diariamente 1.800 pessoas das mais diversas classes sociais. Chegando cada qual a sua bandeja sentando-se lado a lado encontramos o carregador e o advogado, o estudante e o comerciante. O engraxate que nos servia há pouco está conversando agora com uma estudante da Escola de Belas Artes. O cardápio básico compõe-se de feijão, arroz, carne e um prato de legumes cozidos. Cada pessoa recebe ainda uma banana ou uma laranja, um copo de leite e ao lado um saquinho. Dentro da inflação dos preços de hoje o funcionamento desse restaurante apresenta um auxílio inestimável às classes menos favorecidas. Durante muito tempo a despeito — gentem bem, senhores "bubantes" — foi equilibrada pela receita. Só agora, nesses últimos meses com o aumento do leite e do pão, têm aparecido "defeitos" mensais de uns a mil cruzeiros. Fomos informados que o ex-presidente do Instituto dos Comerciantes, sr. Benjamim Farah, se alarmara com tamanho "prejuízo" e resolveu subir o preço da refeição. Para o bem da classe dos comerciantes, tal não aconteceu. O sr. B. Farah demitiu-se e o atual diretor interino proibiu qualquer aumento declarando que o Instituto pode muito bem suportar aquele "defeito" mensal. Se o exemplo dessa instituição fosse seguido pelas demais autarquias do Rio e mesmo de outras cidades, estaria resolvido — pelo menos quanto ao almoço — a dificuldade da alimentação barata. A maioria dos nossos Institutos como o dos Bancários, Industriários, Transportes e Cargas Marítimas — grandes coletores de taxas sobre os salários — arrecada os justamente com o intuito de promover melhor assistência aos empregados não possuem restaurantes idênticos. O governo que por sua vez está devendo mais de um bilhão de cruzeiros a esses Institutos — sua contribuição para a aposentadoria e pensão dos trabalhadores — poderia investir tal importância na construção de estabelecimentos congêneres ficando obrigado cada Instituto a organizar e manter o seu restaurante sob fiscalização direta do S. A. P. S.

Se há realmente vontade de proteger a saúde e o bolso do trabalhador nada mais aconselhável.

"NÓS SOMOS OS SACRIFICADOS"

Quem passa pela rua México ou Graça Aranha, entre 11 e 13 horas já conhece a maior fila do Rio. É a fila do restaurante dos Comerciantes. Conta em média com algumas pessoas; à medida que as pessoas da frente vão penetrando no subsolo outras vão chegando e a fila só decreta depois das 12.30. Procuramos conversar com um representante da classe média do Rio que pacientemente acompanhava os olhos daquela enorme bicha. Disse-nos o seu nome: Antonio Leal, comerciante, solteiro, maior de idade, trabalhando num escritório da Esplanada da Castelo. Ordenado: Cr\$ 600.00 mensais.

Perguntamos-lhe se o seu ordenado não lhe permitia almoçar em outro lugar:

— Pois, sim!... O meu salário anda sempre aquém do custo da vida sem alcançá-lo nunca. Há 5 anos ganho apenas metade do que agora ganho e passava muito melhor. Almoçava meia porção nos restaurantes com minha sobremesa e no fim do mês ainda sobrava dinheiro. Hoje sou obrigado a "pegar" todo dia essa fila, jantar num "chinel" da Lapa e sair sempre sem um tostão no bolso. Nós os da classe média somos obrigados a andar engarrafados e com o estômago vazio. Nós é que somos os verdadeiros sacrificados.

Quando nos despedimos desatando-lhe um "bom apetite" ele nos chamou para dizer:

— Quando eu ganhava Cr\$ 400.00 pesava 60 quilos; hoje, ganhando o dobro, peso apenas 54...

— Sinais dos tempos — dissemos.

E ele sorriu:

— Que, nada! Questão de "peso", apenas.

TRIGO QUE SOBROU DO JOJO

Que as instituições oficiais e oficiais podem amparar sem graves prejuízos para os seus interesses financeiros a alimentação do trabalhador em geral, está mais do que provado com os poucos restaurantes que se abriam com essa finalidade. Um deles é o Restaurante da E. F. Central do Brasil, localizado no 8º andar do seu edifício. Esse restaurante serviu até o mês de junho deste ano refeições aos trabalhadores e funcionários em geral da Estrada de ferro de — acreditem! — de sessenta centavos o almoço! Antes da modificação do horário para os funcionários administrativos daquela ferrovia, que entravam às 9 da manhã com intervalo regulamentar para a refeição, aquele restaurante servia em média a 1.000 empregados por dia. Atualmente os funcionários administrativos têm novo horário: entram às 11 horas em geral já almoçados. O preço subiu em julho deste ano para Cr\$ 2.00 por refeição. A mudança de horário e o aumento de preço são responsáveis pelo decréscimo do número de refeições servidas sendo atualmente fornecidas apenas 300 almoços. Assim mesmo ainda é um benefício inestimável para os seus trabalhadores de linhas, guarda-chaves, ma-



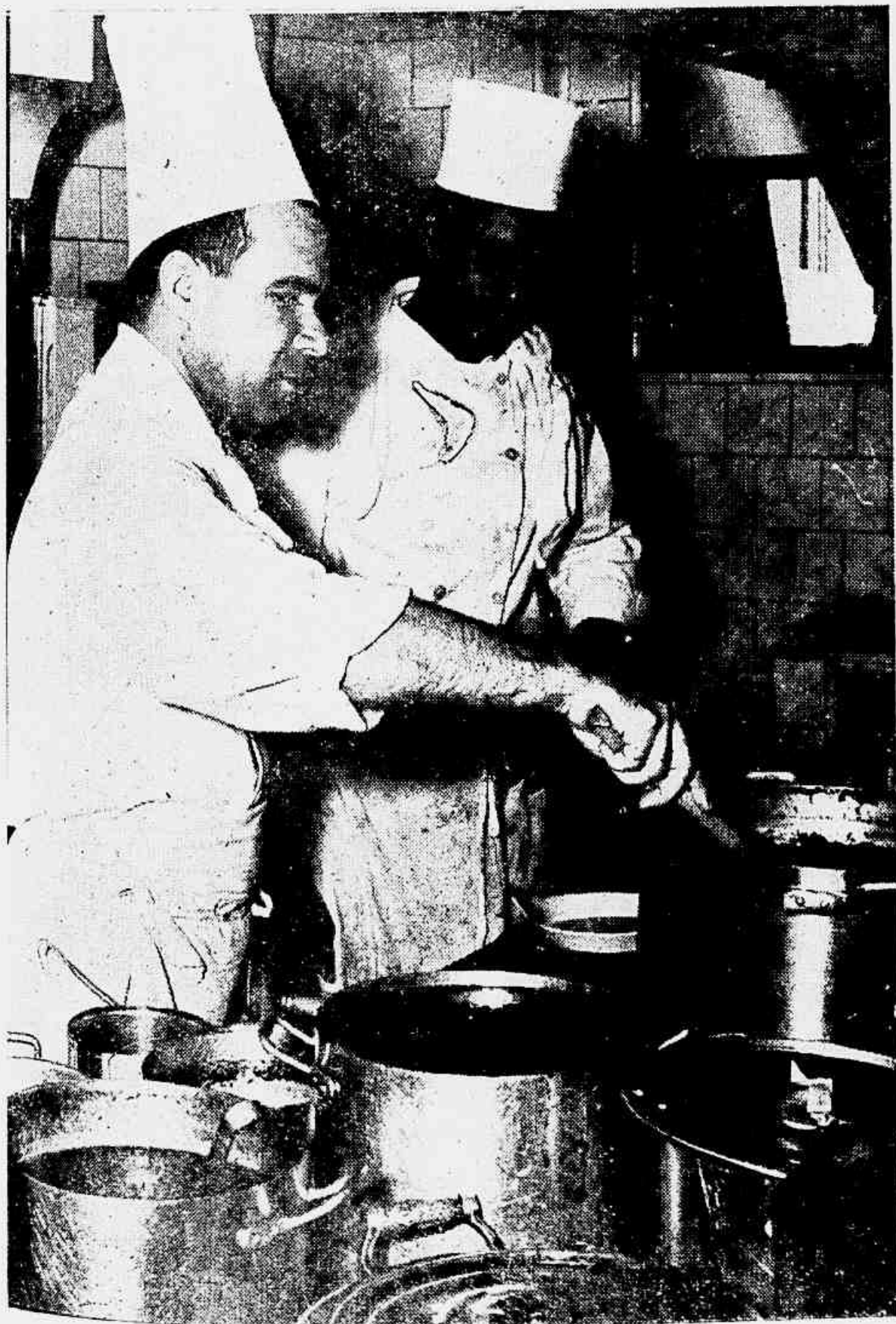
A maior fila do Rio! A fila do almoço do I. A. P. C. Nunca menos de algumas pessoas estão formadas, das 11 às 13 horas, nessa bicha gigantesca. Como recompensa à paciência inigualável, um verdadeiro milagre: almoço com leite e pão como acompanhamentos, e três cruzeiros!



Esse ex-marinheiro — segundo nos declarou — faz parte dos atuais indigentes da "cidade maravilhosa". Depois que tomou o primeiro gole da sua "sopa" ele nos disse: — "Hum! Parece que hoje comeram peixe nesse restaurante..."



— Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, descendente de ilustre família pernambucana". Depois dessa enfática declaração, trincou famelicamente um pedaço de pão duro que pudera obter do dono do restaurante para acompanhamento da sua "sopa".



Este "mestre-cuca" do restaurante da A.B.I. percebe cinco mil cruzeiros mensais de ordenado, preparando pratos para os profissionais da pena, a maioria dos quais não ganha tanto como este cozinheiro. Diariamente quase 300 presos fazem ali suas refeições.



D. Anastazia é dona de uma pensão que fica quase perto do céu. Sobe-se morro, galga-se escadas, espera-se na fila... e com tudo isso seus pensionistas elevaram-se de trinta, há oito anos atrás, para quase duzentos hoje em dia.



Esta jovem estudante do Pedro II vem de longe, diariamente, almoçar no restaurante do I.A.P.C. — Almoçar por pouco dinheiro hoje em dia é muito difícil. A direita: — "Emilia, Emilia, não posso mais..." — gritam os pensionistas para a garçonete a todo instante e ela, da sala para a cozinha e vice-versa, anda 16 quilômetros por dia na sua faina. Na página ao lado: — "Feijão com couve que sustância pode dar?" — dizia a letra da modinha. Hoje, até essa verdura já desapareceu da mesa do operário. Este servente almoça e janta quatro quilos de feijão com arroz por dia, com um pedaço de linguiça para temperar! Cozinha ali mesmo na obra, porque nas imediações não encontra um restaurante que lhe dê bastante comida por pouco dinheiro. Apesar de sua aparente fortaleza é um subnutrido, facilmente sujeito à tuberculose, como provam as estatísticas do Distrito Federal. A tísica sempre foi uma doença dos pobres, isto é, dos que se alimentam mal.

quinistas, foquistas e funcionários do escritório que, por modesta quantia, podem se alimentar regularmente.

Embora com apreciável "deficit" no seu orçamento o restaurante é mantido, pois a administração da Central compreende que a boa saúde dos seus empregados representa grande fator no seu índice de trabalho. E a ajuda nesse setor é a melhor assistência de que o trabalhador necessita.

UMA GRANDE VITÓRIA DA U. N. E.

Uma das maiores iniciativas da União Nacional dos Estudantes no Distrito Federal foi a obtenção de um restaurante popular nas suas dependências.

Mantido pelo S.A.P.S., que fornece os alimentos e o pessoal da copa e cozinha, o restaurante da U.N.E., na praia do Flamengo está fornecendo almoço e jantar a 1.800 estudantes por dia. Fato singular é que é o único restaurante sob a direção do S.A.P.S., que fornece almoço e jantar aos domingos, dias santos e feriados. E sempre pelo mesmo preço: dois cruzeiros a refeição. Observamos que o "menu" do dia era um pouco superior aos dos restaurantes do S.A.P.S. e o secretário da U.N.E., nos observou:

— Foi outra vitória nossa. Conseguimos que o Serviço de Alimentação melhorasse o cardápio daqui. Vantamos diariamente a qualidade do feijão: hoje é feijão manteiga; amanhã, será feijão preto; depois feijão branco, etc.

— Qualquer estudante pode almoçar aqui? — perguntamos.

Um estudante de medicina nos informou:

— Quando foi inaugurado o restaurante se destinava somente aos universitários. Entretanto, a U.N.E., a quem foi entregue a administração, estendeu esse benefício aos alunos do curso secundário que hoje são a grande maioria dos seus frequentadores.

— É necessário para frequentá-lo somente a apresentação da carteira?

— Além disso, é obrigatória a ficha de saúde, mediante exame feito em nosso Departamento Médico neste mesmo edifício. Se o indivíduo for portador de moléstia contagiosa ficará proibido de frequentar o restaurante. Isso, em benefício dos demais estudantes, para evitar uma possível contaminação. Depois da obrigatoriedade desse exame já passaram pela radiografia mais de 700 estudantes e continuamos a radiografar os restantes.

— Alguma eliminação?

— Até agora 8 foram eliminados por tuberculose. E a maioria era de doentes, em estado de sub-nutrição.

Perguntamos a um cozinheiro desde quando fazia suas refeições ali. Disse-nos ele:

— Desde que cheguei ao Rio, no ano passado. É o único meio de se poder manter com a mesada de casa. Uma vez por mês faço uma farfinha num restaurante gratinado para variar.

Ali na U.N.E. não havia reclamação contra a "boia". Pediram somente que a direção do S.A.P.S. aumentasse o número de empregados da cozinha, pois os que estão lá são insuficientes para atender o número de estudantes que aumenta todo mês. Aqui fica o apelo.

RECLAMAÇÕES CONTRA A "CASA DO ESTUDANTE"

Não podemos afirmar que as declarações que ouvimos representem a opinião dos 78 jovens que residem na Casa do Estudante. Os poucos que pudemos entrevistar foram, entretanto, unânimes em condenar a administração atual dessa instituição que segundo os entrevistados, se desviou completamente da finalidade social a que foi destinada. Pediram-nos não registrássemos os seus nomes, por isso poderíamos registrar grandes aborrecimentos.

— Esta casa que deveria ser para o estudante pobre, quase só abriga estudantes de recursos. Isto porque o preço que temos que pagar pelas vagas e pela comida é exorbitante. Morei com mais dois companheiros e pago pela vaga Cr\$ 300,00 mensais; o almoço e o jantar custam Cr\$ 12,00 por dia. Só aí são quase Cr\$ 600,00 mensais. Qual o estudante pobre que pode pagar isso.

— E a comida?

— É muito inferior à da U.N.E., que custa apenas dois cruzeiros. A nossa nem esta importância vale.

Um estudante de medicina que nos acompanhava continuou:

— Eu, na minha pensão, morando sozinho e com liberdade, pago menos. E depois, para arranjar uma vaga aqui é preciso proteção. É claro que só os estudantes ricos estão na fila.

— E reclamar — continuou o nosso informante — é coisa que não adianta. A direção não tem o menor interesse em defender as necessidades da classe. Mas se você quer saber algumas das nossas reclamações tome nota: — vagões mais baratas; mudança da roupa de cama pelo menos de 15 em 15 dias e comida melhor, por preços populares como os do S.A.P.S.

SÓ PARA MULHERES

Um dos mais interessantes restaurantes do Rio é o da Associação das Senhoras Brasileiras, na rua da Quitanda. Inaugurado em 1920, até hoje nunca serviu refeições a um só homem! Todos os seus empregados são do sexo feminino, assim como sua numerosa clientela. Mundo no

aquela organização beneficente, cobrava antigamente mil réis o prato. Atualmente paga-se três cruzeiros e mais de 800 moças do nosso comércio fazem ali suas refeições. O prédio da rua da Quitanda 58 é todo ocupado pela associação, possuindo em cima, quartos que também são alugados exclusivamente a moças. Neste restaurante encontramos uma campeã de assiduidade, na pessoa de uma senhora que não quis nos declinar o nome e que almoça naquele local há 23 anos! Nossa entrada imprevista no recinto do restaurante causou sensação. Havia moças e senhoras por todos os lados, simpáticas, bonitas, jovens, idosas. E fomos os ouvidos um vózio bem feminino, intenso como só as filhas de Eva conseguem fazer.

D. Stella de Faro, sua abnegada presidente e fundadora tem grandes projetos para ampliar a instituição. Espera construir em Santa Tereza num terreno doado pelas religiosas carmelitas, um grande prédio residencial, com capacidade para 1.000 pensionistas. Será uma contribuição magnífica, de amparo e assistência às moças que trabalham nesta grande cidade onde a moradia e a alimentação se tornam problemas de solução cada vez mais difícil. Esperamos que as nossas autoridades prestigiem firmemente os planos dessa benemérita instituição.

UMA PENSÃO PERTO DO CÉU

Na nossa "via crucis" pelos lugares onde o Rio almoça não poderíamos ficar esquecidas as pensões, posto intermediário entre o restaurante barato e o de luxo. É bem verdade que existem pensões para todos os preços, até a 15 cruzeiros a refeição. Mas estas são exemplo da subida vertiginosa dos preços e não representam a grande maioria. Procuramos em nossa peregrinação focalizar uma de tipo médio, que representasse a generalidade. Um nosso companheiro começou a contar maravilhas de uma pensão de poloneses existente na rua Francisco Muratori. Fomos até lá. Subimos o morro de Santa Tereza até quase o meio; enfrentamos depois uns 30 degraus; lá em cima deveríamos estar a "boia" prometida. Como em todas as pensões, o movimento era grande tendo o repórter que esperar que uma mesa esvaziasse. D. Anastazia, sua proprietária, uma polonesa que veio sabidamente, há uns bons dez anos para o Brasil, aqui se dedicou desde o início ao fornecimento de pensão como meio de vida. Em 1937 o preço da refeição era de dois cruzeiros, a frequência pequenina e o "menu" o mais variado possível. Contou-nos um pensionista que ali almoça desde aqueles tempos que, então, o prato de repescaria era a bacalhã. A pensão não ser-

(Continua na pág. 31)

'Emi-
faina,
vente
a res-
Dis-

e mil
tis de
es. O
caso-
o ali-
ontra-
a se-
a na-
no re-
cas e
vens,
linino.

undar
. Es-
pelus
com
uição
trabo-
tação
ifficil.
firme

moça.
Inter-
bem
até a
ubida
mocio-
a de
ncoso
onsão
omes
melo;
veria
es, o
que
uma
anos
mest-
crepo
misti-
um
eu"
ser



B O M H U M O R

TIPOS DE RESTAURANTES



O inspetor dos talheres.



O esfarelador de pão.



A que quer ajudar ao "garçon".



O aparador de pingos.



O que quer sal... e quer, ainda, que o salteiro funcione!



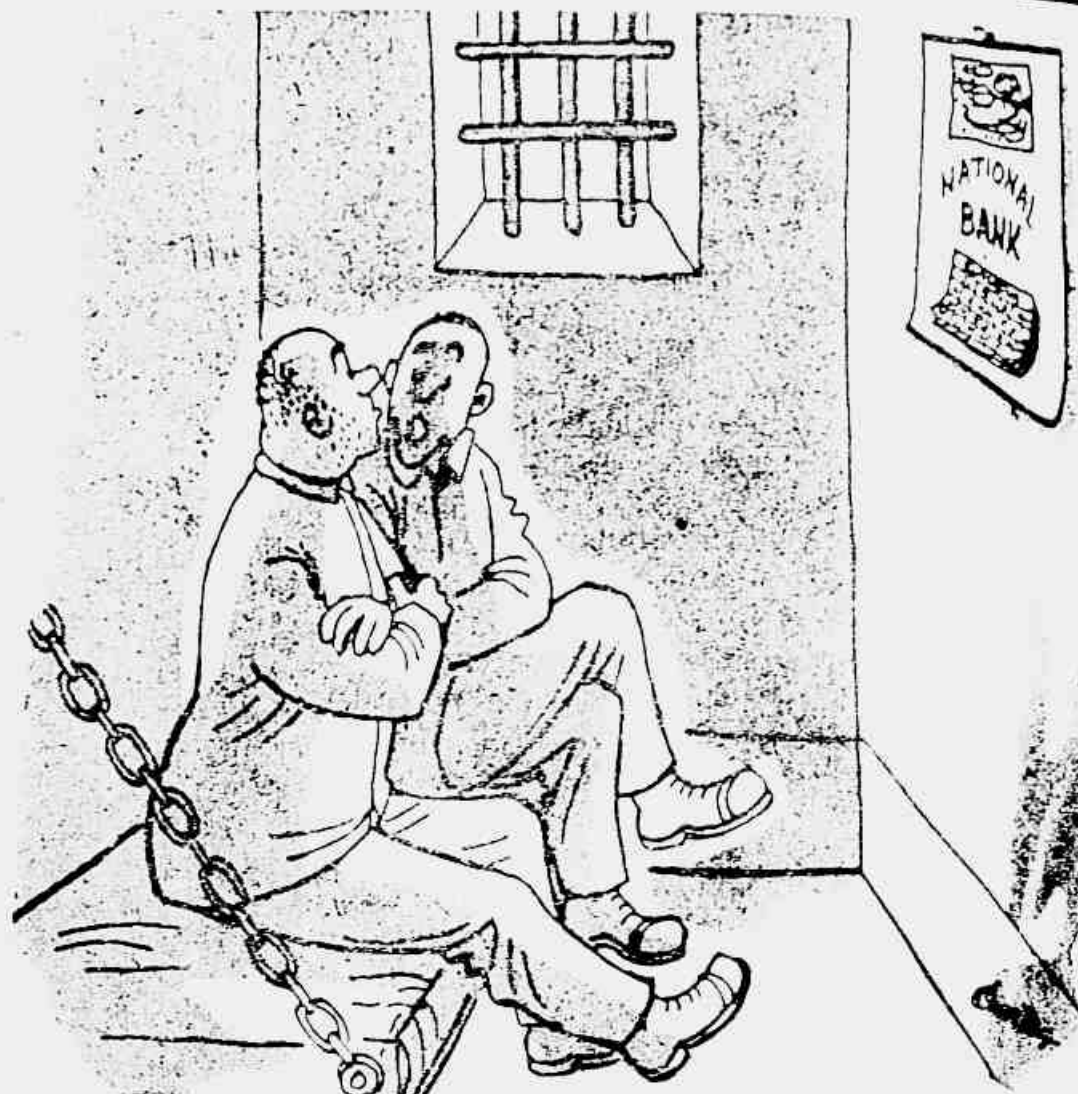
A indecisa na hora de escolher a sobremesa.



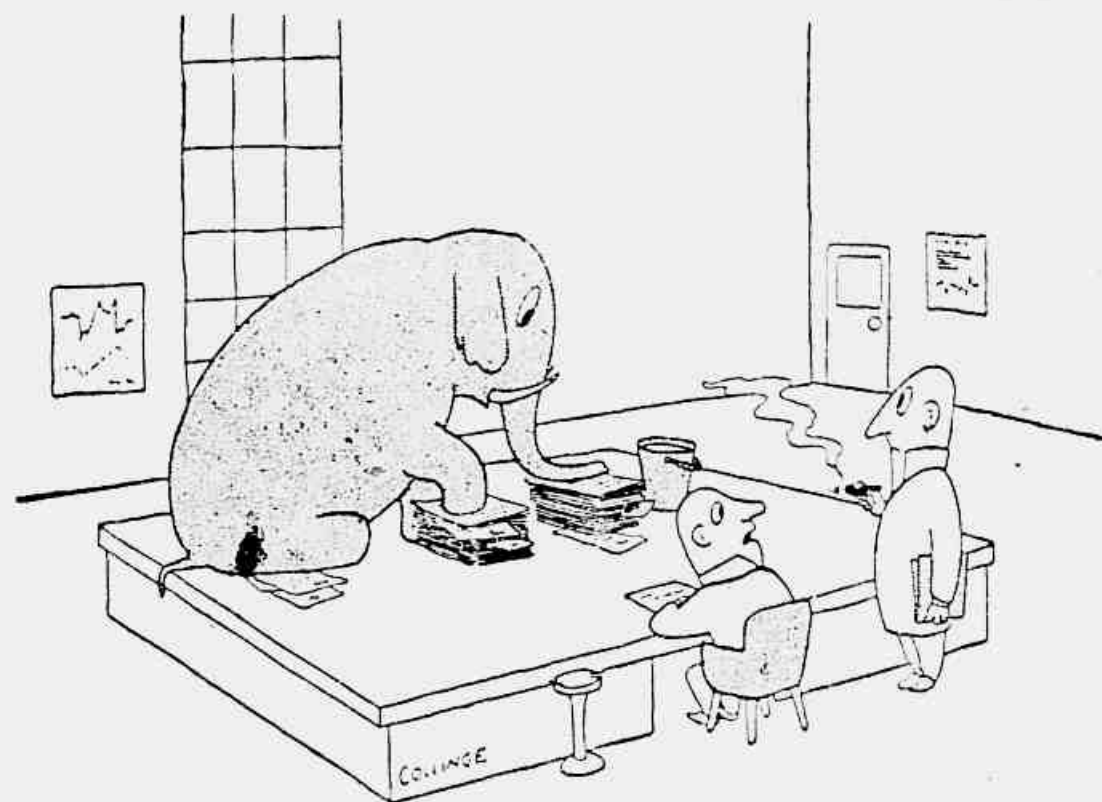
O que come com "elevação".



O que se arrepende do que escolheu depois de ter começado a comer.



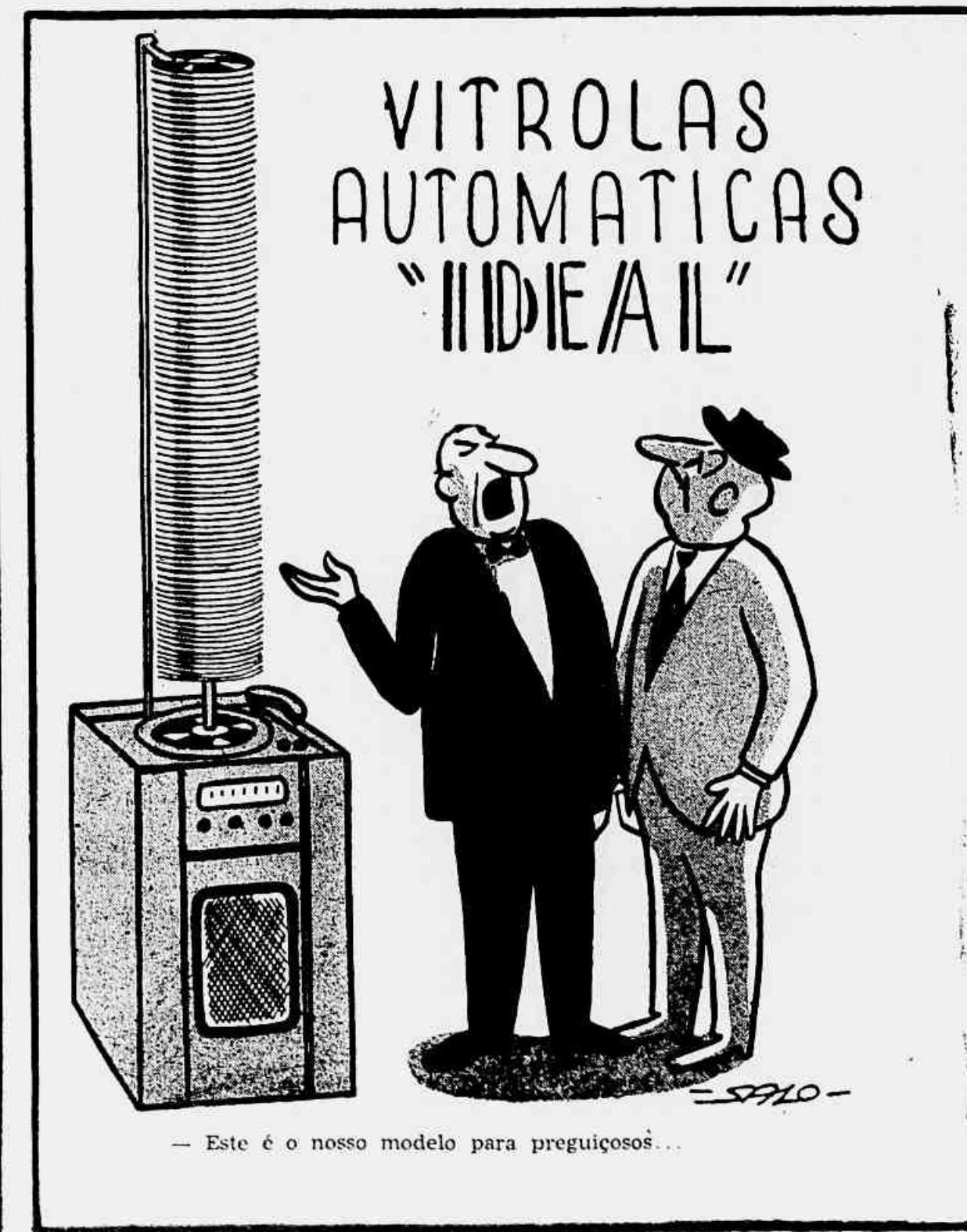
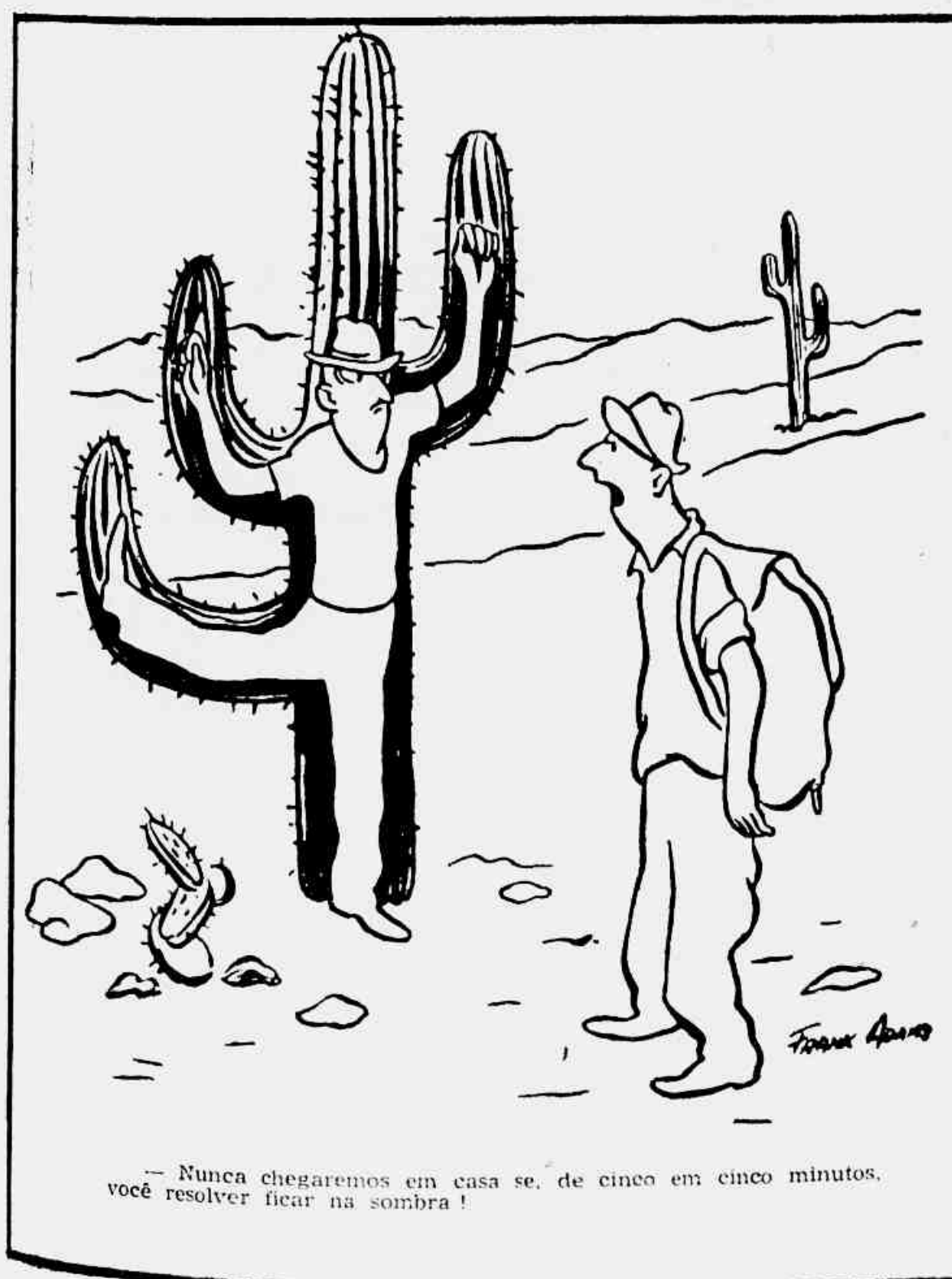
-- O banco não guardou rancor algum... Todos os anos ainda me manda um calendário.



-- Trata-se de um animal muito útil como pesa-papéis... Não compreendo como você tem a coragem de me chamar de exibicionista...



-- É muito tarde, Rosalina... Mas eu bem lhe disse que não devia dançar com aquele pitor de cartazes.





A 18 de fevereiro de 1919, na cidade de Rio Claro, Estado de São Paulo, nasceu Raul Brunini Filho, o sóbrio locutor que diariamente comanda os programas de estúdio da Rádio Globo, além de auxiliar as transmissões esportivas dessa mesma estação. Iniciando sua atividade radiofônica ao microfone da Rádio Club de Rio Claro, logo após concluir seus estudos ginasiais, não resistiu à tentação de atuar no "broadcasting" carioca, tal como o fizeram diversos companheiros seus. E, assim foi que, um belo dia, seus pais lograram ouvi-lo na faixa da Tupi que o havia contratado com exclusividade, depois de o submeter a um severo "test". Na emissora associada, Raul Brunini foi escolhido para locutor do "Grande Jornal Tupi", uma vez que seu timbre de voz e sua perfeita diction eram características essenciais a esse programa, cujo número de ouvintes atingia a cifra dos milhares. Além do jornal, era ele narrador da "Família Borges", programa orientado pela Coordenação Americana e com o concurso de vários elementos do rádio carioca. Foi quando surgiu no panorama radiofônico a PRE-3, contratando grandes cartazes e reunindo figuras de primeiro plano na arte do microfone. Raul Brunini foi um dos visados. Ante as vantagens da proposta da Globo só lhe restava aceitá-la. Hoje, integrado na família PRE-3, ele divide o seu tempo entre os livros de Somerset Maugham, Humberto de Campos, Machado de Assis, e os filmes de Ingrid Bergman e Clark Gable. Também gosta de ouvir rádio, apreciando o trabalho de Ismenia dos Santos, Urbano Lóes, Sagarmour de Scuvero, Carlos Frias e Manoel Barcelos. Torce pelo São Paulo F. C.; gosta das macarronadas feitas pela sua mãe; pratica "basket-ball"; exercita-se em natação e já trabalhou num filme da Atlântida, intitulado "Tristeza não pagam dívidas". Pesa 70 quilos e tem 1,70 de altura.

MARIA DO CARMO, cujo nome real é Maria Santos, é, inequivocamente, uma das mais conhecidas estrelas do rádio carioca, em virtude de seu perfeito desempenho em tipos caricatos, como se acontecer no ouvidíssimo "Mariquinha e Maricota", "sketch" que a Rádio Tupi apresenta diariamente em "Rádio Sequência G-3" no qual a ouvimos fazendo essa terrível amiga da onça que é dona Mariquinha. Nasceu numa ruazinha modesta do Distrito Federal, seu primeiro contacto com o rádio foi feito por intermédio do "Teatro de Amadores", apresentado pela Rádio Educadora do Brasil, sob a direção de Atila Nunes. Demonstrando pendores para o rádio-teatro, encontrou de pronto, o estímulo dos diretores da PRB-7, que a incluíram na lista dos contratados da estação, de modo que ela passou a trabalhar nos espetáculos de teatro cego dessa emissora, além de colaborar nos "sketchs" e cortinas irradiados. E, depois de um curto período, Maria do Carmo orgulhava-se de ter desempenhado grandes papéis no "Teatro especificamente radiofônico" de Pedro Block; no "Teatro Policial" de Alziro Zarur; no "Grande Teatro Eucalol", afora uma série de gravações feitas para importante empresa comercial. Com o advento das associadas, Maria do Carmo continuou merecendo a preferência dos novos diretores, atuando em "Romeu e Violeta", "Queixa do dia", "Os filhos da Candinha" e "Anedotário das Profissões", programas estes irradiados pela Tupi. Na Rádio Tamolô, dedica-se ao "Teatro das nove", bem como colabora nas novelas e no "Teatro Religioso". De gênio expansivo e alegre, Maria do Carmo não tem preferências no rádio, julgando todos os seus colegas bons elementos. Em literatura porém, seu gosto recai em Camilo Castelo Branco, Castro Alves e Machado de Assis. Quanto ao futebol, torce apenas por um "team": o das emissoras associadas.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA

EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

DAISY LÚCIDE, essa menina-moça que a Rádio Globo possui no seu "cast" de rádio teatro, iniciou sua carreira artística, com seis anos de idade, tomando parte num espetáculo realizado no Teatro Regina por um grupo de alunos da Escola Dramática Municipal. Tão perfeito foi seu desempenho que o escritor Celso Kelly exclamou: — "Essa menina é artista até à medula". Seu ingresso no rádio ocorreu a 16 de novembro de 1937, na Rádio Transmissora, atendendo a um convite de Gomes Cardim. Daí transferiu-se para a Ipanema. Anos depois tomou parte no Teatro Infantil da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, trabalhando nas operetas "Pássaro Azul" e "O Príncipe do Limão Verde". Foi nesse período de atividade que Teófilo de Barros a levou para fazer um "test" na Rádio Tupi, onde passou a integrar o "cast" da "Hora do Guri", dirigido por Sílvia Autuori. Nessa emissora trabalhou nos espetáculos de rádio-teatro, ao lado de Paulo Gracindo, Norka Smith, Arlete de Souza e Amélia de Oliveira, desempenhando importante papel na adaptação radiofônica de "O morro dos ventos uivantes". Novamente a ribalta a roubou do microfone. E' que Procópio Ferreira, necessitando de uma artista de talento para tomar parte na peça "Serão noventa amanhã", lhe ofereceu um vantajoso contrato. E, quando essa peça foi retirada do cartaz Daisy Lúcida retornou ao "cast" da Tupi, até que, a 15 de janeiro de 1945, Amaral Gurgel a contratou para o elenco de rádio-teatro da Globo. Nessa estação a querida estrelinha tem tomado parte em todas as novelas do autor de "Ternura", além de trabalhar nos espetáculos de teatro da PRE-3. No mês de julho Dayse Lúcida foi pedida em casamento pelo locutor Luiz Mendes, devendo o enlace realizar-se no próximo ano. Mas, para alegria de todos, ela continuará no rádio.

CELESTINO BARATA DA SILVEIRA, nasceu na rua General Câmara, Distrito Federal, no dia 3 de janeiro de 1901. E' jornalista desde que se conhece, e já em 1914 escrevia artigos assinados, embora só em 1929, pela primeira vez, passasse a viver daquela profissão. Antes trabalhou no comércio e na publicidade de companhias cinematográficas, primeiro na Paramount, depois na Metro e, mais tarde, na United Artists. Foi sub-secretário do "Diário de Notícias", de Porto Alegre, reporter do "Diário da Noite" e do "O Jornal". Em 1933, criou o "Cine-Rádio-Jornal", programa cinematográfico, na extinta Rádio Philips, onde ficou até 1936, passando-se então para a Mayrink Veiga e daí para a Globo em 1941, onde está escrevendo "Uma história em cada música" e "Cine-Rádio-Teatro". Durante quatro anos seguidos fez a edição impressa do seu programa e tem publicado os seguintes livros: "Filmando para o meu jornal", crônicas cinematográficas; "Carne moça e outras banalidades", "Os intoxicados", "O homem de cimento armado" e "Moleque de rua", romances. No teatro fez duas revistas: "Mosaicos" e "Fogo de bengala", em colaboração com Aníbal Pacheco, e uma série de "sketchs" representados no palco do Império. Tem 1,68 de altura; pesa setenta quilos, não tem artistas preferidos, gosta de um bom livro, um bom filme e uma boa peça de teatro, não suportando, entretanto, o futebol. Trabalha das seis da manhã à meia-noite. Vê um filme por dia, ou uma peça de teatro, escuta dois ou três programas de rádio (para a secção radiofônica de "O Globo"). Come de tudo, fuma pouco e de preferência cachimbo, mas só durante o trabalho. Tem um livro de viagens e reportagens que não publica por não ter editor que o dê pronto antes de um ano. Nesse livro, narra sua visita aos Estados Unidos, ao México e outros países. No momento escreve uma revista para Chianca Garcia.



A VIDA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO

(1225 - 1274)

Por HENRY THOMAS e
DANA LEE THOMAS

VIVIA o conde de Aquino no alto das montanhas de Itália. Era um militar, descendente dos reis lombardos, e sobrinho do imperador do Santo Império Romano. Era um homem do mundo. E seis de entre os seus sete filhos eram como ele, homens do mundo. Porém, o seu sétimo filho, Tomás, desonrou-o. Preferia pensar à lutar apesar de trazer o nome do avô, que fora o comandante das forças imperiais.

Tomás de Aquino era um rapaz vigoroso. Tinha grandes olhos bovinos, havendo neles um abismo de compreensão, e atrás deles, uma cabeça cheia de bom senso. Deixava os irmãos entregues aos seus folguedos belicosos e reunia-se aos mais velhos para ouvir as histórias dos frades mendicantes que se detinham em casa de seu pai. A maior parte do tempo deixava o corpanzil — porque era um corpanzil — a um canto, apartado do resto da família, e punha-se a refletir sobre as coisas mais inexplicáveis. Nas noites tempestuosas enquanto se quedava na cama a ouvir o ribombar dos trovões sobre os penhascos de Rocca Secca, fazia à si mesmo perguntas sobre Deus, o mal interpretado, afrontado e caluniado Pai dos homens. Em Seu nome, legiões de filhos Seus eram sentenciados a uma vida de trabalhos penosos no solo em benefício dos senhores e senhoras das terras. Em Seu nome exércitos de "crentes" chacinaravam os "descrentes" que se aventuravam a amá-lo à sua maneira heterodoxa. Havia algo errado em tudo aquilo, ponderava Tomás. Talvez, quando se fizesse homem, aprendesse a consertar aquele erro.

Foi estudar em Nápoles. Levou sete anos a aprender as ciências a retórica e a teologia do currículo da escola. Ao tornar a casa cumprira dezesseis anos — idade na qual já haviam, os irmãos, tomado de uma lança e ingressado na força militar paterna. Lá estava o mais belo espécime físico de todos eles. Que belo soldado não daria para o seu pai e o seu rei! Foi um grande golpe para o conde, recusar-se Tomás a fazer-se soldado. O lutar era um instinto tão natural aos filhos de um nobre quanto o reproduzir-se. O italiano bem nascido daqueles dias tinha na vida um triplo dever — gerar, conduzir e sangrar.

Mas então, Tomás não se determinava a lutar, poderia, pelo menos, doutorar-se em teologia e fazer-se bispo. A Igreja também, era uma grande carreira. Ao bispado acrescentavam-se o prestígio social, dinheiro e todas as espécies de honrarias. A família Aquino, que procedia de reis, podia perfeitamente conformar-se em trocar o cetro pelas chaves de São Pedro. Na realidade, os homens mais poderosos naquele mundo teocrático não eram os reis, mas os bispos, porque eram ouvidos por Deus.

Mas na escola em Nápoles fitara Tomás longa e firmemente o panorama que se estendia além da baía. Por muitos anos deleitara-se em remir a solitária vastidão do céu. E tivera uma visão do magro e suave mendigo, Francisco de Assis, o patrono dos pobres. Francisco nascera também, de pais ricos. Rir-se, contudo, do tolo acidentezinho de seu nascimento e renunciara às suas riquezas...

"Pai", disse Tomás ao regressar a casa, "desejo ser frade".

"Um que? Um frade descalço e esfarrapado?"

"Sim, Pai".

"E tomar os votos de pobreza? E desistir de sua carreira? E andar esfarrapado e esmolar pelas almas? Um Aquino de Rocca Secca? Impossível!"

"Foi possível para Francisco de Assis".

"Ele era um louco", bradou o conde.

"Ele era um santo", corrigiu Tomás.

A mãe escreveu cartas ao Papa, pedindo à Sua Santidade que "livrasse o filho de sua loucura". O arcebispo de Nápoles prometeu fazer tudo o que pudesse para impedir que a Ordem Dominicana aceitasse Tomás. O rapaz, indignado com a interferência de sua família na carreira que elegera, saiu de casa e pôs-se a caminho de Paris com um grupo de frades que se tinham tornado seus amigos. Um dia, porém, enquanto descansava de sua jornada à beira da estrada diversos cavaleiros aproximaram-se dele, a galope, e diligenciaram levá-lo consigo. Ele reconheceu os irmãos entre os assaltantes.

Recuou. "Em nome de Deus que pretendem vocês?"

"Em nome de Deus vamos devolver-lhe o bom senso. Venha conosco, temos de manter a honra da família".

"Eu pertencço a uma família maior que a de vocês" obtemperou Tomás. Tentou com toda a sua força prodigiosa desvencilhar-se deles. Debalde, todavia. Dominaram-no e transportaram-no para uma torre nas vizinhanças de Rocca Secca. Ai, fizeram-no prisioneiro. Veio argüir o pai.

"Restitua-me o capelo", exigiu o rapaz.

"Fique com o seu capelo", redarguiu enfadado, o conde. "Adote a vida monástica se quiser. Suplico-lhe, apenas que aceite a posição de abade em Monte Casino, por minha causa".

Tomás de Aquino, no entanto, obstinava-se. "Não me interessa ser chefe. Desejo passar a vida como discípulo humilde do Senhor".

Procurou-a a mãe, debulhada em lágrimas. "Lembre-se, meu filho, de que você descende de príncipes. Frederico Hohenstaufen é seu primo".

"Ele é um ímpio".

(Direitos adquiridos com exclusividade pela
REVISTA DA SEMANA com a Livraria do
Globo, de Porto Alegre).

Abrandada algum tanto, trouxe-lhe, a família, livros para ler. Não podiam vê-lo sofrer injustamente. A *Metafísica* de Aristóteles e as *Sentenças* de Pedro Lombardo não poderiam, certamente, trair-lhes o intento. E levaram-lhe algo mais formoso que os livros — uma companheira feminina. Esperavam que a vista de um rosto bonito o convertesse ao bom senso. Era a mulher um símbolo delicado do que o mundo exterior poderia proporcionar a um jovem que quisesse retratar-se.

Foi num dia frio que lhe levaram a jovem. Ocupava-se, Tomás, em remexer o fogo da lareira, e foi através das chamas que lhe contemplou o rosto. A quem poderia pertencer aquele rosto senão a uma salamandra, o espírito mágico da luxúria que apenas males trazia em seu amplexo. Tirou um feixe de varas do chão sacudiu-o diante da visita. Esta, precipitadamente, retirou-se. E Tomás, em êxtase selvagem, traçou um símbolo na parede da cela em que se encotrava preso. Reza a tradição que era esse símbolo o sinal da cruz.

Uma outra mulher visitou-o — sua irmã Marieta. "Ajuda-me a fugir da torre. Abrandei os corações de nossos irmãos. Admiramos a sua coragem".

Vieram os outros com uma cesta e uma corda. E fizeram-no descer ao solo na calada da noite. Depois, desejaram-lhe bom êxito.

Ele tomou do seu breviário, meteu numa sacola pão, queijo e frutas e partiu novamente a caminho de Paris. Grupos de peregrinos passavam-lhe ao lado em silenciosa meditação. Cavaleiros de nobres desfilavam com arrogante esplendor. Mendigos assentados à beira da estrada estendiam as mãos, a esmolar um naco de pão. O jovem frade que fugia à sua fortuna, atravessou as planuras da Lombardia, os pés doloridos da caminhada, repartindo o seu pão com os esfomeados e dormindo nas eiras. Alcançou por fim, Paris, depois de uma jornada de mil e quinhentas milhas. Ao chegar, porém, à grande cidade universitária, veio a saber que o famoso professor Alberto Magno, em cuja fonte de sabedoria desejava abeirar-se, dava aulas em Colônia. Assim, atravessou o Reno e continuou o seu caminho para lá. Entrou na sala apinhada de discípulos e sentou-se nos pés de Alberto.

Raramente, na história a cabeça de um só homem, contém uma proporção tão grande dos conhecimentos de seu tempo. Era Alberto uma suma ambulante e falante da cultura medieval. Continuava a grande tradição de Aristóteles, prescrutando os céus em busca de constelações, o mar em busca de peixes e o ar em busca de aves. Não o interessava, porém, como Aristóteles, prescrutar a natureza humana em busca do verdadeiro e do falso. Não há

São Tomás de Aquino



mister fazê-lo dizer. Nascera cristão; aceitava, portanto, como certos os ensinamentos de Cristo. Estudantes de toda a Europa concorriam-lhe às aulas. Ele fascinava-os. Tomás de Aquino, era de esperar-se, não constituiria exceção.

Sem embargo, aos condiscípulos ele pareceu diferente. Sentava-se a ouvir, calado, horas e horas a fio, sem tomar parte na discussão geral dos alunos, sem oferecer sugestões ou comentários sobre os assuntos debatidos. Os demais estudantes alardeavam os seus conhecimentos. Era Tomás, entretanto, a estrela menor desse firmamento de cultura. Quedava-se suspenso em sua solidão e bruxoleava sempre modestamente ao passo que ardiam, imodestas, as luzes mais fracas muito abaixo dele. Não alcançavam, os condiscípulos, arrancar-lhe uma única palavra. Maravilhavam-se ante a sua enorme cabeça e vigorosa estrutura. Era grande como um boi. De feito, chamavam-lhe "o boi taciturno". Um dia, um estudante, que se gloriava de suas galhofas, olhou pela janela durante o intervalo entre duas aulas e clamou: "Vejam vejam, há um touro voando aqui em cima!" Tomás de Aquino pôs a cabeça para fora da janela, apenas para ser saudado por um clamor de gargalhadas zombeteiras. Encarou solenemente a assembléia. Via-se-lhe o desprezo estampado no rosto. "Não sou tão necio a ponto de acreditar que um boi possa voar disse ele — porém, não pude acreditar que um homem de Deus se rebaixasse a dizer uma mentira".

Teve, Alberto, a curiosidade despertada por aquele jovem silencioso. Chamou-o um dia ao seu escritório e fez-lhe algumas perguntas. Discutiu com ele teologia, gramática, metafísica e lógica. Na aula seguinte proclamou ao numeroso auditório: "Vocês chamam ao nosso irmãos Tomás boi taciturno, não é? Pois eu afirmo que algum dia o mundo inteiro prestará atenção aos seus mugidos".

Tornaram-se, Alberto e Tomás, amigos íntimos. Quando Alberto foi transferido para a Universidade de Paris, Tomás acompanhou-o. Ai continuou os seus estudos até bacharelarse em teologia. Porque tinha o propósito de combinar a humildade de São Francisco à ciência de Santo Agostinho. Tomara o hábito negro dos monges como voto de Deus. Mas não o interessava apenas viver uma vida boa segundo o coração. Ansiava por dedicar-se também a uma vida boa segundo o espírito. São Francisco inspirava os homens com o "drama" do Cristianismo; desejava, Tomás de Aquino, esclarecê-los com a "filosofia" do Cristianismo.

Com a idade de trinta e três anos foi nomeado professor de religião na Universidade de Paris. Ai viu-se entroncheado na atmosfera teológica do dia — a poderosa fortaleza de lógica erigida para proteger o delicado espírito da fé. A religião católica era sustentada por um intrincado sistema de silogismos e sutilezas da razão que, de uma filosofia, tinha transformado a teologia numa ciência. Havia sido os Evangelhos sancionados por Aristóteles, o grande "metafísico cristão" que nunca ouvira falar em Cristo. Aristóteles definira o mundo como produto da substância e da forma. A substância é a matéria de que é feito o mundo. A forma, é a energia potencial que colocou o mundo num estado de contínua transformação, de sempre forcejar para conseguir meios cada vez mais altos de expressão. A forma ou energia do mundo foi anterior à substância. Quando a forma penetrou a substância o mundo teve princípio.

A filosofia aristotélica era agora importada do paganismo pelo mundo cristão para provar a doutrina central da teologia católica — o Verbo, feito Carne, em Cristo; A substância de Aristóteles é a sua carne. Satisfeitos com essa interpretação cristã da filosofia de Aristóteles, limitavam-se os professores escolásticos daquele tempo a uma espécie de esgrima lógica. Contentavam-se em defender o sistema de Aristóteles dos ataques. Interpretavam, parafraseavam e repetiam-lhes as idéias mas não lhes acrescentaram nenhuma contribuição original. Eram excelentes mestres mas pensadores medíocres, esses filósofos escolásticos do século treze.

Tinha Tomás de Aquino, todavia, um espírito demasiado original para submeter-se às convenções escolásticas de seu tempo. Destinava-se a algo melhor que a uma simples interpretação de Aristóteles. Fez o possível para empregar o seu poderoso intelecto dentro dos limites da sua profissão. Começou por expressar convicções individuais e para alguns de entre os seus contemporâneos, revolucionárias. Não obstante, chamava à si multidões de estudantes. Estes reconheciam-lhe a maciça dignidade. Observavam que fora com justiça chamado Tomás — a palavra Tomás significa "profundidade" — pois era aquele homem muito mais profundo que todos os demais professores do seu tempo.

Mentalmente profundo fisicamente enorme. Quando certas pessoas inconsideradas zombavam de seu enorme tamanho replicava ele filosoficamente: "O pepino também cresce sem alimento". Porque aquele que parecia um "tubo cheio de vinho" levava vida austera. Acontecia, apenas, que fora construído numa escola maior que a de seus semelhantes — maior em tamanho, maior em espírito maior em simpatia. Vigoroso pioneiro pronto para golpear além as barreiras do pensamento contemporâneo — "Gulliver" impenhado numa aventura espiritual entre os ilipianos de seu tempo.

(Continua na pág. 47)

TRANSCORREU há pouco o cinquentário da morte de Pasteur. Entre pesar e glória, vê e luz, a França, o mundo pensante memoraram o aniversário. Para recordá-lo biográficamente tirou-nos Vallery-Radot, por aliança familiar tão chegado a Pasteur.

Luis Pasteur nasceu em Dôle, no Jura, a 27 de dezembro de 1822, um trimestre pois após a nossa Independência. Diplomou-se a Escola Normal de Paris, instituição formadora de tantas belas inteligências francesas e por elas se cobrindo de tradição.

Pasteur começou professorado lecionando Física no liceu de Dijon. Na segunda quinzena de janeiro de 1849 vinha como professor suplementar ensinar Química na Faculdade de Strasburgo reitorada pelo senhor Laurent, de lar na própria Faculdade onde morava com mulher e três filhas.

Como outros professores da Faculdade, Pasteur frequentou a casa da família Laurent. Precedido de certa fama como especialista em cristalografia, sem licença de cristais, o jovem professor admirou a limpidez do olhar da filha do Sr. Laurent chamada Maria.

Em consequência, tempos depois, o pai da moça recebia uma carta de Pasteur, ao correio de Strasburgo fácil entregar a missiva ao destinatário.

"Sr. um pedido de alta gravidade para mim e para a sua família vos será apresentado dentro de poucos dias, julgando no dever endereçar-vos informações que vos poderão servir para aceitar ou recusar.

Meu pai é curtidor em Arbois, condadozinho do Jura. Minhas irmãs tomam conta da casa e do negócio, na falta de minha mãe que infelizmente perdemos em maio último.

Minha família sem apertos de vida, não tem fortuna. Avalio nossos bens em cinquenta mil francos e quanto a mim estou de há muito resolvido a entregar a minhas irmãs quanto me caiba em partilha. Não tenho pois cabedal algum. Só possuo saúde, bom coração e posição universitária.

Sai da Escola Normal há dois anos, como bacharel da classe de ciências físicas. Sou doutor há dezoito meses e apresentei à Academia das Ciências alguns trabalhos muito bem acolhidos, sobretudo o último, o qual foi considerado merecedor de parecer muito favorável, tendo eu a honra de lh'o remeter acompanhado desta carta.

Eis, Sr., minha actual posição. Salvo completa mudança de dilação, pretendo voltar-me a pesquisas químicas. Ambiciono voltar a Paris quando por meus trabalhos científicos tiver conquistado alguma reputação.

O Sr. Biot disse-me várias vezes que eu devia pensar em pertencer ao Instituto. Dentro de dez a quinze anos, talvez, poderei pensar em tal, se continuar a trabalhar assiduamente. O vento pode levar este sonho, mas não é esta de modo algum a causa de amar eu a ciência pela ciência.

Meu pai virá pessoalmente a Strasburgo fazer este pedido de casamento.

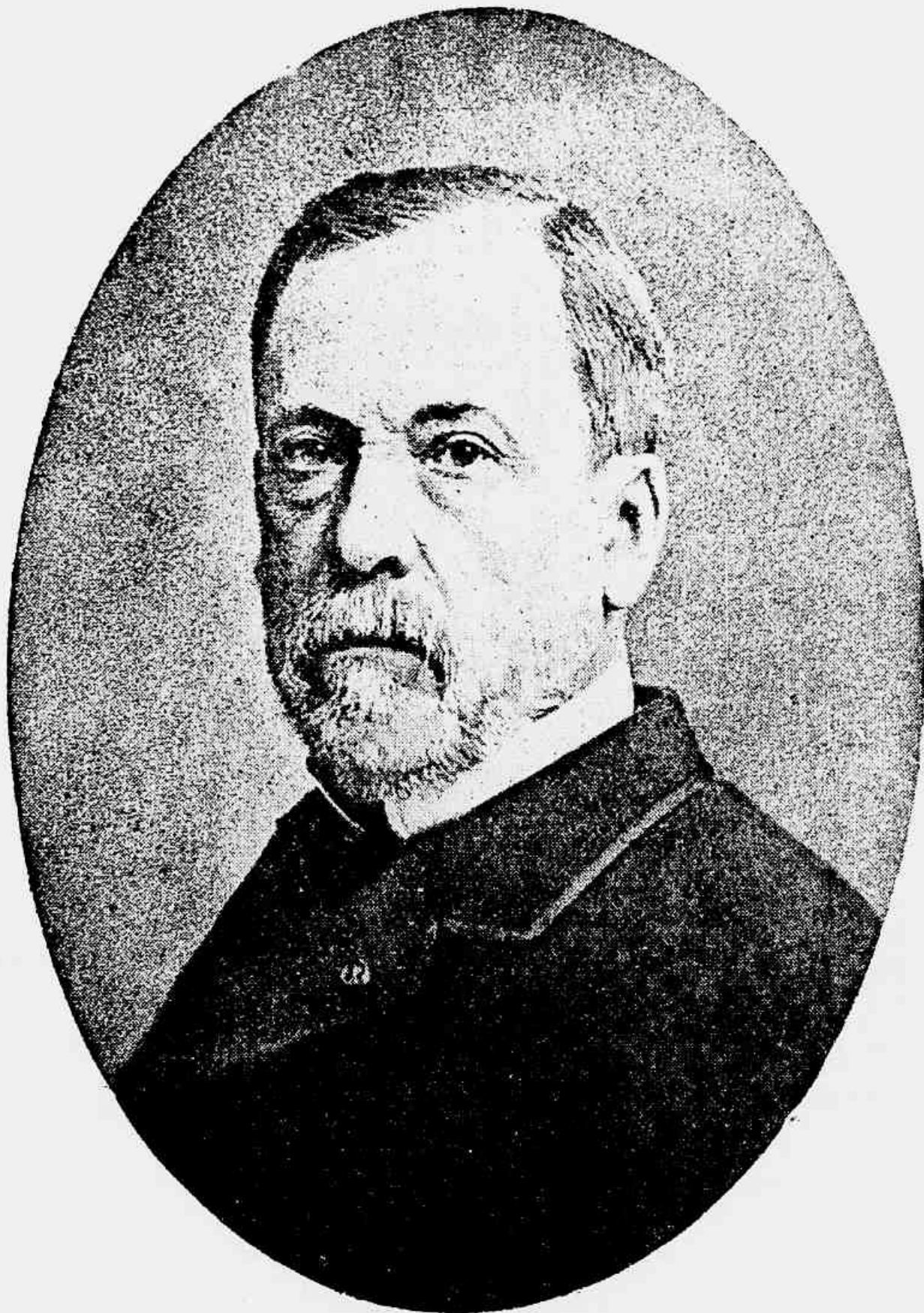
Queira aceitar, Sr., a segurança do meu profundo respeito e da minha dedicação — **L. Pasteur.**

P.S. — Fiz 26 anos a 27 de dezembro último".

João José Pasteur, o negociante de Arbois veio a Strasburgo com suas filhas. Pouco antes, obtido o consentimento do Sr. e da Sra. Laurent para o seu casamento, Pasteur "cientista tão faroso quanto jovem apaixonado impetuoso", dirigia à sua eleita Maria Laurent, uma carta na qual a escolhida podia ler o seguinte:

"Há dois dias tudo para mim mudou. Meu futuro, minha felicidade acham-se agora entre vossas mãos. Tudo quanto deploro sinceramente é de não ser mais digno de vós, de não poder oferecer-vos muitas qualidades que absolutamente me faltam; uma posição mais elevada, mas que tratarei de melhorar à custa dos maiores esforços.

Sinto-me muito inquieto a respeito de vossos primeiros sentimentos, de vossas



LUIS PASTEUR
(Dôle 1822 — 1895)

primeiras impressões e receio que sejam por demais desfavoráveis! Tudo quando vos peço Mademoiselle Maria, é não ser por vós julgado à pressa: podereis enganar-vos. O tempo mostrará que sob aparências de frieza e timidez possuo um coração por vós cheio de afeição".

Maria Laurent pediu tempo para refletir sobre a sua mudança de estado. Findo o prazo da autoconsulta, respondeu à carta de seu pretendente. O melhor P. S. deu-o o atorque em Strasburgo, na Igreja de Santa Madalena, uniu Luis Pasteur e Maria Laurent à fala de Deus e dos homens.

Desde então Pasteur dividiu sua vida, metade para o lar, metade para o laboratório à primeira a dar-lhe satisfação, a segunda metade, a animar-lhe o gosto de saber.

Uma filha, Joana, um filho João Baptista, a renovar o nome do avô paterno, ocuparam a existência do casal Pasteur para que a mãe escrevesse ao sogro, recheado de que o filho, em meio de seus trabalhos de ciência, se intediasse com os gritos de suas crianças.

A nora tranquilizava o sogro escrevendo-lhe: "Luis é um pai modelo que embora trabalhando muito acha ainda ensejo de consagrar cada dia alguns instantes para acalentar o seu filho recém-nascido e cuidar de sua filha, quando não posso fazê-lo".

Na esposa encontrava Pasteur excelente colaboradora sócia de suas pesquisas, pelo coração e pela inteligência, a aplaudir os projetos, a copiar relatórios cien-

tíficos, tudo sem alarde, contentando-se com a sombra enquanto a luz crescia na carreira do marido.

Cada vez mais pesquisador, mais descobridor, Pasteur excedeu-se em trabalhos científicos. Em outubro de 1868, em Paris, aos quarenta e seis anos ficou hemiplégico.

"Sinto morrer, disse então, desejaria servir mais meu país". Não perderia este o seu grande filho.

Parcialmente paralisado, do lado esquerdo Pasteur convalesceu, reanimou-se. De modo pitoresco, Pasteur observava ao seu médico, o dr. Godellier serem os efeitos das enfermidades no organismo semelhantes aos efeitos do inverno sobre a vegetação. Real ou ilusória, no recuperar saúde, iguala-se o homem à planta animada por nova seiva, julgando o homem capaz de produzir novos frutos. Infelizmente até na massa da floresta ressurgem árvores reverdecendo a custo ou não reverdecendo mais. Serei eu uma destas? — indagou Pasteur.

A peste seria aplicada comparação: "Árvores há feridas pelo raio, mas de cume intacto e reverdejante em pleno céu".

Na plenitude da vida do marido ou no lesar do organismo dele a dedicação de Madame Pasteur era a mesma, solícita no lar, presente no laboratório, mais do que nunca copiava e recopiava os trabalhos do seu grande companheiro, encorajando-o hora a hora, segredando-lhe a certeza da glória ao saber de descobertas científicas em campo humanitário.

Sobram a Pasteur negadores a taxá-lo de charlatão, profissionais de desajustar mal ao próximo. Negá-lo seria negar a existência de centenas e centenas de seres inchados de inveja. Para compensar, Madame Pasteur sempre junto do marido por vezes desanimado, descrendo de si mesmo, a esposa continuando a segregar-lhe a certeza da glória.

Assim foi até a descoberta culminante na escala dos serviços de Pasteur à ciência e à humanidade, a primeira não raro fatal à segunda.

A profilaxia da raiva, o mal sem perdão transmissível ao homem sobretudo pelo cão dele proclamado o melhor amigo, esteve aos tiros da calúnia, da má fé da risota mesmo. A quantos o mérito alheio põe riho de cólera nos deuses.

A verdade e a justiça são forças tanto mais incoercíveis quanto dificultadas de irromper. Acabaram elevando Pasteur a salvador da humanidade no seu rol dos séculos.

Não houve então embargo senão na escolha das homenagens a prestar ao benefactor.

Pasteur não se tinha por orador, mas alguns dos seus poucos e singelos discursos são por modelos de eloquência, a que enche o coração antes de obligar o cérebro a pensar para admirar.

Assim o discurso de Pasteur, ao ouvir a mulher, pronunciado a 14 de julho de 1893 diante da sua casa natal em Dôle.

Fácil é imaginar o que sentiu o auditorio ao ouvir Pasteur exclamar: "Oh! meu pai, e minha mãe, oh! meus caros desaparecidos, de tão modesta vida nesta casinha, a vós tudo devo! Minha valerosa mãe, se me associei à grandeza da ciência e da pátria, foi por impregnado de sentimentos por ti inspirados. A ti, meu caro pai, de vida tão rude quanto tua rude profissão, devo a tenacidade do trabalho quotidiana".

Nenhum dos admiráveis discursos de Pasteur, tão breves, tão nobres, na Academia Francesa, na Academia de Medicina, na inauguração do Instituto Pasteur no seu jubileu de 1897, nenhum excede o discurso diante da casa de Dôle.

Ao inaugurar o Instituto Pasteur, a 14 de novembro de 1888, quem dava o nome à casa agradecia a quantos o tinham ajudado a erguê-la, Pasteur estabeleceu contraste entre a lei de morte e sangue, só a busca de conquistas violentas e a lei de paz e labor unicamente preocupada de aliviar a humanidade".

Entre as testas coroadas que haviam contribuído materialmente para a criação do Instituto Pasteur, o seu fundador sobrepôs o czar Nicolau II e o imperador D. Pedro II. Este, na lista de subscritores se inscrevera "com a alegria de um confrade" o mesmo que desejara a vinda de Pasteur ao Brasil para estudos sobre a febre amarela.

Não há muito, na imprensa paulista, foi relembrado um fato da vida pasteuriana de relação com o Brasil. Certo menino a brincar com um cão foi por este mordido nos lábios, suspeito o animal de raivoso. Filho de reputado médico, o dr. Jaime Serra, o menino, aos cuidados de um tio, o dr. Luis Augusto Pinto, apresentou a Pasteur e seguiu por precaução, sob as vistas deste, o tratamento anti-rábico.

Findo o tratamento anti-rábico, Pasteur ofereceu retrato ao jovem cliente, com esta dedicatória: **A mon cher petit innocent — Jaime Serra — de Rio de Janeiro — L. Pasteur. Paris le 9 Août 1886.**

O amiguinho de Pasteur tornou-se pessoa de marca. Formado na Faculdade de Direito de São Paulo, honrou-a na advocacia. Era um ser encantador, todo espírito e emabilidade, artista desde a ponta das mãos que tão bem corriam sobre o teclado interpretando grandes mestres da música. Jaime Serra morreu muito moço, na idade que os gregos diziam a idade feliz para morrer.

Não é o parecer dos que ficam para viver na saudade.

PASTEUR

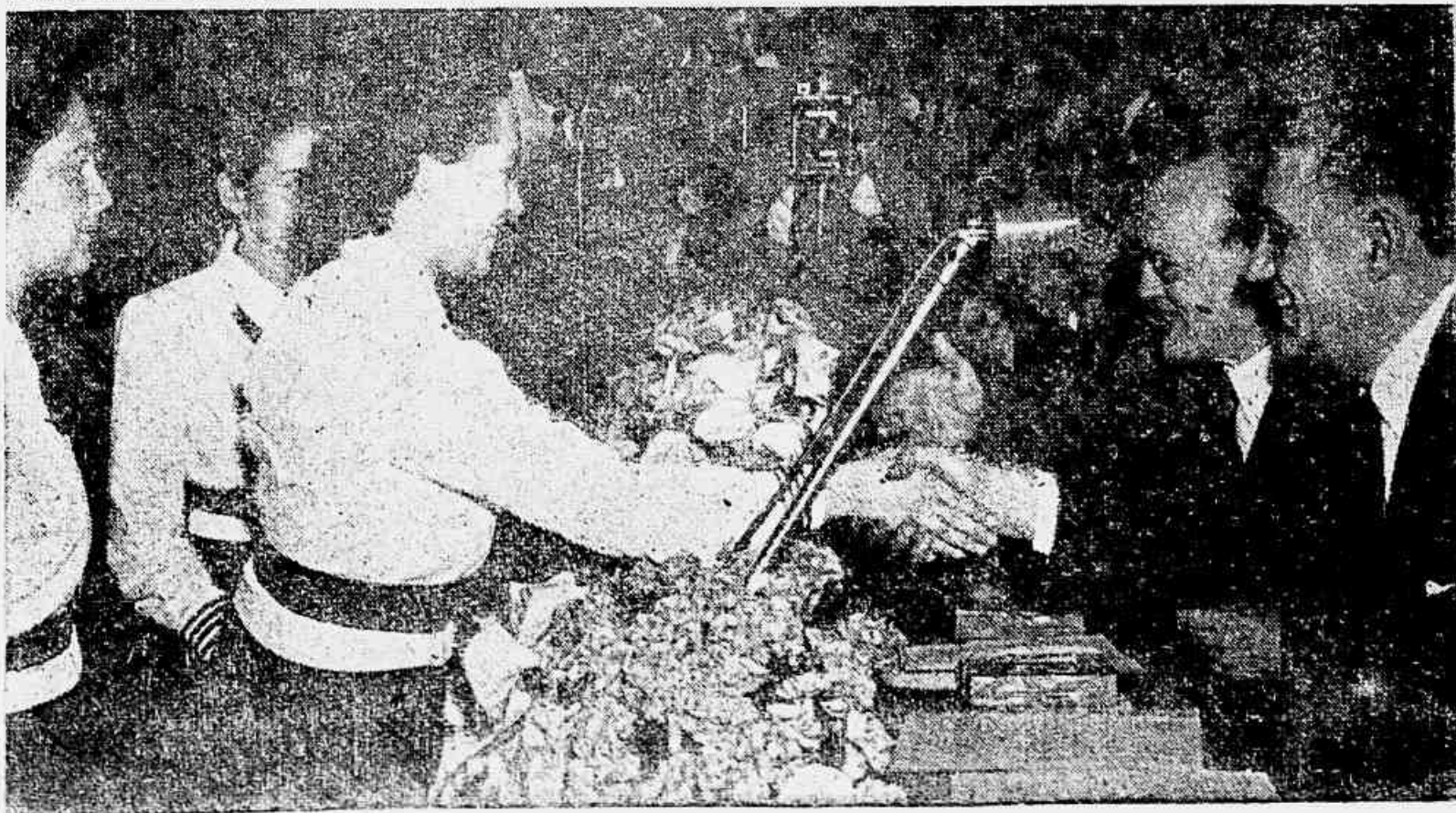
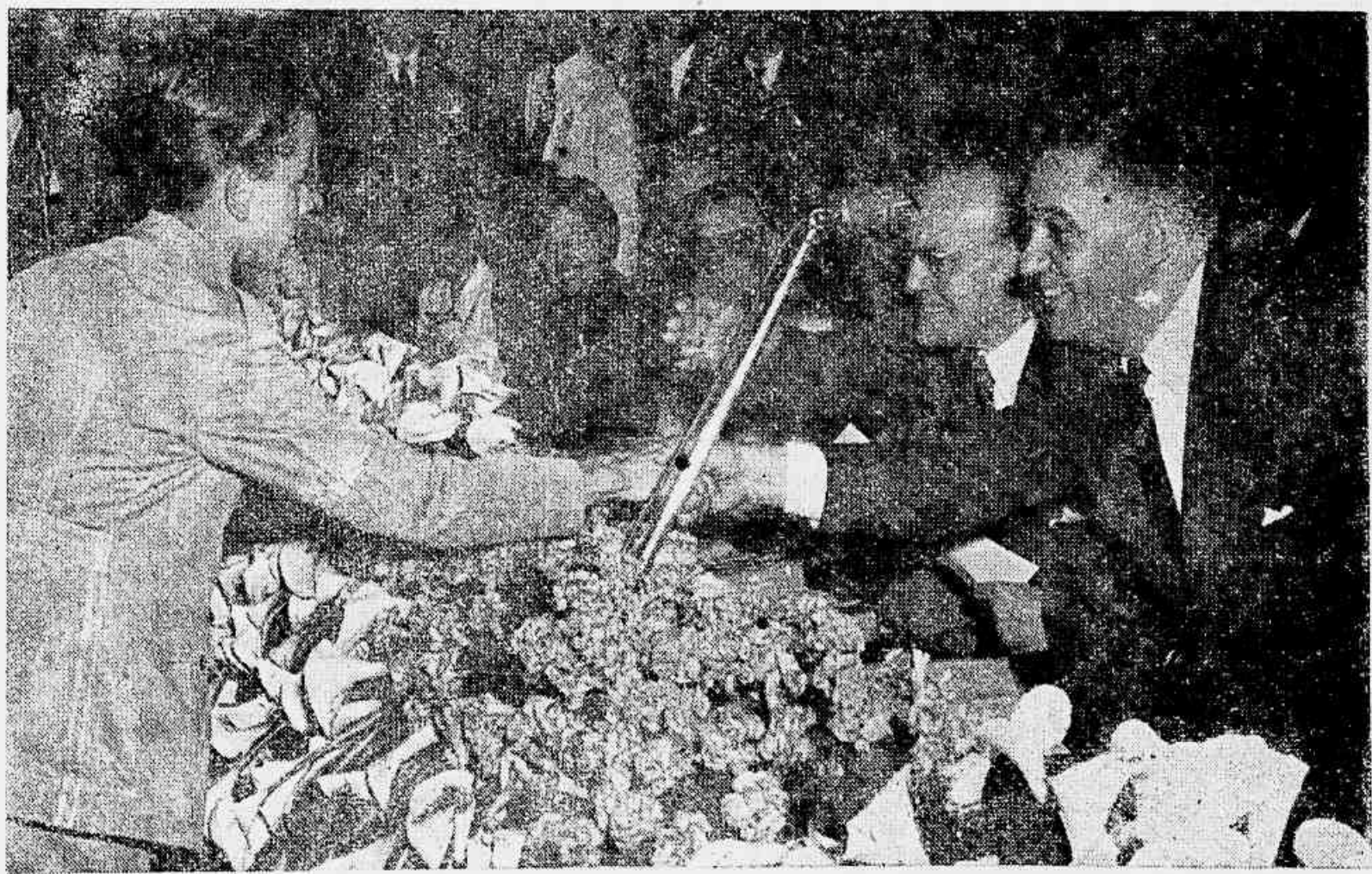
ESCRAGNOLLE DORIA



O ENCERRAMENTO DA SEMANA DA ECONOMIA

As tradicionais comemorações da Semana da Economia tiveram brilhante encerramento, com a cerimônia realizada no Teatro Municipal, no dia 31 de outubro findo, quando foi feita a distribuição de prêmios aos alunos de cursos secundários e aos vencedores da maratona intelectual e do programa dos novos. Iniciada a reunião pelo presidente daquela prestigiosa instituição, senhor Ariosto Pinto, estando presentes todos os diretores da Caixa Econômica, falou, em nome desta, o senhor José da Silva Rocha. Pelos alunos premiados falou Sonia Castagnor, aluna do Instituto de Educação. Terminada a entrega dos prêmios, foi executada a segunda parte do programa, constante de um ato variado executado por alunos de vários colégios. A festa de encerramento da "Semana da Economia" decorreu bastante animada, constituindo um admirável sucesso, tais os aplausos da seleta assistência que enchia a nossa principal casa de espetáculos.

As fotografias que ilustram esta página mostram, em cima, um aspecto do palco, quando falava a representante dos colegiais, à direita duas entregas de prêmios — ao jovem Paulo Campos Ribeiro, aluno do Colégio Arte e Instrução, e às ginásianas do Instituto de Educação, senhoritas Lucilla Oliveira, Ana Lima e Wilma Bivar, e, em baixo, o representante da Caixa Econômica falando.



A BRUXA DOS MARINHOS

DE
HUGO DE CARVALHO RAMOS
Ilustração de A. MOURA



A O lado da estrada real e a sombra espessa duma gameleira centenária em cujos esgalhos finos casava em épocas de sazão a passarela e arquivetavam o ninho gentil os porcos e as minhocas da papa fulba e perigosa azulada das campinas, ficava a casa da bruxa dos Marinhos, assim como a nédoa minúscula e alvindeada de uma vez intensa malhada que eram aquelas paragens. Avultava ao longe, mal dobrassem o cotovelo brusco duma seta de alvorejada coma de capim molhado e molhos do murici cheiroso, na vazeza aberta dos buritis virentes que espantavam, à fresca das manhãs ventosas a sua flavela escura e revolvente de folhas, toda arqueada e gemebunda aos alarques do vento.

Por ali passavam tropas mineiras do Iêr Paranaíba — rijos tocadores milhando as alpercatas de couro cru pela extensão ardente e arenosa das estadas poentas, ladeadas, às vezes, de barrancos estarpados e estarinheiros de pedra conga, por cujas erosões, vincadas, medrava tenaz o catigueiro parasitário dos morrotes. Por ali passavam, banulheiros ralhadores, de peregrinações distantes após haver trilhado as rechans estuadas da dargila vermelha e sapê bravo das chapadões, onde apenas, a quebrar a uniformidade dos horizontes, apareciam de vez em vez, ao longe dos carris pretos dos deixados à passagem pela rota ferrada dos pesados carros de bois, a fruteira de lobos e os coqueiros de mocaúbas como tênues, fugaces telas de sombra espalmadas sobre a crosta resaca da do solo.

Cruzavam tropeiros da terra, gente de e escorelta, incitando aos estalos dos rechos dos relhos e pirais compridos a trança fina, o trole leve da burra que se detinha por momentos a relacar a babugem das margens — guilhotinas as cabeçadas, — com carregamento de cristal de rocha, surrões preciosos do bom fumo goiano, ou malotes de jacó de sola sertaneja, para as divas estadoanas do grande rio. E não faltava um carro vilarejo dos fundos de motos, ao passo tardo e hierático dos bois patriarcais, nostálgico e lamurioso à distância, como uma dessas cigarras cinzentas "de areia" chirreando suas ditas no tronco rugoso duma leixeira cerrados, à hora do crepúsculo, pelas queimadas fumarentas e asfixiantes de agosto...

Em navegando para essas bandas certo os arrieiros desvisados virem desender-se da agrura calcinadora do verão tropical ali aos Marinhos com uma bochechada cheia da boa e rascante poeira da terra, quando, as mais das vezes não a traziam eles já nos alforjes bem fornidos da garupeira, e lá não fossem senão atraídos e tentados pelos olhares langorosos e quebrantadores da bela boca — arteira e artificiosa em seus gestos provocativos à sensualidade das rapagões, — e inflamados mais pelo de male sadia e forte de suas carnosas roliças e de formas adengadas, que inquietados da fama maligna de bruxas e avezada a desnorreamento de cristãos que possuía a luxuriosa habitadora daquele recanto.

Muitas vezes, chocalhando a guaita da dos peitorais e sincerros sonoros a cabeçada de prata reluzente, em cima se firmava arfante e senhoril a boneca da guia, apontava o primeiro lote na dobra do caminho, levantando áureas nuvens de areia sutil e deturpando as agulhas delgadas de malacacheta...

ANTOLOGIA DO CONTO BRASILEIRO

Iniciamos hoje a publicação de uma série de contos brasileiros antológicos. O trabalho de hoje, de autoria de Hugo de Carvalho Ramos, — jovem escritor goiano, que pôs termo à vida num acesso de neurasenia, — foi extraído do livro "Tropas e beladas", do qual já foram tiradas várias edições e que, presentemente, se acha esgotado.

diante. Aos berros roucos e machucados dos lábios secos, desviava o dianteiro a madrinha que se aprumava rumo do copiar da casa.

Era uma tropa que passava.

E torcendo rédeas brancas antes da sua besta de sela de estimação os olhos rímelados folgando de mil maneiras à luz estuante do sol, e as bombas folgadas, à moda gaúcha, de padrão azul listrado ou xadrez, o moço arrieiro que para essas estradas batidas tentava a existência fretando cargas e vivia a pensar enfiado nos embelecos traidores da combarqueira, aiastava-se pressuroso do roteiro ordinário da comitiva. Guardava distância e, corridas chilenas, metia a mula rosilha num garboso esquilo do à marcha picada, e vinha, riscando curto o bicho, esbarrar mesmo a dola passos da porta, espantando o ar quieto e morno do interior, onde uma ou outra mosca caseira voejava sonolenta e trêga por sobre os coscôros duros do balcão com um forte e sacudido:

— O' de casa!

Ao tropel, acudiam dos patios e alpendres onde modorravam suas mazelas e a preguiça meridiana, os rafeiros varados da vigância, leprentos, coberto o fio do lombo de quistos bichosos orelhas tronchos em pé, investindo firmes e às alertas com os batidos ferozes. Molecotes, crias de casa, chegavam ao limiar longas lreás de cipó ou imbirá na mão prouta; encholavam as pancadas rápidas e afiradas ao acaso a caingalha da canhidiga, que arisca e irrequieta se furtava para os lados para de novo arremeter, esquelética e reincidente; té que, corridos às vergastas, encafiavam todos pelo vão estreito das cercas de no-de-porco e sucupira das tranqueiras onde se gastavam rosário de horas farejando e ventando ao léu, ventas ao ar — tresandando robugem, — ou a peiça crespada, encodilhando-se, a ver se apanhavam a raiz da cauda apinhada de larvas, arrastados e ameaçadores.

Descerom-se os tampos das janelas de balentes de cabiúna, onde signos de salomão e marcas de gado se assinalavam a carvão e ferro em brasa, assojava o rosto amorenado e redondo da benzilhana, abertos os lábios úmidos e rubros num sorriso discreto e enigmático de acolhimento, convidando o forasteiro a apelar-se ao amparo da assoalhada: — Que sim que ia mesmo "braba" nessas chapadões, dizia persuasiva, meneando a cabecita sestrosa, onde duas tranças fartas, luzidias, se bipartiam de meio a meio.

Desengonçado o arção da sela mineira, o pé esticado num único estribo, na posição habitual de descanso, titubeava o moço arrieiro; olhava no alto o céu sempre azulino e ofuscante de luz, cerrava um canto d'olho, mão alçada, a atenuar a fúria dos raios solares, e embrulhava a cabeça tola, dando tempo à própria

incerteza perplexo na execução dum ato que se lhe afigurava de importância summa.

— O sol assim parece que vai des-cambando, dona, duas horas pelo menos; a mula rosilha vinha sentida dos rins; no segundo e quinto lões vários burros pisados no espinhaço, para o alívio da carga; os dobros dos da frente, mal divididos desde a saúde do pouso, não aceitavam bem e iam dando um trabalho pelo caminho, dissera-lhe o dianteiro ao tapado ali atrás. Confiança lá isso

carando trazido à escoteira, sempre a mão para atalhar tropeços e incômodos de montar na necessidade lombo churo de animal ruim ou passarinho, aquara dos cascos na subida da serra do Corumbá...

mais uma vez render o seu peito submisso à cabocla.

Ela sorria sempre, o encarnado vivo do lábio inferior acentuando-se sob a alvura dos dentinhos expontados à face, com aquele mesmo sorriso que lhe fa-



tinha na sua gente, e sabia que tudo seria bem cuidado e remediado no pouso, à hora da descarga; mas — e voltava ao assunto primitivo — a rosilha não ia bem sentida dos rins, o que o punha preocupado tanto mais que o macho mas-

E enrolava escusas nescias, cuidados falsos com cousas que lhe não diziam o mínimo respeito — obrigação exclusiva dos "moradas" desajeitado, tímido, como que arrependido já da íntima fraqueza, e tivesse vergonha e acanhamento de

zia as tristezas nos pulsos disantes quando, ferindo magoado as cordas gemebundas da vida, recostado no punho moel da típica macia de algodão ou de imbé,

(Continua na pág. 43)





DOIS TIPOS CINEMATOGRAFICOS — Muito embora estejamos certos de que estes dois são Marina Lelichowsky e Hélio Parreira fazendo uma leitura no galvanômetro, parecerá ao leitor que se trata de dois candidatos ao cinema, pois a verdade é que são dois tipos mais do que tudo fotogênicos. Na página à esquerda: **EXAME DE DROSÓFILA** — Na sala de Biologia, encontramos os alunos entregues ao exame de drosófila, munidos de modernos microscópios que seriam capazes de descobrir até a existência da alma, se a alma existisse. Nesta foto, vemos Maria Eliza Peixoto (mais uma Maria na ciência, mais uma rival de Sklodowska) que é um hino ao estudo, uma cientista com que contará o Brasil atual.

AQUI O FASCISMO PERDEU UMA BATALHA

NA avenida Antonio Carlos, antiga Aparício Borges, nº 40, existe um edifício onde durante alguns anos se abrigou a embaixada italiana. Isto não teria nenhuma significação especial se se tratasse da sede de uma embaixada onde o representante de um país amigo se ocupasse de defender os interesses do seu país, sem atentar contra os nossos. Mas acontece que era ali a embaixada da Itália fascista. Era ali que o ex-embaixador Ugo Sola desenvolvia a sua ação perniciososa, a coberto das imunidades diplomáticas, era ali que havia uma

A Faculdade Nacional de Filosofia funciona onde foi a Casa d'Itália — A maioria é do sexo feminino — As moças se dedicam às letras e os rapazes às ciências — A contribuição da F. N. F. para a formação do professorado secundário — Doze caminhos para a cultura — Um almoço e boas conversas no dia do pagamento.

estação de rádio, a ver pelos vestígios da instalação.

Com o rompimento das relações diplomáticas a Casa d'Itália foi fechada. O

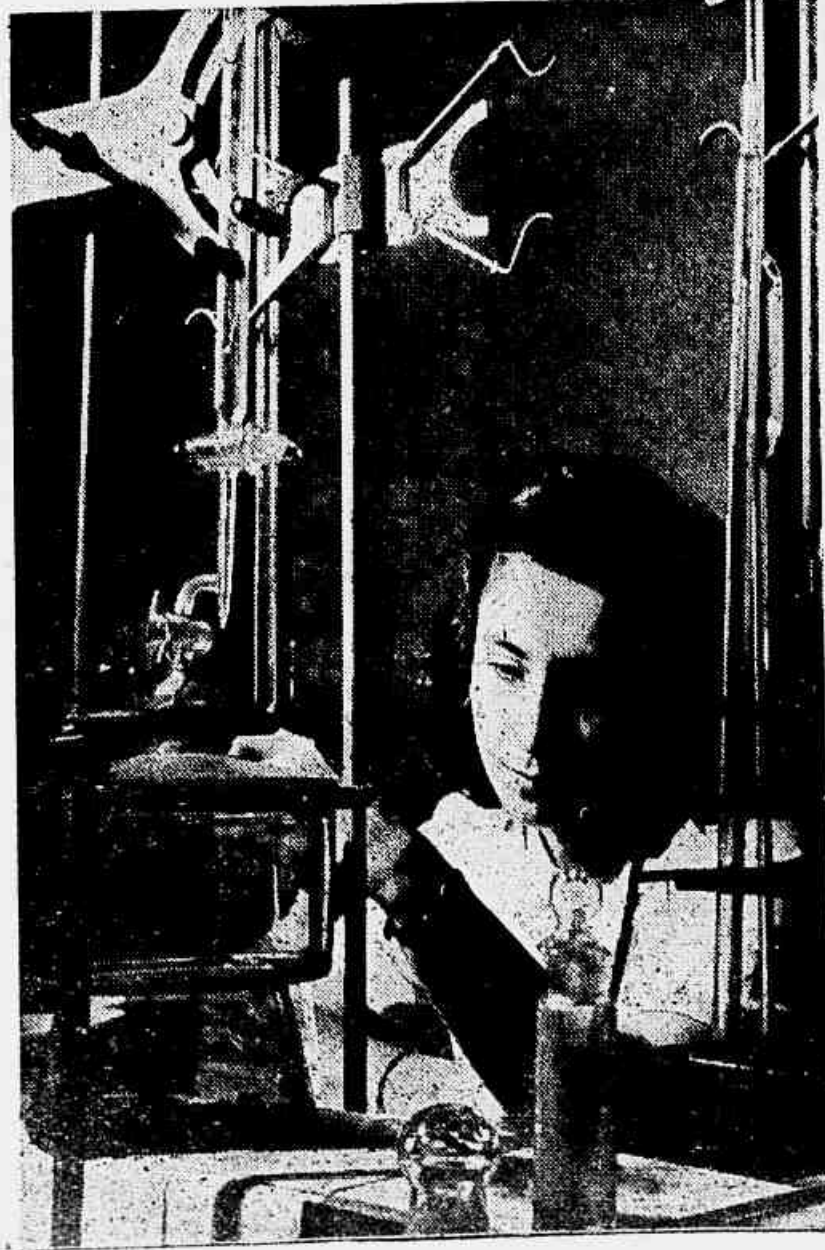
embaixador recambiado para o quartel general do fascismo e desarticulado o foco de espionagem.

O prédio poderia destinar-se, como pró-

prio nacional que passou a ser, ao funcionamento de uma repartição qualquer. Mas lá o governo instalou a Faculdade Nacional de Filosofia, um estabelecimento de cultura, um instituto que tem por fim a ilustração do espírito, objetivo antagônico ao do fascismo inimigo das conquistas da inteligência e da liberdade de pensamento.

Só assim, o prédio nº 40 da avenida Antonio Carlos se rehabilitou do seu passado comprometedor, ligado como esteve a um dos centros de irradiação de propaganda fascista no Brasil.

A esquerda: **DOSAGEM** — Maria Elizabeth e Maria de Lourdes, do 2º ano de Química, dão uma prova dos seus conhecimentos na ciência de Lavoisier, fazendo uma dosagem. São duas cientistas em miniatura mas já pintam o sete durante o dia dentro do laboratório. A direita: **RECONHECIMENTO** — Nas ciências, sempre as mulheres e entre as mulheres, sempre as Marias. Nesta foto aparece Maria de Lourdes fazendo o reconhecimento de um corpo. Ela pôs vários ingredientes dentro de uma proveta e levou duas horas a ver se descobria uma nova fórmula de baton...





A FACULDADE É UM GINECEU... — Esse conceito foi lançado na Faculdade de Filosofia por um estudante panamenho, para assinalar a maioria feminina no corpo discente. E pegou. Aqui está uma prova. Em dado momento, pretendemos fazer uma fotografia e só apareceu gente de saias na frente da objetiva. São elas: Rosa Cass, Evangelina de Faria e Marina de Carvalho, sentadas. De pé, Consolidação Cabral e Ione Matos. Tem razão o rapaz: a Faculdade é um gineceu. Em baixo: "PARA ALÉM DA JANELA..." o ruído, o borbórinho da cidade, buzinas, pregões, pragas e além de tudo isso, uma paisagem bonita, ensolarada. Mas estes rapazes e estas moças não têm olhos para a paisagem nem ouvidos para o barulho. A ciência lhes enche a vida. Só a ciência?...



E onde antigamente se coordenavam medidas para a instalação de um veneno ideológico, a mocidade, reserva intelectual da Nação, se entrega às certezas e às hipóteses das ciências, às indagações e dúvidas da filosofia, ilustrando o espírito, rendendo o seu culto à inteligência de que o fascismo é a negação.

NA EX-CASA D'ITALIA

Desde a porta de entrada, passando pelo "hall", elevador, sala de espera e outras dependências, procuramos inutilmente um sinal da existência de um foco nazista: ao menos a lembrança numa inscrição, numa placa, de que ali morou um emissário do Duce. Mas nada. O prédio foi "higienizado" para receber a Filosofia.

Por toda parte por onde vamos passando, grupos de moças e rapazes discutindo, uns sobre os flagelos nacionais como a inflação e a falta de fé pública de certos figurões da política, outros sobre a melhor maneira de arranjar uma aplicação prática para os conhecimentos adquiridos. Mais claramente, tratando de arranjar um emprego submetendo à apreciação dos colegas as condições oferecidas por um colégio. A Faculdade é uma fábrica de professores. Prepara os mentores da inteligência.

AMBIENTE DEMOCRÁTICO

Na secretaria, um grupo de professores e alunos fala sobre assuntos de aula e extra-escolares, entre estes o esforço desesperado que o fascismo faz para sobreviver nos dias de hoje. E isso de corre em meio à maior camaradagem sem distinções outras senão a do reconhecimento do mérito de quem o tem. Como estamos num regime democrático (pelos menos dentro da Faculdade de Filosofia) as opiniões dos professores não têm a força de sentenças inapeláveis não têm o caráter irritante de "última palavra" de solução oracular que caracteriza a cultura nazista, a cultura com K.

O sr. Heitor Silva Correia, secretário deixa a discussão para nos atender, enquanto aguardamos o professor Carneiro Leão diretor e professor de Administração Escolar e Educação Comparada.

QUANDO NASCEU A FACULDADE

A Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal foi criada pelo decreto-lei nº 1.190 de 4 de abril de 1939. Desde então, funcionou no Largo do Machado até 1942, quando se mudou para o edifício atual e donde não pretende sair tão cedo.

— Mas a verdade, — informamos o secretário, — é que têm sido empenhados muitos esforços para que este prédio volte às mãos da embaixada italiana. E ajuntou sentencioso e justo:

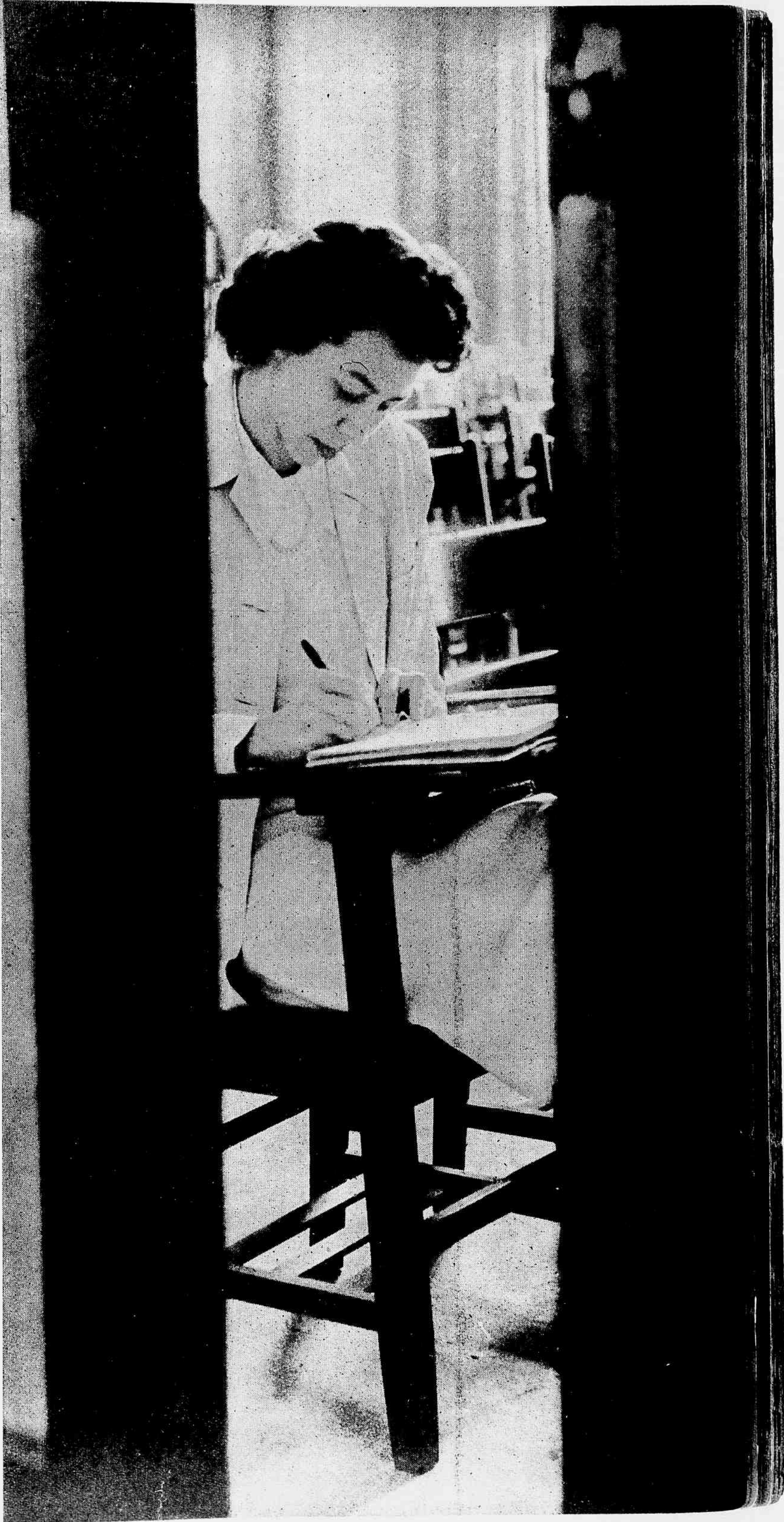
— O que seria sem dúvida um erro imperdoável! Isto é uma posição estratégica para quem pretende comunicar-se com navios fora da barra. Não é lugar para embaixadas.

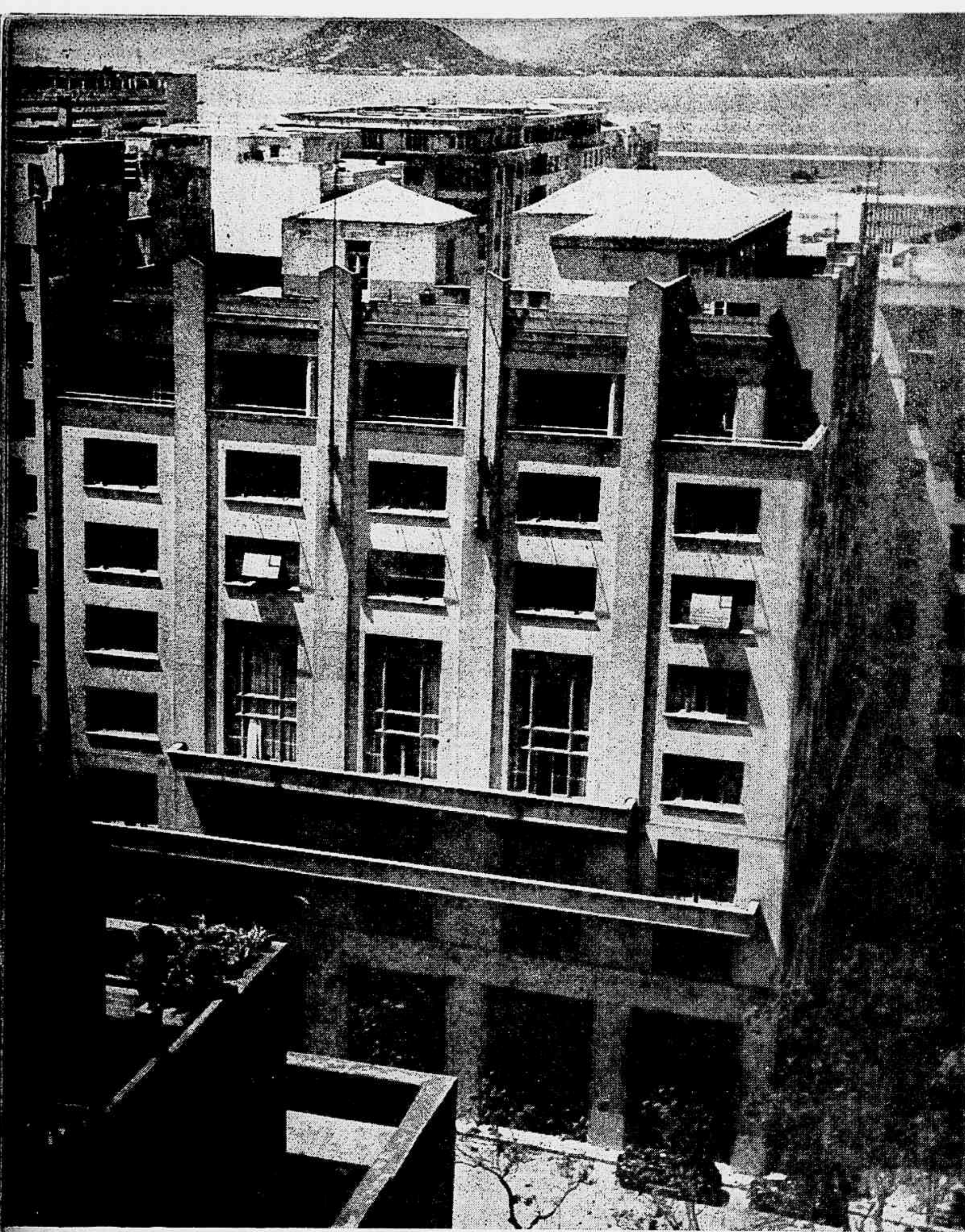
E enquanto olhávamos o panorama que se desdobrava por entre morros sobre o mar agitado de leve por uma brisa ca riciosa e iluminado por um sol violentamente claro, o nosso interlocutor aduzia outros argumentos em favor da permanência da Faculdade de Filosofia naquele edifício.

DOZE CAMINHOS PARA A CULTURA

Egressos do curso secundário, os candidatos ao magistério têm da escola da Avenida Antonio Carlos 12 cursos à sua espera: 12 caminhos para a cultura: Filosofia, Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências sociais, Letras clássicas, Letras neolatinas, Letras anglo-germânicas, Pedago-

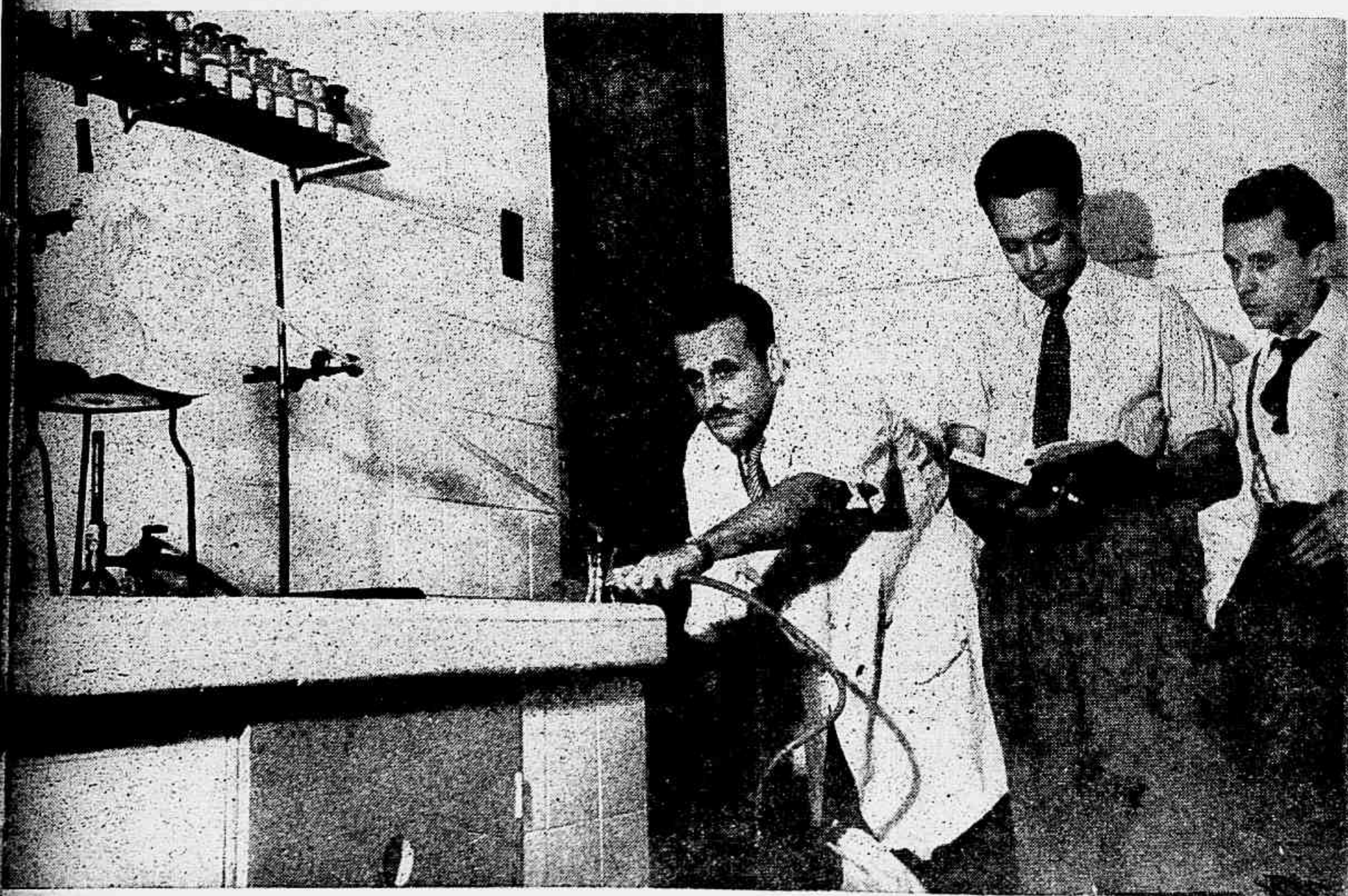
DE SURPRESA — Sómente de surpresa é possível fotografar uma representante do belo sexo assim tão alheia à presença da objetiva, entregue de corpo e alma à redação de um ponto.





AQUI O FASCISMO PERDEU UMA BATALHA — Neste prédio que foi a Casa d'Italia, onde funcionou um centro de propaganda da embaixada de Ugo Sola, onde o ridículo e infeliz Duce teve o seu representante, hoje funciona a Faculdade Nacional de Filosofia com os seus doze cursos frequentados por jovens representantes da cultura brasileira. E' um estabelecimento onde se prepara a juventude para a liberdade, para a democracia, para o mundo livre, através do ensino livre.

Em baixo : — DISTILANDO O MERCÚRIO — Pela primeira vez é feita no laboratório de Física da Faculdade a destilação de mercúrio. Nesta foto aparecem Jaime Garcia, Benjamin B. Velasco (boliviano) e Luiz Carvalho, empenhados em conseguir o bom êxito da experiência. Sendo um corpo de peso específico bastante elevado, a destilação é feita com auxílio de uma bomba.



gia e Didática. Esses cursos, compreendidos em cinco séries curriculares, são ministrados em 47 cadeiras que se dividem em 76 disciplinas. 76 disciplinas ensinamentos os alunos recebem de mestres ilustres que honram o nosso nome universitário. Pois a Faculdade conta com uma equipe de professores escolhidos entre os mais notáveis representantes do nosso meio cultural como Manoel Bandeira, Tristão de Alcaide Djalma Hasselmann, Carneiro Leão e tantos outros.

AS ALUNAS SE DEDICAM ÀS LETRAS

Indagado o secretário qual a maior percentagem no total dos alunos: moças ou rapazes.

— As moças estão em maioria aqui, principalmente nos cursos de letras e no de pedagogia.

— A que se deve atribuir?

— Posivelmente devido às dificuldades econômicas. De um modo geral, os alunos da F.N.F. são jovens que precisam de trabalhar para prover a própria subsistência. Ou estão empregados ou andam à procura de trabalho. Os rapazes, como é sabido, são as vítimas mais numerosas dessa necessidade. A isto se deve, creio eu, a existência de uma maioria de saias.

OS HOMENS ÀS CIÊNCIAS

Mas deve haver cursos em que as calças estão em maioria. (As calças compridas, queremos dizer).

— Há sim. Nos cursos de Física, Química e História Natural, predominam os homens.

A conversa com o secretário se interrompe quando se abre a porta do gabinete do diretor e a sua secretária, uma jovem de elegância sóbria e ingenuidade, vem anunciar que o professor Carneiro Leão já nos pode receber.

UMA VERDADEIRA UNIVERSIDADE

— Professor, qual a importância da Faculdade Nacional de Filosofia para a formação de uma mentalidade democrática?

— A F.N.F. constitui uma verdadeira universidade. Composta de departamentos de Filosofia, de Ciências, de Letras e de Educação, aqui se preparam os moços e as moças, estas em muito maior número, para a vida de pensamento nos variados setores. Essa comunhão na cultura ainda as mais diferentes, predispõe certamente a uma atitude compreensiva, associativa e ao mesmo tempo de liberdade e de consciência da importância da cooperação que não podem deixar de ser um fator primordial da formação de uma mentalidade democrática.

— Os objetivos referentes à formação de cientistas e homens de letras têm sido alcançados?

— Nossa Faculdade acaba de nascer. Herdeira da Universidade do Distrito Federal, criação de um grupo de idealistas sob a liderança de Anísio Teixeira, ela conta pouco mais de dez anos. O prazo é insignificante para denotar resultados. Todavia a conquista de cátedras nas letras, nas ciências, na filosofia, na educação e em postos técnicos na administração pública por inúmeros diplomados pela Faculdade e em concursos sérios dizem da sua contribuição nos setores do pensamento da ação e da economia. Basta assinalar que dentre os mestres que regem as suas cátedras, já se encontram diversos formados por ela ou pela sua antecessora. E' o caso, por exemplo, da cátedra de História antiga e medieval conquistada em concurso de provas por um diplomado pela Universidade do Distrito Federal, — professor Eremildo Viana; e o caso das cátedras de Geografia e de Física teórica e superior ocupadas com eficiência, embora interinamente por dois diplomados pela Faculdade, prof. Hilgard Sternberg e prof. Leite Lopes.

ESPAÇO VITAL PARA A CULTURA

Raro é o estabelecimento de ensino que não apresente deficiências em seu funcionamento, sobretudo se se trata de repartição pública, neste caso sujeita aos tropeços e à ferrugem da burocracia. Por isso, não tivemos dúvida em perguntar ao professor Carneiro Leão quais as deficiências que pesavam sobre o funcionamento da F.N.F., antes mesmo de indagar se havia deficiências.

— Sobre tudo de alojamento e de material — veio imediata a resposta. Entretanto, já temos alguns gabinetes e la-

DETERMINAÇÃO DO CALOR ESPECÍFICO — Para se dizer o grau de calor que está fazendo basta olhar-se para um termômetro e verificar-se na escala onde se acha a coluna de mercúrio. Mas a determinação do calor específico dos corpos exige conhecimentos que são um segredo para o reporter e café pequeno para Vera Maria de Melo Lobo, do 2º ano de Matemática.

laboratórios, tais como os de Física de Química de Mineralogia e até certo ponto de Geografia, em condições de atender às exigências de uma escola moderna, muito há ainda a desejar. Nesse aspecto o problema está em via de marcha para a solução, pois agora mesmo estamos empreendendo esforços para aparelhar outros estudos, tais como os de Biologia, de Psicologia, de História.

As dificuldades maiores estão na escassez de alojamento. Funcionando em três pontos diferentes, — em algumas salas da antiga Escola José de Alencar, na Biblioteca Nacional e aqui no edifício da antiga Casa d'Italia, não só dificulta a administração como perturba o funcionamento pela necessidade do contínuo deslocamento de alunos e de mestres.

DESOCUPEM O PRÉDIO PARA A FILOSOFIA FICAR MAIS À VONTADE

Continuando, assinala o professor Carneiro Leão:

— Tais dificuldades só desaparecerão quando as repartições de Estatística do Ministério da Justiça e o Juizado de Menores forem instalados noutros lugares, uma vez que os dois serviços ocupam quatro dos nove andares do edifício.

A administração há quase um ano trabalha sem cessar para obter a solução de tão difícil problema.

— E não há nada de positivo nesse sentido? Os inquilinos da Justiça não pretendem mudar-se?

O professor esboçou um gesto de desolação, sem proferir uma palavra. Mas percebemos. Aquele gesto bem traduzido significava impotência da cultura, a incapacidade da sabedoria de uma Faculdade inteira para resolver esse problema gravíssimo que é movimentar uma repartição pública.

CONTRIBUIÇÃO DOS ALTOS ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE UM PAÍS

Pedimos ao professor uma opinião sobre a contribuição da cultura para o desenvolvimento econômico de um país, tendo em vista o caso nacional.

— Os povos mais pragmatistas e aparentemente mais absorvidos pelas preocupações materiais, como os Estados Unidos, por exemplo, não esmorecem no afã de melhorar a cultura geral, os estudos desinteressados de sua juventude. Aliás, a formação do professorado secundário, uma das finalidades principais da Faculdade, é um sinal da correspondência dos seus cursos às imposições mais imediatas da nossa cultura, pela preparação das novas gerações brasileiras de modo a levá-las à participação eficiente no progresso nacional. Isso sem falar na preparação que os diplomados na física, na química, nas matemáticas, etc., estão fazendo para a solução de inúmeros problemas do dia.

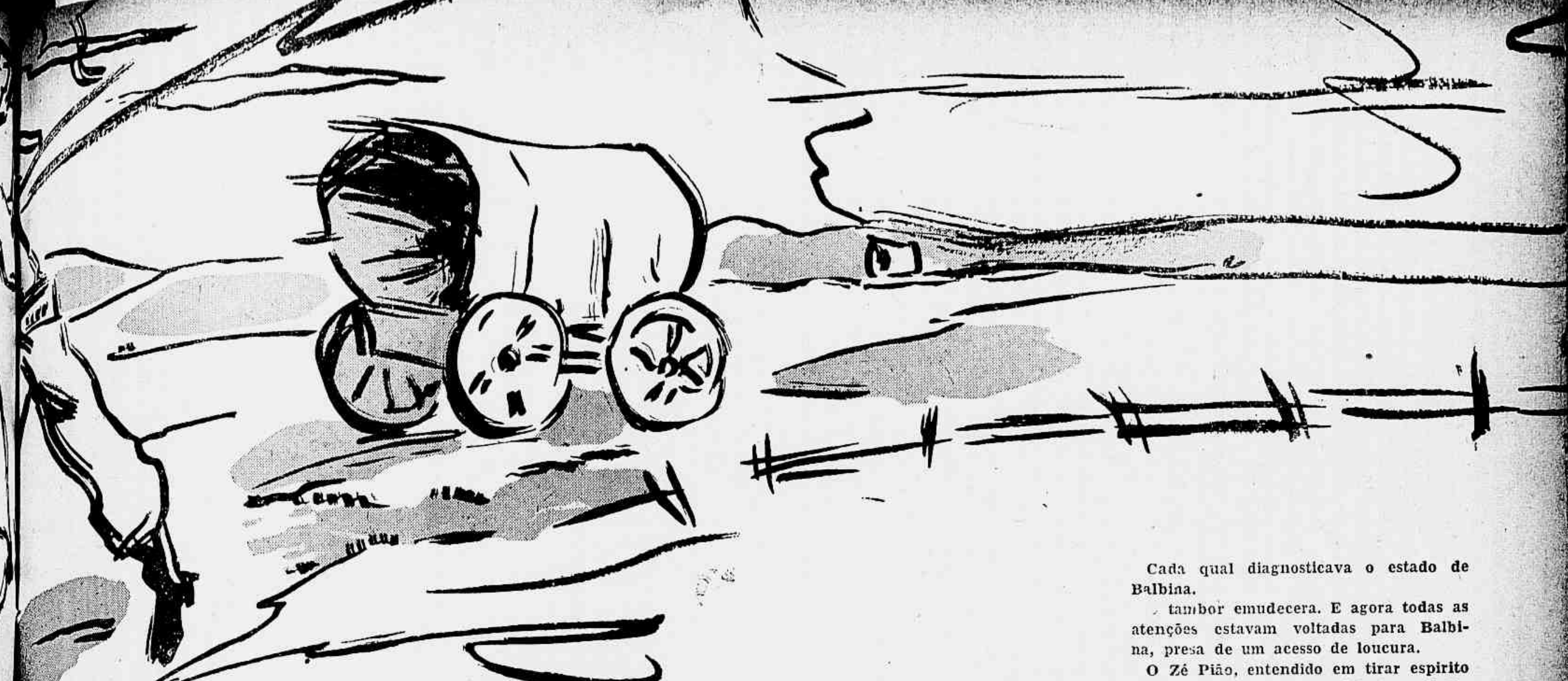
UM ALMOÇO NO DIA DE PAGAMENTO

— Para terminar, convém acentuar o espírito de associação, solidariedade e entendimento integral existente entre os professores e alunos, no que diz respeito não só à formação dos jovens mas aos destinos da própria Faculdade.

Como prova do espírito de camaraderie existente entre os mestres, basta assinalar que, mensalmente, em dia determinado pelo pagamento, professores e assistentes reúnem-se em um almoço para que, sem formalidade nem programas, seja montada uma atmosfera de entendimento e de estima, um convívio salutar.

CHEGOU O DIA DO PAGAMENTO e com o pagamento o almoço de confraternização em que se reúnem todos os professores e assistentes da Faculdade de Filosofia. É por essa ocasião que se esquecem as atitudes protocolares ao calor do "Chianti" sanguíneo e ao sabor da gostosíssima conversa de Manoel Bandeira. Viva o dia do pagamento! — Ao centro, está o diretor, o escritor e educador A. Carneiro Leão, membro da Academia Brasileira de Letras. Além de direção o estabelecimento, ensina Administração Escolar e Educação comparada. Muito embora tenha a aparência de um sujeito em grande estilo, isto é, de um ranzinza, impertinente e intolerante como acontece com a maioria dos diretores, o professor Carneiro Leão é rápido só na aparência. Um carneiro em pele de leão...





QUANDO os carros, com suas esteiras altas de taquara, amarradas aos fúeros, e tirados por quatro juntas de bois, começaram o transporte da terça de milho, para a Fazenda Pau d'Alho, surgiram entre os colonos, as primeiras notícias de "jongo" naquelas redondezas.

Um domingo de abril, montado numa égua bragada, viajava com destino a Pinheiro. Eram seis horas da manhã, quando iniciei a viagem. Fazia algum frio, prenunciando o início de uma estação temperada. E os morros tinham desaparecido sob a onda espessa da cerração.

Sobre o caminho estreito nas varengas, o capim angola vergado de lado a lado com o peso do orvalho, obrigavam-me a tirar os pés dos estribos e colocá-los sobre a cabeça do socadinho.

O caminho era assim, sem cuidado e de pouco transit, numa extensão de 3 quilômetros, até a sua encruzilhada com a rodovia, que liga Pinheiro à Freguesia do Arrozal.

Depois de uma hora de viagem constante por essa estrada, cheguei ao meu destino, aliás sem fadiga. Para o que contribuía, em grande parte, a temperatura agradável daquela hora matinal e o passo cadenciado do animal, na estrada sinuosa, que serpenteia o extenso vale do Caximbo.

Algumas horas permaneci em Pinheiro. E ao cair da tarde estava de volta. A estrada agora, mais movimentada com o regresso dos tropeiros, que haviam deixado nos estabelecimentos de laticínios da vila, a carga que trouxeram, cobria-se de espessa nuvem de pó.

Os leões se sucediam um após outro e o suplicio parecia-me irremovível. Todavia, com um esforço que fiz nas rédeas presa às mãos, o animal pôs-se a caminhar num passo mais lento, deixando que se alongasse mais o último burro, que seguia na minha vanguarda.

La desprecupado, quando se me depa-rou o Gastão. Um preto baixo, já carregado nos anos. Vinha pela estrada da Fazenda Carqueja, que bifurcava ali próximo à ponte sobre o Caximbo.

Correspondi ao cumprimento, que me fizera e parei o animal para responder-lhe algumas perguntas. Satisfeita a sua curiosidade, indaguei quando teria "jongo" em sua casa.

— No sábado que vem, patrão, respon-de-me.

— Poderei assistir? — perguntei-lhe.

— Qual, patrão não gosta "dessa coisa". Patrão só vai "nas festa" do arraial. Se patrão quiser, pode aparecer. Mas se chover, ficará para a outra lua cheia.

— Acha então que vamos ter chuva esta semana? — perguntei-lhe.

— Homem, as embaúbas estão aí, com

as folhas brancas viradas para as bandas do mar. Isso é mau indício.

Não lhe respondi mais nada, fiz as minhas despedidas e espreando as costelas do animal prossegui na viagem.

Passaram-se os primeiros dias da semana com chuvas, conforme Gastão previa, com os seus conhecimentos meteorológicos, bebidos nas lições da própria natureza.

No sábado, dia aprazado para satisfazer a minha curiosidade, aprestei-me resolvido a ir pela notinha até a casa do preto Gastão.

Andei por uns caminhos invios, sem um reflexo de luz sequer, pois a lua na fase final da cheia, devia aparecer lá pelas tantas da noite.

Mergulhado na treva que vestia toda a natureza e já próximo à casa de Gastão, que ficava no platô de uma pequena colina, parei numa porteira a poucos metros depois de uma estiva, com indícios de reconstrução recente.

Um número incalculável de pilrampos vagueavam por sobre o extenso brejal, numa fosforescência constante. E um vazio confuso de sapos modulava canções esquistas, que se perdiam pelos grotescos vestidos de treva e silêncio. De per-meiolo, o batique surdo, misturado com as cantigas grotescas, faziam eco pelas quebraças. Era o "jongo" na casa do preto Gastão.

Relutei a princípio, mas afinal resolvi chegar. A casa era uma velha choupana coberta de sapé, feita de taipas e apenas barreada.

O terreiro, de ângulos irregulares, tinha nas suas extremidades lampeões de querosene, improvisados em gomos de bambú, apoiados sobre duas estacas de pouco mais de um metro de altura do solo.

A um canto do terreiro, uma lata grande com garapa fervida e três panelas com mandioca e batata cozidas.

Em redor, os presentes àquela festa, recebiam das mãos de uma preta velha ruminante, o quinhão daquele repasto noturno.

Cães e gatos, com olhares famintos, aguardavam resignados o sobejo de cada um.

Enquanto uns tomavam o caldo de cana fervido, com alvim cozido, sentados sobre pedras ou tóros de madeira, os demais dançavam em volta de um tambor de sons abafados, único instrumento que formava o ritmo daquele ballado informe, cheio de requebros e tregeitos, com movimentos alternados das pernas e dos braços.

Daquela bulício estranho provindo da costa africana, ressaltava a sonância deste estribilho, que se prolongou pela noite a dentro:

— Candongueiro come tia.
— Candongueiro come tia.
— Candongueiro come tia.

Não ouvi outra cantiga senão esse estribilho, em que, para mim, nada havia de expressivo.

Tinha-me aproximado daquele espetáculo sem que ninguém percebesse, e

conservei-me por algum tempo oculto por uma touceira de cana, de onde pude observar os festejos em todos seus detalhes.

Quando percebi que o seu aspecto não modificava, resolvi procurar o dono da casa, o preto Gastão, cujas mãos calosas diziam bem dos anos que vivera preso ao cabo dos cacumbús.

Fiquei surpreso quando me viu ali. "Divera patrão!" "vaquencê veio" mesmo? Fica à vontade, não se "véxe". Dizendo essas palavras saiu apressado para voltar momentos depois com uma pequena tigela de café ralo e intragável, que atirei fora num momento de descuido dos circuns-tantes.

A minha presença não modificou o ritmo da festa. A mesma algazarra, o mesmo estribilho e a mesma batucada.

Lá estava o João da Rosa, um pouco chumbado, a dar rasteiras e arrotar valentias. Mas em verdade assustava-se com a própria sombra.

Não havia pares. Cada qual executava os movimentos que melhor lhe agradasse, dentro da cadência marcada por um instrumento monótono.

Os meus olhos rondaram curiosos por todos os recantos daquele cenário, e tive a impressão de que um sonho me transportara, naquele instante, para uma região do interior do Senegal.

De súbito, porém, uns gritos lancinantes vieram surpreender os presentes. Partiam do outro lado da choupana pondo daquela gente sob curiosa expectativa.

Os primeiros instantes foram de indagações e confusão, mas não demorou muito para surgir no terreiro a Balbina, uma preta já idosa que vivera amancebada com o finado Zé Carreiro.

Cabelos hirtos, olhos esbugalhados, vestes em desalinho, vinha em gritos, ora chorando ora gargalhando.

Entreolharam-se todos aterrados com expressões inquiridoras.

— Está com o "bicho" no corpo, disse baixinho a Petronilha.

— Isso é "porcaria" que fizeram na pobre da Balbina, obtemperou a velha Luzia do Chico Lenhador.

— Que "bicho", que "porcaria", que nada. Ela está com o espírito do "amassio", o "difunto Zé Carreiro". Ele era assim, metido a valente. Quando a pinga lhe subia um tiquinho, danava gritar até espalhar todo mundo e acabava com a festa dos outros, disse o Benedito da Tiana, que estava recostado no oitão da casa, indiferente àquelas cenas.

Cada qual diagnosticava o estado de Balbina.

tambor emudecera. E agora todas as atenções estavam voltadas para Balbina, presa de um acesso de loucura.

O Zé Pião, entendido em tirar espírito mau do corpo da gente, foi chamado às pressas, e não demorou muito a chegar. Aproximou-se de Balbina, que se estrebuxava no chão como um burro suado, e acenando-lhe com um ramo de arruda disse: "Desconjuro pé de pato, vá pros quinto. Desconjuro alma penada, virgem em cruz".

Com o auxílio de alguns dos presentes foi levada para trás da casa e aí foi amarrada ao esteio do rancho do quil-tungo.

— O espírito é muito forte, exige um trabalho bem feito, disse o curandeiro aos que se lhe acercavam.

Balbina, que destroçara quase todas as peças de sua roupa, tinha as mãos, o dor-so e as pernas atados, gritava e contorcia-se toda numa ânsia de liberdade.

Zé Pião, com uns galhos de maricá apañados na extremidade do terreiro e ajudado por outros, preparava uma fogueira próxima ao rancho.

Quando terminou a obra foi cochichar ao ouvido de Chico Campeiro.

Mal acabara de ouvir a última palavra, o pretinho embrenhou-se pelo canavial a dentro, voltando daí a pouco com três ferraduras velhas e crestadas de ferru-gens.

Zé Pião foi logo tomando-as das mãos e atirou-as sobre a fogueira crepitante.

Em volta estava toda aquela gente com olhares curiosos. Queriam ver o trabalho de tirar espírito mau do corpo dos outros.

O curandeiro olhava reiteradas vezes as ferraduras na fogueira, e quando elas se confundiram com o braseiro, foi in-timidando autoritariamente a todos que se retraiassem.

Todos obedeceram a sua ordem sem relutância. Para ele se convergiram, então, as esperanças de salvar Balbina.

Não resisti aos impulsos de minha curiosidade e postei-me oculto por trás das folhas lanceoladas de um pé de erva-cidreira, ficando perfeitamente acoberto das vistas de Zé Pião.

A luz branca da lua não tinha romplido ainda as nuvens negras, ameaçadoras de chuvas e trovoadas, que cobriam os céus, naquela noite.

As trevas pareciam querer ocultar ao resto do mundo aquele espetáculo selvagem e desumano.

Balbina, de corpo desnudo, era o alvo das minhas atenções. Compadecei-me do seu estado.

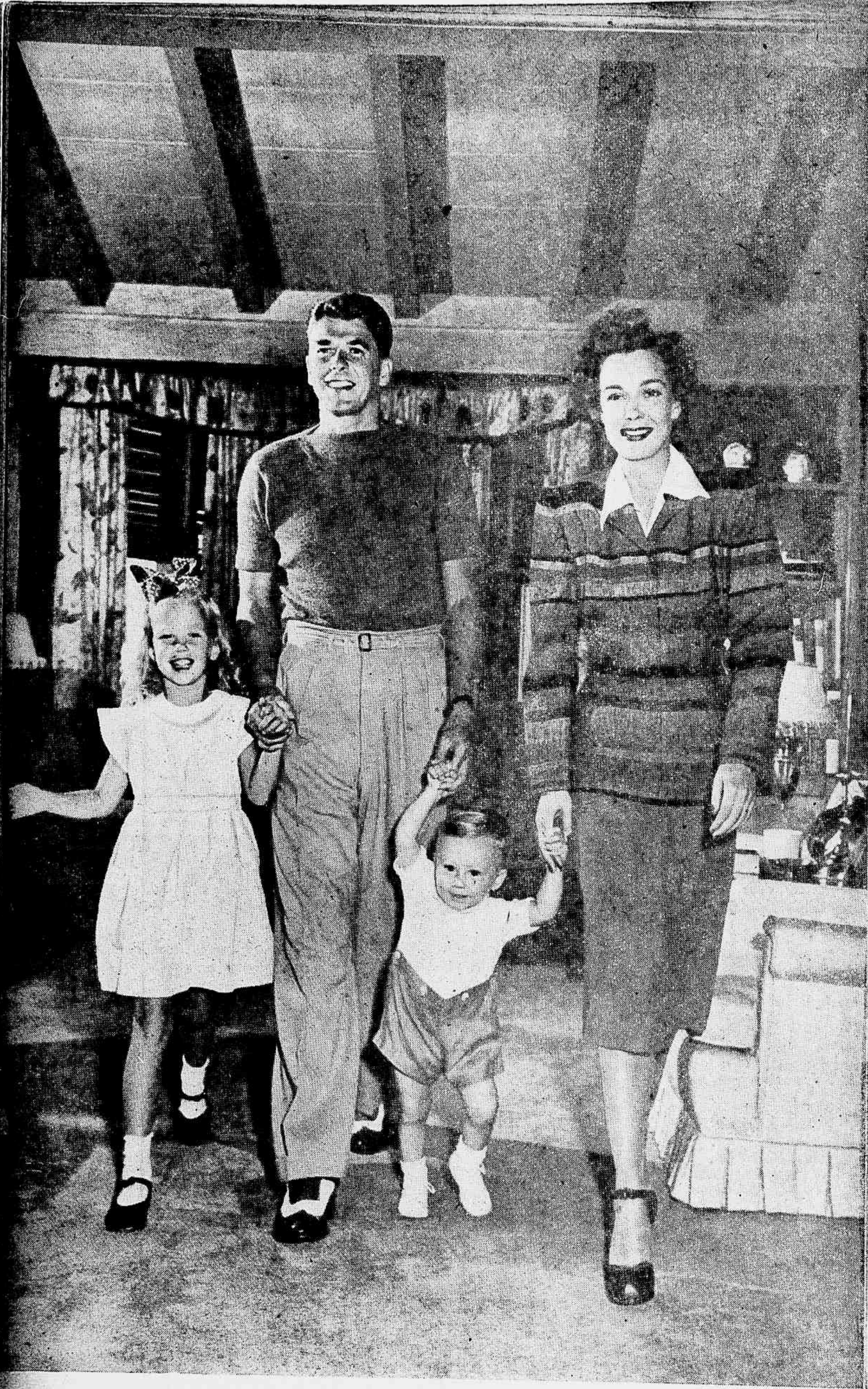
Zé Pião com uma torquez velha e desengonçada, retirou uma das ferradura-

(Cont. na pág. 43).

O JONGO

Conto de Nicanor Paiva * Ilustração de A. Zaluar

Premiado no Concurso permanente da REVISTA.



A esquerda: Margaret Reagan

HOLLYWOOD, novembro — Muita gente, costuma atribuir a esses artistas, véssem possuídos desses sentimentos parte do seu ganha-pão cêlario. Assim, em Dan Duryea vê nele um cínico, uma pira sentimental, querendo sempre arrastar gente boa e gente má, mas como em "Preto ou em Marselha" . . . Sucede, entretanto, que elas estão muito longe de Ladd com certeza imaginam vê-lo como imaginá-lo de quatro pés, numa sala, de seu casamento com a ex-"star" da "Carol". No — submeter-se aos caprichos da filha que resolve loçador de pequenas nos filmes que interrompe a residência, quando não é reclamado pelas filhinhas, Bárbara Queen e Carol Ann.

Em baixo: Barker e s



PAPAIS E MAMÃES DE HOLLYWOOD

Os artistas não são Casanovas e Manons, mas criaturas simples, de gostos normais, levando uma vida familiar como a de qualquer "fan" mais ou menos burguês . . .

Por LUIS SERRANO ★ (Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood).



Reagan e Jane Wyman, artistas da Warner Brothers, com seus filhos Maureen, de seis anos de idade, e Michael, de dois anos. Em cima, Deana Durbin e sua filha Jessica; Alan Ladd e sua filha Alana; Judy, com sua filha Liza.

passível na tela cenas amorosas arrebatadoras, entre artistas da vida real, como se na verdade, estivessem não só elêmeros, mas exteriorizados profissionalmente, como em Errol Flynn, vê nele um terrível Casanova, quem pensa em anti-social, e quem pensa em Veronica Lake vê nela uma vampira de alguém... E' verdade que em Hollywood há de tudo, em cada cidade do mundo, como em Rosário de Santa Fé, em Ribeirão Preto, o cinema faz com que atribuamos a muitas figuras da tela uma vida real. Por exemplo: os admiradores e admiradoras de Alan Ladd na mão ou com uma loura nos braços — estando longe de casa, para cavalinho para sua encantadora filhinha Alana, fruto de sua paixão. No entanto, é esse um dos seus divertimentos favoritos, resolve fazer equitação... Robert Young, embora seja um cavalheiro morigeradíssimo, preferindo em muitos casos ficar em sua casa e ler o livro de conversas e ensinar coisas às suas encantadoras filhas, é outro feliz de Hollywood: Gary, Phillip, Dennis e Lindsay

formam um quarteto magnífico, de crianças saídas e magníficas, todas elas adorando o pai... Bob Hope não tem muito o que invejar a Bing Crosby, porque seu filho e sua filha são também dois amores. Ray Milland é um pai tão bobo, tão orgulhoso de ser pai, que a primeira coisa que faz, quando é apresentado a alguém é mostrar o retrato do seu filho, Danny, perguntando se a pessoa já viu outra criança igual. William Bendix, aquele popular massa-bruta dos filmes derrete-se todo quando recebe um agrado de suas duas filhas, Lorraine, a mais velha, já uma mocinha, e Stephanie, a mais nova. Brian Donlevy muito se orgulha quando vai almoçar num restaurante, não em companhia de uma "star" famosa, mas de uma figurinha que se chama Judith Ann Donlevy... Gary Cooper, Fred MacMurray, Patric Knowles, Jim Brown, Danny Morton, são outros tantos pais felizes de Hollywood. Lou Costello, quando enfermo de paralisia parcial perdeu um filhinho, que se afogou numa piscina, mas tem para consolar-se suas filhinhas Patricia e Lou, esta com 9 e aquela com 8 anos de idade. O casal Jane Wyman e Ronald Reagan pode também se orgulhar de sua prole, uma linda menina e um robusto garoto. Jean Pierre Aumont e Maria Montez estão orgulhosos de sua filhinha Cristine e as duas estrelas-cantoras, Deanna Durbin e Judy Garland, são também mães felizes, para satisfação de seus respectivos maridos, o produtor Felix Jackson e o diretor Vincent Minnelli. Podem ficar certos os "fans" de que, embora aparecendo na tela como Casanovas, Manons, Mimis, Lovelaces e inimigos públicos, os atores e atrizes de Hollywood também sabem desempenhar com perfeição os papéis gloriosos de papais e mães...

Barker e sua esposa, Susan Hayward, muito orgulhosos, cuidando dos seus gêmeos, Timothy e Gregory; e Dan Duryea, o cínico número um do cinema, empurrado sobre um velocípede pelos seus dois filhos Peter, de sete anos, e Richard, de quatro anos.





cima : Danny Morton, ator e cantor da Universal, com sua filha Dannett, e Robert Young, ator da RKO Radio, com suas filhas Bárbara Queen e Carol Ann. Em baixo : Lou Costello e sua esposa, ao lado de suas filhas Lou e Patrícia.





Myrna Dell, uma linda "estrela" que surge promissora na constelação de Hollywood — (Foto RKO).

E' A VOCÊ, minha amiga, a quem o ciúme consome, que me dirijo hoje. Diz você que sofre imensamente porque ama demais ao seu marido e não suporta vê-lo falar com qualquer outra mulher! E, no entanto, é você mesma quem diz, ele a ama profundamente e tem dado provas suficientes do seu amor.

Porque então toda essa tortura? Porque sofre você tanto? Porque procura criar casos e imaginar romances em puras e meras casualidades?

Qual, minha amiga, você não está muito sã. Se você tem, como diz, provas de que é amada pelo seu esposo, deixe então de se torturar mentalmente e, evite, acima de tudo, fazer "cenas" que possam provocar tensão entre vocês.

Lembre-se também de que o seu ciúme não faz com que apenas você sofra; ele também sofreria se chegasse a se aperceber da existência desse seu sentimento.

A felicidade conjugal, minha amiga, repousa, principalmente, na confiança. E você não está no campo oposto; você sabe que é amada e que pode confiar no seu marido, mas apenas "não pode vê-lo conversar com outra mulher!"

Tudo o que posso dizer a você, é que procure se controlar, procure se preocupar com problemas mais sérios, e de maneira alguma, deixe transparecer ao seu marido a sua

desconfiança... Ele ficaria chocado, pois espera que você creia nele como ele creia em você.

Uma das mais eficientes maneiras de eliminar esse ciúme doentio, é criar o complexo da "superioridade"... Convença-se, minha amiga, que mulher alguma jamais o amaria como você o ama, jamais o trataria como você o trata, jamais cuidaria da sua própria aparência como você o faz, somente para agradá-lo; jamais criaria, como você, um ambiente onde ele se sentisse tão bem, convença-se de tudo isso, minha amiga e verá nascer dentro de si um novo sentimento: a confiança em si própria que é o primeiro passo para o nascimento de um outro sentimento: a confiança no seu marido.

K I T T Y

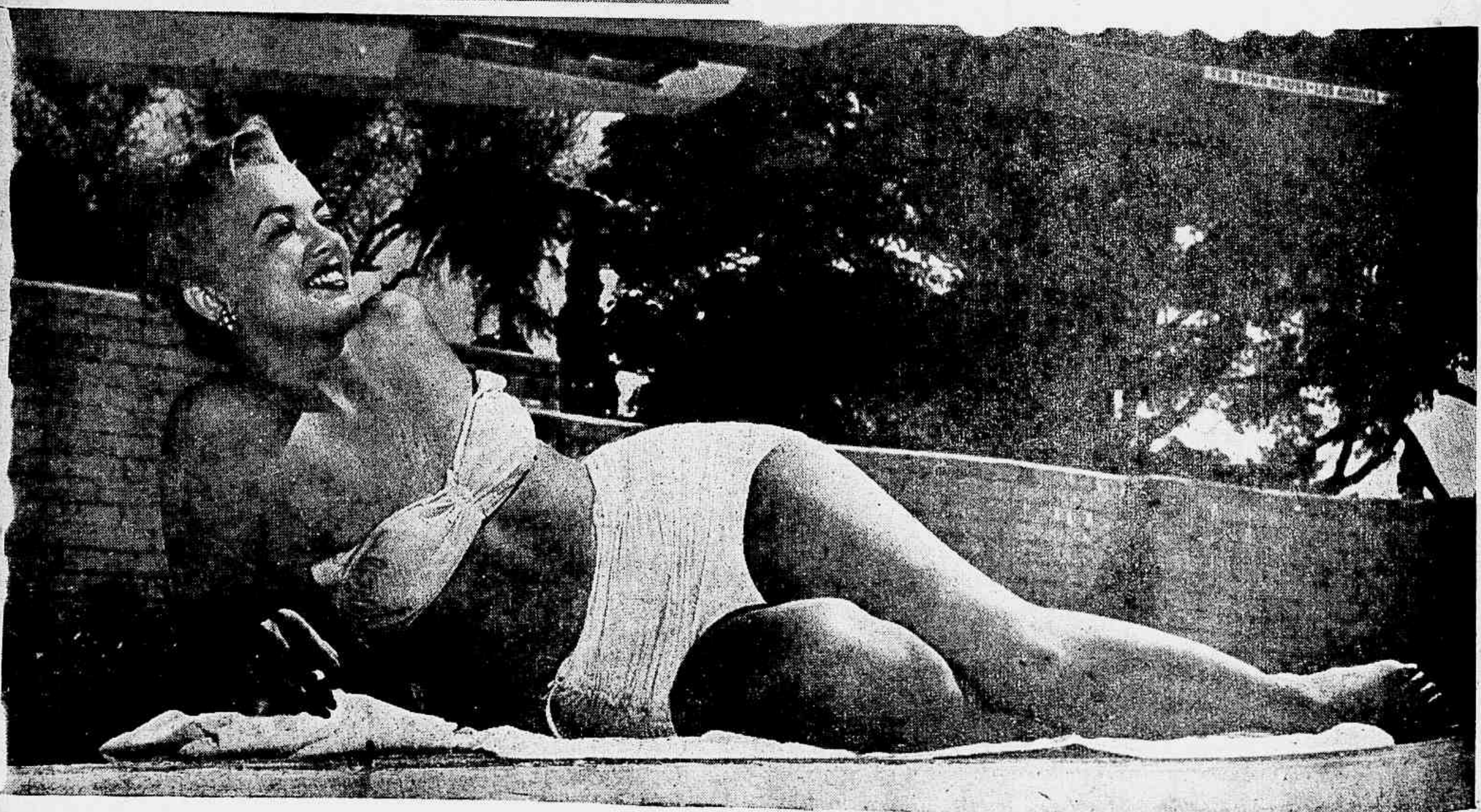
NOS BASTIDORES FEMININOS



"MAILLOTS"

HÁ uma variedade encantadora de "maillots" para o novo verão carioca. Coloridos vibrantes, feitiços originais, tecidos especiais, tudo é combinado para realçar ainda mais a graça e a plástica maravilhosa dessas garotas que enchem as nossas praias. Aqui, algumas sugestões de Hollywood às quais as nossas deliciosas banhistas por certo aderirão:

E' Dorothy Malone, da Warner Bros. quem sugere este simples "maillot" em gabardine, fechado de alto a baixo com "eclair" "Pences" sob o busto. E esta agora? Já viram coisa igual? Até parece que cada medalha corresponde a um assovio... Bárbara Hale da RKO, lança a moda para quem queira imitá-la... Esta é Myrna Dell, linda neste "maillot" duas-peças, sumariíssimo... Na página ao lado: Se de todas as abóboras saísse uma "coisinha" assim, veríamos muitos cavalheiros respeitáveis fazendo fila para comprá-las... E a garota bem que merecia... E' ela Myrna Dell, da RKO, e o seu "maillot" é composto de duas peças de jersey estampado. E ainda há quem não goste de abóbora...







S
pág.
Na
côr
fren
em
frat
Lor
can

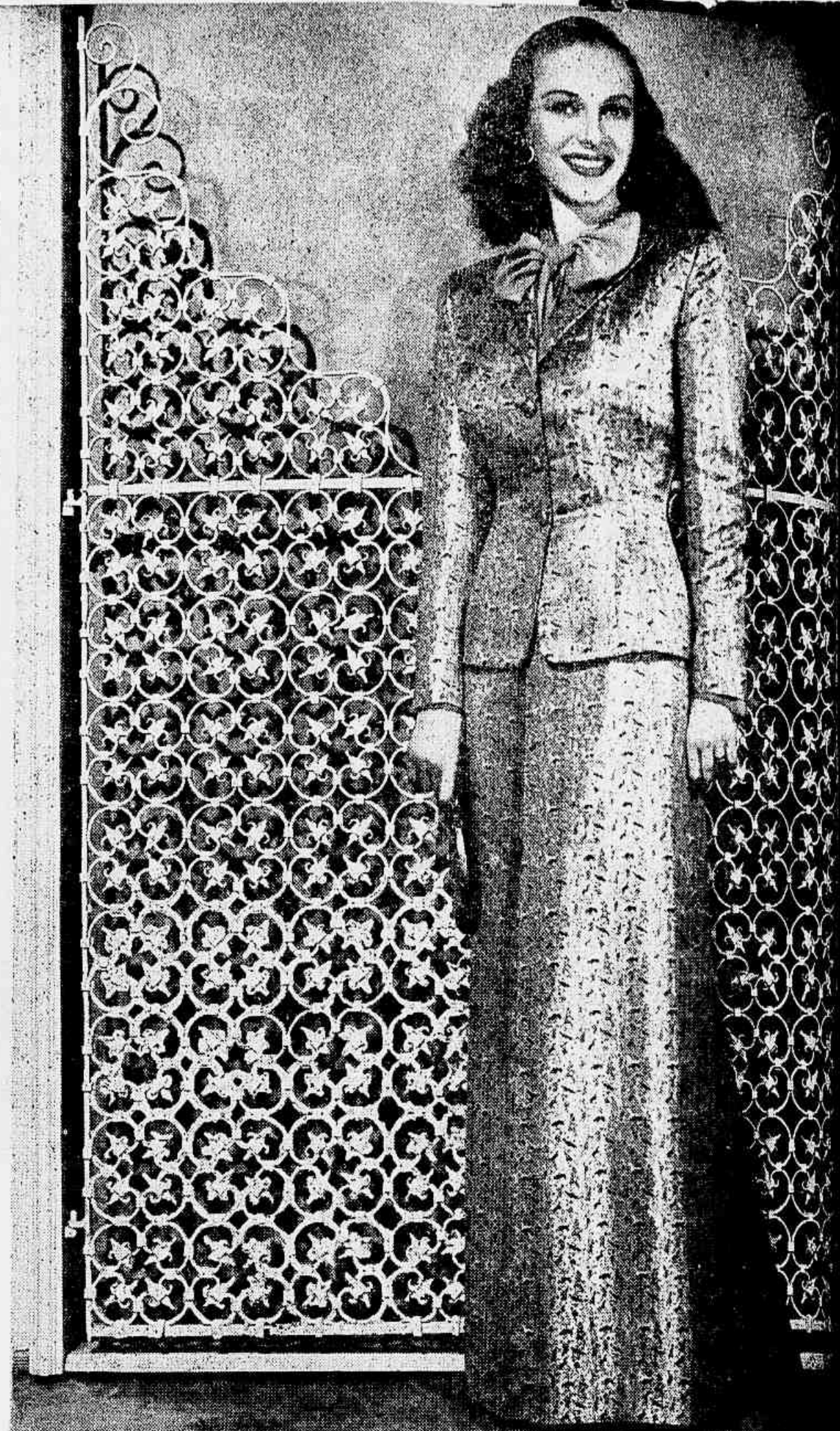
INTIMIDADE

SER elegante mesmo na intimidade, é dever de toda a mulher que preza a sua feminilidade e bom gosto. Nesses momentos íntimos, deve ela esmerar-se ainda mais, afim de que a sua beleza e os seus encantos sejam ainda mais realçados. Nestas páginas, algumas sugestões por certo adoráveis.

★

Na página à esquerda: Deliciosa camisa de noite em gase chiffon verde garrafa. A cor é recomendada especialmente às jovens de tez clara. A camisola tem traspasse na frente e saia muito ampla. Delicada camisola de cetim rosa-sêco, com a parte superior em gase franzida. Grande decote com vize de cetim. O mesmo vize nas mangas. Ligeiro franzido sob o busto, apanhado por duas tiras de cetim que dão laço. Sugestão de Loretta Young — RKO. — Finalmente, Donna Reed, "estrela" da MGM, usa sobre a camisola este admirável "robe" de seda azul pálido. Gola e punhos de cetim azul, acolchoado. Faixa também de cetim azul.





MODELOS PARA SOIRÉE

PARA as noites elegantes que se aproximam, as "estrelas" de Hollywood oferecem às nossas leitoras as suas sugestões. As "toilettes" para a noite estão dia a dia recebendo maiores atenções por parte dos grandes costureiros, os quais não ignoram que depois de cinco anos de guerra, as mulheres do mundo inteiro estão ávidas em recuperar todas as oportunidades de se mostrarem belas e elegantes. No alto da página, à esquerda, a encantadora June Allyson, da MGM, exhibe aqui um modelo para a noite em gaze preta, com forro de "moiré" rosa-seco. Decote redondo, mangas fartas e compridas, saia "godet" bastante ampla. Na saia, aplicação de ramagens em cores vivas, e grande laço de cetim rosa. À direita, Vera Zorina, famosa "estrela" da Universal, exhibe uma elegantíssima "duas-peças" para jantar em lamé estampado. Blusa de seda de mangas compridas e gola terminando em laço na frente. Em baixo, a novata Beverly Tyler, da MGM, exhibe um modelo de noite próprio para mocinhas. É confeccionado em renda de seda preta, com forro de tafetá rosa pálido. Grande laço também em tafetá, de um lado, na cintura. Decote em "V" e mangas japonesas. Saia "godet". E finalmente na página à direita: Deveras deslumbrante este modelo de Marguerite Chapman, da Columbia. É feito em lamé cor de cobre, ombros nus, drapé sobre o busto, cintura bastante justa, saia "godet" abrindo pouco abaixo do joelho.





DOIS LINDOS MODELOS

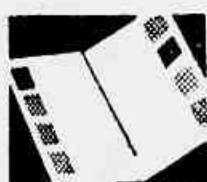


A esquerda: "Duas-peças" de Marcelle Dormoy, executado em "lingerie" havaiana com pastilhas bege. O casaco tem mangas compridas e gola dupla caindo em "godel", de muita originalidade. Cordeões de seda bege, trançados, formam a "corrente" que garante o casaco. À direita: Eis aqui uma elegantíssima "toilette" para jantar ou "cocktail", em cetim preto. Blusa com talhe alto, franzida ao redor da gola, laço e botões do mesmo tecido. Saia ligeiramente franzida na frente com "basque" dupla, toda franzida. Chapéu de "tulle" preto, de muito "chic".

**Reuna meias
avulsas e faça
pares novos!**

Tintex para meias - lhe oferece esta grande economia: fazer novos pares de meias, reunindo os pés avulsos que ficaram intactos e tingindo-os da mesma cor! **Tintex** é um corante norte-americano, que veio revolucionar os velhos processos domésticos de tingir. Para meias, cortinas e vestidos, permitindo tingir de claro os tecidos escuros, **Tintex** é incomparável! Experimente os produtos **Tintex**. À venda nas farmácias, armazinhos, e casas do ramo.

Como usar os produtos **Tintex**



TINTEX PARA MEIAS - Para fazer pares novos de peças avulsas, use primeiramente **TINTEX-REMOVEDOR**, que tornará as meias incolores. Depois, use **TINTEX PARA MEIAS**, tingindo cada par, da cor de seu agrado. Com apenas 3 cruzeiros, a senhora poderá ter vários pares de meias completamente novos! **TINTEX** é extremamente prático!



PARA TINGIR VESTIDOS - **Tintex** é usado com água quente, na fórmula usual, podendo ser aplicado em qualquer tecido. Há 44 cores diferentes de **TINTEX**. **PARA TINGIR DE CLARO OS TECIDOS ESCUROS**, aplique, primeiro, **TINTEX REMOVEDOR** de acordo com as instruções da bula. Com isso, o tecido ficará incolor, podendo ser tingido da cor desejada, por mais delicada que seja, aplicando os corantes **TINTEX**. Para tingir cortinas, use **TINTEX PARA CORTINAS**, de fácil aplicação.



PARA CLAREAR OU LIMPAR TECIDOS - WHITEX substitui com vantagem o anil comum. Tira as manchas, clareia e limpa de fato quaisquer tecidos, até os mais delicados. Use **WHITEX** na lavagem das suas roupas!

Tintex

TINGE DE CLARO TECIDOS ESCUROS

Distribuidores Exclusivos para todo o país:
LE MOS, ROSA LTDA.
Av. Rio Branco, 106/8 - 10º and. Tel. 22-7760 - Rio
Praça da Sé, 170 - 4º andar - sala 36 - São Paulo



Preços no varejo
3.00
pacote pequeno
7.50
pacote grande

eram aqueles homens brabos e valentes, que lhe davam pontapés no ventre e bofetões na cara amarranhada? Eram da polícia. Queriam saber quem matara o capitão. Com certeza eram todos parentes do capitão. Mas ele não sabia. Não tinha nada com a coisa. Estava inocente. Todo mundo estava inocente. E não era culpado de nada. Era preciso gritar, mas onde estava a força para isso?

Olhou as mãos inchadas dos boia-freitas, cuspiu nelas para passar a dor, mas a saliva pegajosa de sangue fez doer ainda mais. Muito mais. Então sorriu de novo. Mas aí a fúria dos homens redobrou. As vozes deles eram como punhais lhe rasgando os ouvidos. "Ele é assassino! Está rindo! Dá o serviço, bandido!" Teve vontade de rir mesmo. Bandido, ele! Dava mesmo vontade de soltar uma gargalhada. Além de preto era pobre. Além de pobre não sabia ler. No Distrito disseram que além de todos os defeitos ele era um analfabeto por isso bem que desconfiaram dele. E todos olharam-lhe com desprezo, superiores. "Um analfabeto!" Mas isso agora não interessava, pois a morte do capitão tinha muito mais importância. Era preciso pensar no capitão. O melhor era dizer que tinha sido ele mesmo. Sómente assim cessariam as pancadas. Mas seria condenado a 30 anos. Diziam que a Detenção estava modificada. O comissário havia jurado que o mataria de "cacete" se não confessasse. O melhor era não contrariar aqueles homens. Se não confessasse seria arrebitado a pontapés como acontecera ao Quin-de-cópas. Se confessasse estaria mentindo, pois ele não matara ninguém. Bom era sorrir. Mas o sorriso não adiantava. Preferível era dizer que tinha matado. Não apanharia mais, sairia nos jornais, ganharia carta de valente e fama de "canção". Seria logo transferido para a Detenção, onde a comida era suportável e a cama não muito dura. Fabricaria cassetes de linha e ganharia dinheiro "pros" cigarros. E depois talvez até aparecesse um bom advogado para o defender. Provavelmente estava com a Dolores à hora do crime. Deus era bom e faria tudo correr bem. Era preciso se livrar daquela hora que aquela, era uma hora sem Deus.

O remédio era dizer que sim, era dizer FUI EU. Mas aí deixou escapar um sorriso e foi a conta. Os homens caíram todos em cima. Uma sola de borracha lhe esbarrachou o nariz e um sapato enorme lhe comprimiu o ventre. A dor foi tão grande que ele viu dezenas de homens gritando e sentiu uma tropa de cavalaria passar sobre seu corpo (não sabia bem se eram cavalos ou touros assustados que fugiam). Tentou ainda gritar FUI EU, mas conseguiu somente esboçar o seu sorriso magro. E os homens continuaram enfurecidos, espancando-o noite a dentro, até que ele não teve mais força, nem para repetir humildemente o seu sorriso magro.

DO fundo de sua timidez ele tirou apenas um sorriso magro. Poderia ter falado abertamente gritado, batido o pé, que tudo aquilo daria em nada. Mas onde estava a coragem para isso? Ora, todas as coisas tinham mesmo de acontecer, o melhor era sofrer tudo calado. Desde criança que aprendera a se calar. Quando o pai chegava bêbado em casa sabia que ia ser espancado. Nem procurava se esconder. Apanhava quieto, sem uma lágrima de protesto, apenas sorria o seu sorriso magro. Era um

sorriso sem dentes, como um esgar. E parecia que machucava os lábios fazia doer os dentes escondidos, cortava a língua envergonhada.

E quantas vezes, na vida, diante da fúria dos patrões e da estupidez dos policiais, tivera que repetir o seu sorriso magro? Ah, — vezes sem conta! Só Deus sabia. Quando o pai aparecera morto na subida do morro, todos haviam chorado menos ele. Apenas bisou o seu sorriso magro. Tempos depois, na Galeria Cruzeiro quando engraxava os sa-

patos de um homem de meias brancas e levou uma bofetada, não fez outra coisa senão sorrir. Era um sorriso sem dentes, mas era um sorriso. A sua única arma, o seu único gesto de defesa. Não queria dizer desprezo, porque ele não era homem para desprezar ninguém. Também não era um sorriso de superioridade, pois era fechado e parecia que doía nos cantos da boca. Era um esgar. Esgar ou sorriso, quem sabia?

Agora estava ali, humilde os grandes olhos murchos, o coração aos pulcos. Quem

O JONGO

(Continuação da pág. 20)

ras em brasa e chegou ao ventre da infeliz criatura.

O primeiro grito de dor de Balbina ecoou fundo pela escuridão da noite, e se fez eco na solidão das trevas, não teve assalho nos corações humanos.

Quis fechar os olhos para não ver mais tamanha barbaridade; mas, quem sabe, era aquele o único remédio capaz de salvá-la?

Não seria a estréia de Zé Pião, pois era afamado por aquelas redondezas, pensel.

A tatuagem continuou pelo corpo da infeliz, que se contorcia de dores, impostas por tão desumano suplício.

O algô, num revesamento regular das ferraduras, prosseguia impassível na operação.

Um cheiro esquisito de carne tostada já se exalava pelo espaço.

Os gritos, os gemidos e as lamúrias já não faziam mais eco. Não tinha a pobre Balbina mais forças para suportar tão grande martírio.

O curandeiro dizia palavras ininteligíveis, ao mesmo tempo que chegava aquele ferro em brasa ao corpo da infeliz criatura.

Tive ímpeto de libertá-la, mas o temor que se apoderou de mim, obrigou-me a assistir a tão brutal espetáculo sem um protesto ao menos.

Minutos depois, Balbina de braços caídos ao longo do corpo, a cabeça vergada sobre o ombro direito, estertorava.

Zé Pião, depois de desatar as cordas que prendiam a negra ao esteio do rancho, deixando o seu corpo caído no chão, junto da fogueira chamou o pessoal e disse: — O maldito veio buscar a coitada. Por mais que enxotasse, o danado não desgarrou. Veio com o propósito de levá-la, e não teve outro jeito.

No dia seguinte todos ficaram sabendo logo da morte de Balbina. E todo mundo comentava: o maldito não quis sair e ainda "tafulou" a coitada na fogueira, que seu corpo ficou como couro de porco sapecado.

A BRUXA DOS MARI-NHOS

(Continuação da pág. 21)

relembra em quadras toscas, improvisadas ao acaso — algumas de imagens coloridas e nítidas — esses mesmos beiços polpucos, seios sublevados e as faces carnudas da sensual moradora da aquele cochicholo da estrada real, — desesperos de quantos boiadeiros bronzos e ríscos em trânsito nessas plagas, que se iam sertão em fora ruminando, desalvorados e impotentes, quizílias e se crelas maldições contra as feitigarias e quebrantes em que os traziam envolvidos o riso e olhar felinos da terrível ensalmadora.

Remota desculpas o moço arrieiro, descoltado do cocoruto o chapéu cabas largas. Ela insistia manerosa e hospitaleira, vencendo a fragilidade dos escrúpulos de cabra. E retinindo nos "cachorros" de ferro batido os grossos roselões, rendilhados em crivo, do par de esporas entrava ele sala a dentro, abancava-se a um dos tamboretos de taurias amarela de couro curtido de mateiro, onde ficava a prorear, arrotando pabulagens de mestiço pernóstico e chupitando a miúdo geladas farlas dum pipote velho de aguardente, que um menino ia medindo e vendendo a meia pataca o quartilha, ou entretido com a lábia e ademanos da dona dengosa e impudica num derrigo palerma, à espera do café costumeiro.

No copiar à banda ou sob a copa da gameleira, mastigava o frelo pachorrento e enclachada a mula estradeirona, aos cochilos cabeceantes, perturbada às vezes pelo zumbido tenuíssimo dos mirins do

campo e ferreteadas agoniantes das par-dacentas e achatadas mutucas sugadeiras: e estrada a fora, a sumir na estiva do rego além, ou cá no cotovelo da serrota, ia a toada argentina das cabeçadas das madrinhas da tropa, na branda e ligeira cadência da marcha, demorando em espiras largas no ar, e enchendo e abalando de vibrações querulas os ecos sucessivos das quebradas longínquas, apresurada de mais a mais pelo reio dos peões dos lotes a passar, que bem sabiam o patrão ali "enrabichado" presa duma sussuarana de nova espécie, e o pouso longe, légua além, de boas águas e encosto seguro para os animais solertes e avezados a sumigo.

Às vezes, nos dias festivos dessa transparência deslumbradora que é característico invariável do estilo goiano, topava ele ali gente de fora, e a companhia de forasteiros que se deixava a bebericar era animada. Ficava então horas a fio alheiado, conversando com a roda nos assuntos do ofício, o olhar devassando pelos corredores o interior var-

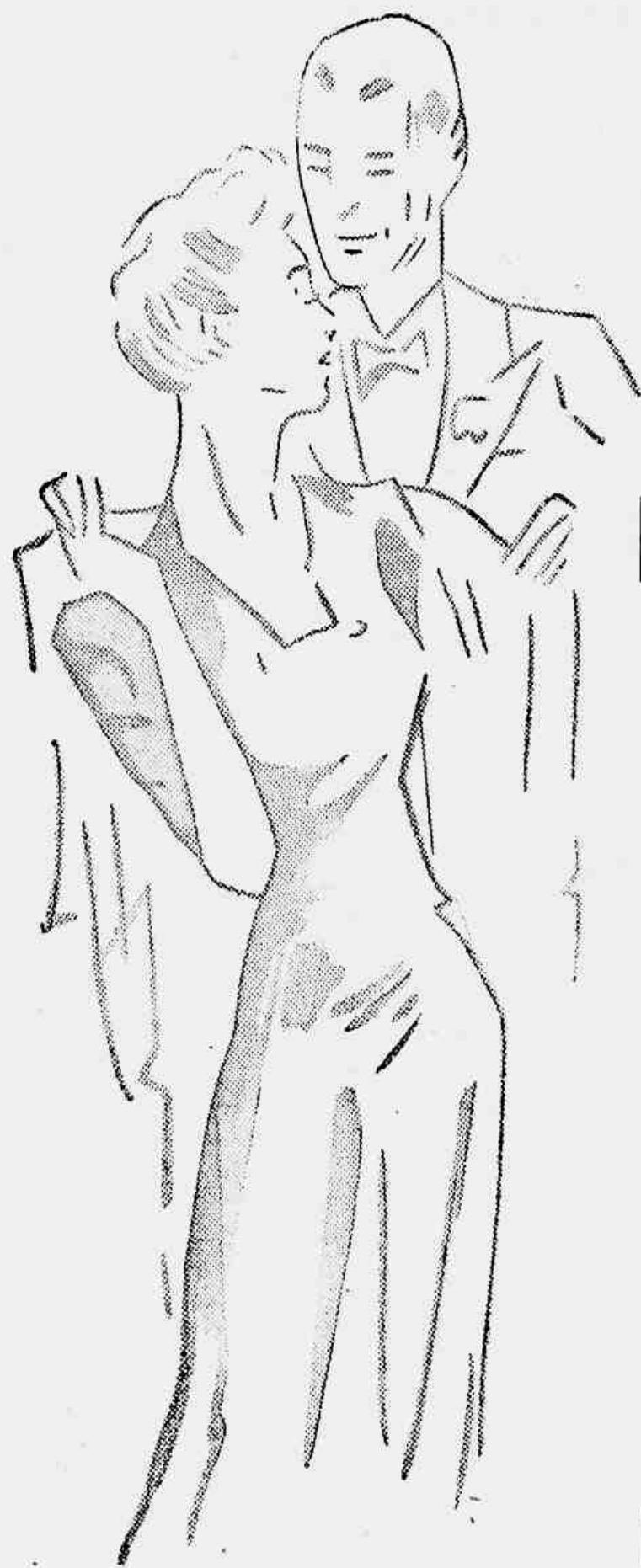
rido e asseado da casa, que findava num terreiro capinado e limpo, aquém do quintal ensombrado, onde pendiam, em festões engrinaldados, os limoeiros azedos, o laranjal pejado, cuja grimpá era de momento a momento assaltada por densas revoadas de guachos e joão-congos de peito amarelo e acerado bico, perfuradores dos sumarentos, que se punham a merendar alacres, numa orquestra alada de vivos e azoiantes gabreios.

Ele reparava enublado tudo aquilo; deixava-se esquecido a sacolejar no fundo da tigelinha de café aromático, sapintada de azul, os últimos resíduos do açúcar em dissolução; anotava lá embaixo, na estrada ampla e areienta, barrada a orla do rasteiro capim gengibre, o passo acelerado e tilintante do derradeiro lote, instigado pelo culatreiro empoeirado e suarento, a desaparecer no cotovelo verdejante da serrota, rumo dos arranchamentos, onde já folgariam os tocadores passados; e, pesaroso, recordava que era também tempo de se lhes ir juntar. Despedia-se impulsivo da bela ca-

baça — a que só veria meses depois, talvez um ano, talvez nunca mais, — saltava desembaragado na rosilha despertada em sobressalto ao abrigo da gameleira, e partia direito, sem voltar a cabeça sequer, naquele mesmo esquipado à marcha picada da chegada, o arreame niquelado todo cintilando ao sol...

Ao pouso arribava à boquinha da noite, feita a descarga, raspada, curada e amilhada a tropa já no encosto costumeiro da aba do morro, esfregadas a sabuco, afofadas e atalhadas as cangalhas pisadoras, a "janta" desempoleirada do gancho da mariquita aberta sobre o braçado, ao voejar imperceptível dos primeiros enxames de murissócas e pernilongos saídos dos charcos de juncas e angola das baixadas alagadiças, quando nas restingas de mato, da beira dos córregos e capões, começavam a sua terna elegia as jaós merencóreas do sertão; e longe, nas várzeas tenras onde o jaraguá altaneiro campeava eterna-

(Continua na pág. 55)

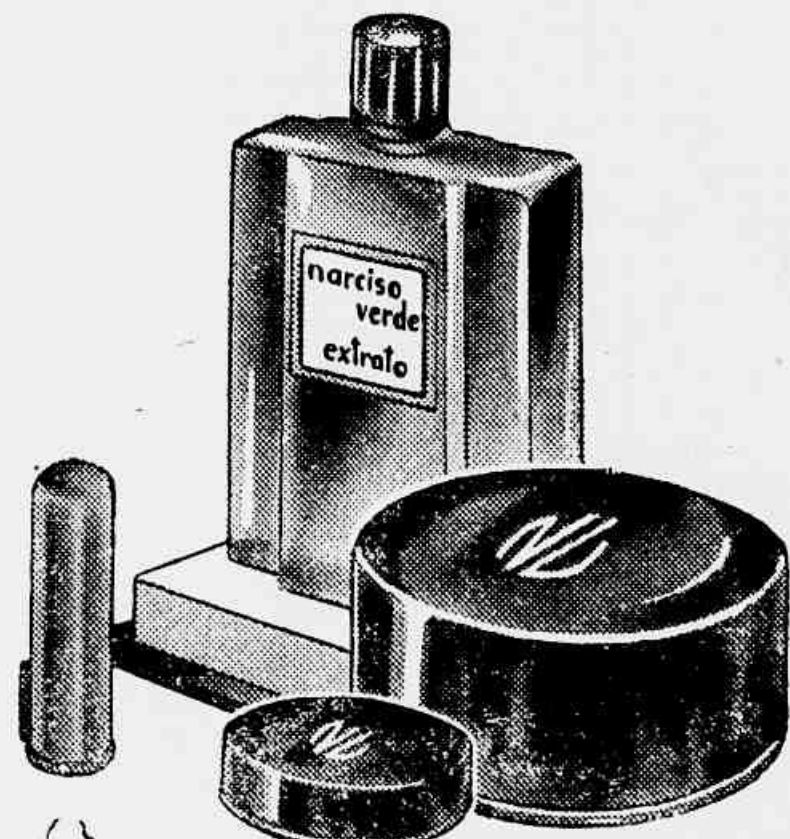


narciso verde

dá-lhe personalidade...

-presença...

-sedução...



EXTRATO * PÓ DE ARROZ ROUGE * BATON

PERFUMARIA CHIMENS
SÃO PAULO



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Metrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

Livros

DOZE HISTÓRIAS CURTAS, de Xavier Placer — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro, 1946.

A primeira impressão que nos vem destas páginas é a de se tratar de um discípulo, à distância embora, mas fervoroso, de Machado de Assis: Tudo nela era discreto e silencioso. Não direi a cor dos seus olhos, pois eu mesmo nunca reparei neles. Talvez fossem claros, é possível até que azuis e grandes... Nem porém, esse conto inicial observa de perto o estilo do grande artista, como a *Barriçada*, de Pedro Rabello, na qual — enviada a um concurso da *Gazeta de Notícias* e, antes do julgamento, publicada sem assinatura — se quiz ver uma experiência e uma facécia do pince-sans-pensée que, ainda então, nos seus bons momentos, era o criador de *Bras Cubas* e de *Quincas Borba*. A sensação que aproximaria intimamente as *Doze histórias curtas* dos *Contos Iluminados* logo se atenua e, pouco adiante, de todo se desvanece. O Sr. Xavier Placer tem o seu estilo, que é destro, insidioso, com uma ou outra arbitrariedade moderna, uma ou outra incorreção, moderna também: "chamá-la de bonita" etc., mas que nos seduz o gosto, nos conquista a simpatia e verdadeiramente se faz estimar.

A história que abre o volume e quer ser tida como romance: *Romance urbano*, é toda íntima, de caráter subjectivo. O herói conhece, da rua e do omnibus, uma criaturinha a quem propriamente, não acha formosa, de quem a rigor, não deseja saber onde nem como vive e pela qual, no entanto, se interessa até uma espécie de obsessão. Pensa nela como em alguma coisa soberanamente necessária à sua vida. Durante as viagens, que fazem juntos para a cidade ou à volta, para Copacabana, ele se preocupa com o efeito que a sua pessoa fará aos olhos ou no espírito da companheira daquela imaginada aventura. Quizera merecer-lhe uma atenção lisonjeira recia tornar-se ridículo; compara-se a outros passageiros, indivíduos sem distinção, mais ou menos antipáticos... De certo modo, vive para ela. Assim mesmo, sem lhe falar, sem nenhuma relação ou comunicação positiva, quase não vive se não para ela. Tendo deixado de a ver por algum tempo, passa tormentos de saudade e dúvida. Torna a encontrá-la e experimenta imenso júbilo; mas nem por isso procura deixar de ser para ela um homem como qualquer outro, distante, indiferente ou alheio. Até que, numa confeitaria, vem a descobrir por acaso, a verdade daquela vida... A criaturinha está acompanhada e é, pelo menos, noiva, conforme atesta a aliança de ouro que, num gesto simples de levar a mão ao cabelo, de deixa ver. E então sobre o romance quase inexistente, mas tão vivido, cai a decepção aniquiladora. O herói sai dali estonteado, desapaado, e vai caminhando por entre a outra gente, "com um peso mortal no coração".

Outras histórias tem mais movimento de entreecho, mas prestígio sensacional. O *Caso do broche*, com a joia que um caixeiro de café encontra no elevador do prédio e, depois da tentação da fuga, lhe é furtada por um companheiro de quarto, que esse, sim, foge com ela — poderia constituir quer engenhoso resumo quer propício ponto de partida de uma novela policial. Há no livro o diário de uma donzela requintada, Lucila, e o seu remorso de haver levado ao desespero, ora com promessas ora com esquívancas, o rapaz que a amava; a incerteza angustiosa de um marido que recebeu um bilhete anônimo; o nervosismo imaginoso de uma esposa que não sabe se há de acreditar no marido, funcionário público, quando este alega excesso de serviço e a necessidade de ir, à noite, a casa do chefe da repartição... E outras, outras páginas dolorosas, irônicas, vaga ou profundamente passionais apenas anecdóticas... Vê-se que o Sr. Xavier Placer não escolhe os assuntos; não tem, nesse sentido, preferências nem repugnâncias; aproveita aquilo que espontaneamente se lhe oferece à imaginação; e, na diversidade dos temas, vai traduzindo o mais que pode das variantes e reviravoltas da vida.

RELIQUÍAS DA TERRA DO OURO, fotografias de arte, precedidas de notícias históricas em português e inglês, por Edgard de Cerqueira Falcão — São Paulo, 1946.

A série de edições de luxo "Brasil pitoresco, tradicional e artístico" acaba de ser enriquecida com o quinto volume, sem dúvida, até agora, o mais precioso. O Sr. Edgard de Cerqueira Falcão é, realmente, um artista infatigável e, diante da sua obra, incontentável. Cada um dos seus empreendimentos excede os anteriores pelo esforço da organização e o esmero com que foi executado. Desta colunas o temos acompanhado com crescente simpatia. A nobreza da sua orientação e o cuidado inextinguível que põe na tarefa realizadora não de impressionar e cativar todos aqueles que pela exaltação e a divulgação dos motivos de inteligência e de estética se possam, mais ou menos e de qual quer modo, interessar. A influência destes albums, tais como o Sr. Cerqueira Falcão os apresenta, torna-se altamente educativa. Não faltam por aí as publicações do gênero, que pretendem servir a cultura e educar o gosto; na realidade, porém, a maior parte delas exercem, quanto muito, a função informativa. Quando muito, dizemos, porque, não obedecendo a suficiente escrupulo de elaboração e a elementos materiais bastante aperfeiçoados, o seu efeito se produz no sentido contrário ao objectivo que apregoam. Reproduzindo defeituosamente ou sem realce as formas e aspectos apanhados, em verdade os prejudicam. Roubam-lhes parte da admiração que merecem; e, em vez de despertarem no público o desejo de os ir conhecer de perto, podem lhes dar vontade de fugir deles.



O Sr. Cerqueira Falcão tornou-se, já pelo apuro técnico, já pela intuição da maneira de focalizar as imagens, um fotógrafo como bem poucos temos conhecido. Tudo, através da sua objectiva, se retrata não apenas com perfeita nitidez, mas também, como escolha de visão, movimento luminoso, resultado "teatral", nas condições mais favoráveis. Em muitos casos, assumem o prestígio da revelação. Salientam pormenores, acentuam particularidades nas quais o leitor de agora, talvez quando em presença das obras originais, não houvesse devidamente reparado. A estas fotografias caberá, em certas circunstâncias, o condão de ensinar a ver e compreender melhor. E, ao pensarmos que o presente album custou ao Sr. Cerqueira Falcão dois anos de esforço e dedicação extremados, forçosamente concluiremos que tal sacrifício — do nosso ponto de vista, pelo menos — valeu a pena.

As *reliquias da terra do ouro* compreendem toda sorte de monumentos notáveis, palácios e templos com os seus frontisílios e interiores, paramentos religiosos, objectos históricos, curiosidades de valor documental ou de graça pitoresca, que se encontram em Mariana, Passagem de Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João d'El-Rey, Tiradentes, Congonhas do Campo. E as últimas dezesseis páginas são finamente coloridas.

Nova

ROSA DO MAR SALGADO, romance de Olavo Dantas. — Editora Vecchi — Rio de Janeiro, 1946.

A páginas cento e vinte uma do livro, vimos a saber que Mar Salgado é uma enseada do arquipélago, fronteiro a Estocolmo, que conta nada menos de vinte mil ilhas. Até essa passagem, o título nos parecia, pelo menos, excêntrico. Estava agora justificado. Nas margens de Mar Salgado tinha nascido uma das três heroínas do romance. Inga-Lissa e sua irmã Guerda, jovens suecas da mais insinuante beleza e que, em atributos morais como em mentalidade e costumes, se assemelham às moças acentuadamente do tipo moderno.



Haroldo persuadiu-se de que a noiva lhe aceitara a corte por despeito, para se vingar imediata e ostensivamente da indiferença de outro homem, como fazem tantas namoradas sem juízo — e tantos namorados também. Sem se revoltar com a suposta descoberta da verdade, mas profundamente maguado no amor próprio, resolveu partir do Rio, rompendo com uma carta definitiva o compromisso que ligava o seu futuro ao de Risoleta... E nesse estado de espírito, sob os constantes conselhos de Luiz Octávio, o ex-noivo assente em procurar divertir-se, esquecer... Chegadas a Gotemburgo, começam os dois amigos por ir jantar num hotel da moda. E nem de encomenda, como que a esperá-los, lá estão Guerda e Inga — Lissa. Formam-se dois idílios, o mais civilizados, o mais literários possível. A feição mesma de bucolismo, procurada em passeios por arrabaldes, tranqüilos, festas em retiros campestre, serve para inspirar, no correr dos diálogos, as imagens de alta cultura e de fina arte. Os madrigais dos dois brasileiros glosam todos os louvores que se possam tirar da realidade e da ficção: "Quando a vejo, Inga-Lissa, penso que o mundo está novamente provado de deusas... Empalidecem as estrelas nas alturas, porque na terra está brilhante outra, mais bela e refulgente... Na verdade você me parece bela como as princesas gregas dos vasos pintados... Os seus lábios são uma flor de púrpura e o seu olhar a luz mais clara da minha vida... Os sacerdotes de Ferônia, deusa dos bosques, passeavam sobre brasas vivas sem se queimar. Quem poderia passear naquele bosque, com Inga-Lissa, sem se queimar na brasa viva do seu amor?... Você, como as ondinas de harpa de ouro, tem o dom de animar a natureza, de dar-lhe um sentido lírico..." As réplicas das lindas escandinavas atingem bem a altura daquele arrebatamento e daquela erudição. E não apenas a linguagem dos quatro apaixonados mas também o estilo do descritivo do Sr. Olavo Dantas a cada momento se enflora ou emalta de citações sublimadas. Vai — História, — Poesia, — Mitologia; e, recorrendo ainda às viagens do romancista pelos sete mares e as sete partidas do mundo, nelas busca comparações de grandiosidade ou graça, ilimitadamente. Quanto aos lances e reviravoltas do entrecho, vamos deixá-los à emotividade dos leitores. Apenas diremos que, a estes, não há de faltar motivos de entusiasmo nem de surpresa.

Tantas vezes o Sr. Olavo Dantas, homem de letras e homem de mar, tem sido comparado a Pierre Loti, que já os comentadores, como se abusassem de um lugar comum, se deviam envergonhar de tal aproximação. Em verdade, porém, ela se manifesta, de livro em livro se vai impondo e cada vez mais honrosamente para o escritor de quem estamos tratando. Sem imitar o estilo, muito menos revelar o temperamento pessoal do romancista de *Pêcheur d'Islande* e *Mon frère Yves*, o autor da *Rosa do Mar Salgado* o acompanha ou lhe corresponde na literatura brasileira. E o presente livro marca bem uma etapa dessa carreira vitoriosa.

CANDEIA, versos de José Lannes — Livraria Civilização Brasileira — São Paulo, 1946.

A lâmpada que adorna a capa deste livro não corresponde à significação do termo "candeia". O utensílio ainda hoje usado nas aldeias de certas regiões foi agora pelo ilustrador "estilizado" até à positiva adulteração. Chamar aquilo candeia corresponde a classificar de púcaro a taça caprichosamente lavrada por um ourives. Mas o desenho que falseia a fachada do livro, nenhum dano inflige ao que está lá dentro. São três partes distintas e não apenas separadas pelos títulos das séries, como em tantos volumes de poesias se verifica... Esses autores encontram vários latismos que lhes parecem belos, sugestivos, sensacionais, e em eles dividem a obra, sem reparar ou como se não reparassem que as poesias a cada vez mais sujeitas não se diferenciam tanto quanto eles indicam. Mais uma das chamadas liberdades poéticas, que, segundo Banville, não deviam existir... As primeiras páginas da *Candeia*, que se intitulam *Vano*, estão impregnadas como de um perfume ligeiro, de uma vaga filosofia, as que se seguem. *For aneire*, respiram-se em motivos de amor; as últimas, *Menagem*, cantam a bondade, a piedade e comovidamente se dirigem a Deus. Há nos versos do Sr. José Lannes apuro, ténor, limpidez de expressão, não raro imbuídos em felizes e sempre poesia. Vejam os a final: *Canção do Juramento*:

Fiz um dia o juramento
de nunca mais te querer
de nunca mais te querer
de nunca mais te querer
de nunca mais te querer
de nunca mais te querer
de nunca mais te querer
de nunca mais te querer

Mas apenas o fizera,
mal de meus olhos, te vi
como se nada houvesse
e ainda te encarei
juramento ao céu
mas de ti não
sabei, quando a o

O resultado estou vendo,
estou vendo, mas... em vão:
Que, sem remédio o frendo,
e sangue fel escorrendo,
tenho agora o coração.
Mas avem, amor, em te vendo,
ta b m não jurara em vão?



R C BEM VS:

EXODO DOS TRABALHADORES RURAIS — Clovis Lima, membro do Conselho Regional de Geografia e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Professor de Geografia Geral e Humana. João Pessoa, Paraíba — 1946.

Paris

GUARDA SUAS TRADIÇÕES...



e o perfumista

L. T. PIVER

as tradições de seus perfumes

RÊVE D'OR

POMPÉIA

UN PARFUM D'AVENTURE FLORAMYE

Perfumes que mantêm intacta a qualidade de suas essências

Continental

Festa

A TONALIDADE
DE SEUS LABIOS
NOS DIAS
DE ALEGRIA!

A intensidade, o deslumbramento ou a
meia-luz das festas e reuniões não
modificam o perturbador colorido de "Festa"
nos seus lábios. "Festa" é uma das sedutoras
tonalidades do baton Van Ess — o preferido
pela sua qualidade, tamanho e preço.



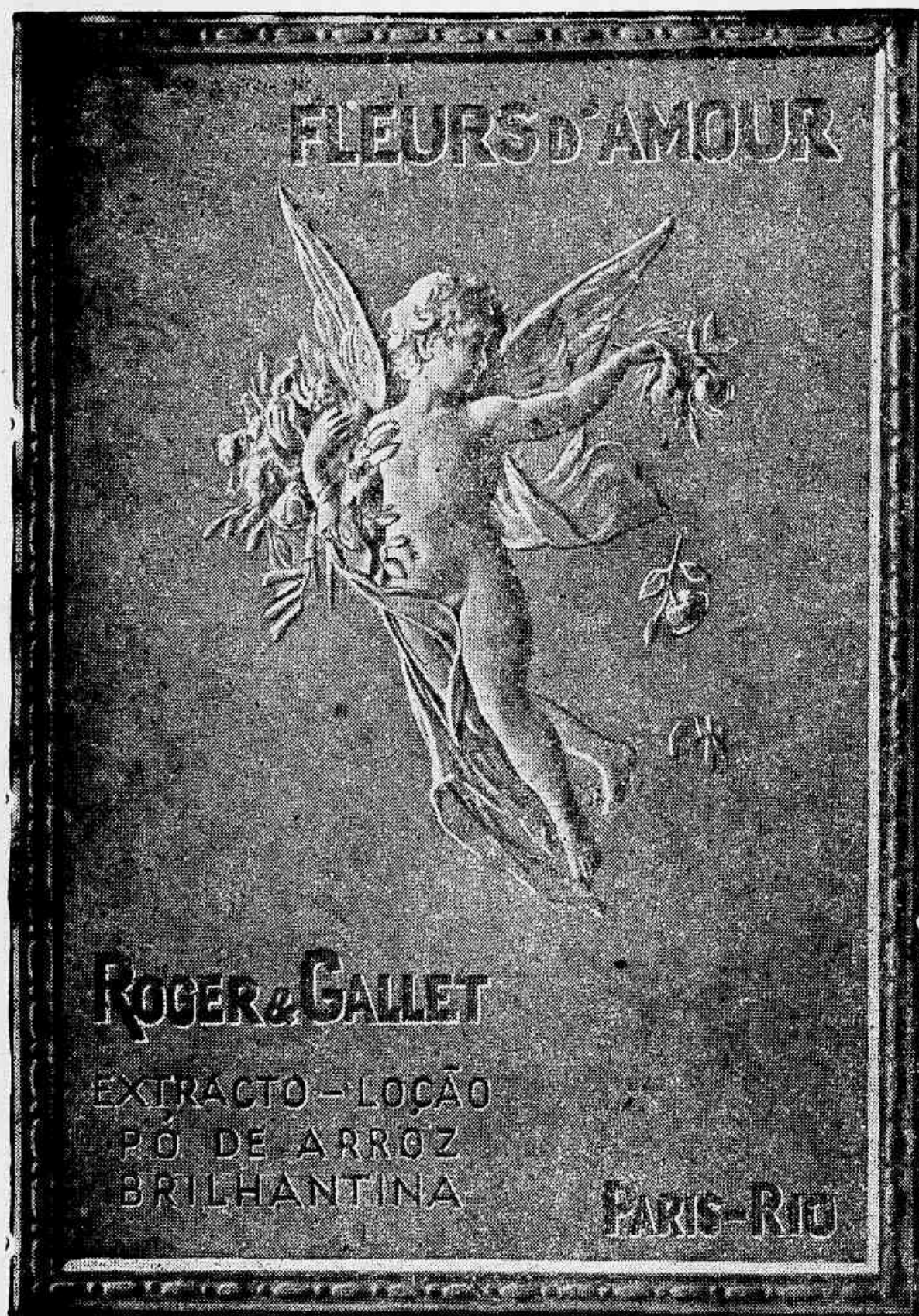
Baton

Van Ess

a cor moderna adequada
ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação: pó facial e "rouge" Van Ess

MODELO EM SEDA PRETA



"BRILHA" SEMPRE ! ***

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, sadios e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repentear. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, álcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



"Toilette" para jantar, de grande classe. Suas linhas admiráveis revelam a volta à feminilidade. Decote em "V" bem pronunciado. franzidos na frente formando drapé e babados de renda em diagonal, completam os detalhes elegantes desse figurino.

CALOS

DEDOS DOLORIDOS, CALOSIDADES E JOANETES

Pronto Alívio

Para alívio imediato, aplique os Zino-pés de Dr. Scholl. No momento em que estes são colocados sobre calos, dedos doloridos, calosidades, joanetes ou irritações produzidas pela fricção do calçado, a sensação de alívio é instantânea. Leves, macios, delgados, de fácil aplicação, protegem seus pés contra calos irritações e bolhas. Os Zino-pés de Dr. Scholl, usados com os Discos Medicados que os acompanham, eliminam, rapidamente, calos ou calosidades. Adquirir, hoje mesmo, os Zino-pés de Dr. Scholl, que curam uma insignificância. A venda em toda parte.



Lojas Dr. Scholl
PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO
RUA AROUCHÉ, 71 - SÃO PAULO

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

A vida de São Tomás de Aquino

(Continuação da pág. 17)

De certa feita, foi convidado para jantar, com centenas de outros convivas, no palácio do rei de França. No decorrer do banquete, enquanto se entretinha o rei em eloquente conversação, um robusto indivíduo no meio do salão, deixou cair o punho sobre a mesa com a força de um carvalho gigantesco e murmurou entre os pelos de sua barba, mas suficientemente alto para ser ouvido de todos, "Isto resolverá a questão dos infiéis". Fez-se, instantaneamente, silêncio no grande salão. Quem ousaria interromper o rei? Louis baixou os olhos de seu poderoso trono, esperando uma explicação de Tomás de Aquino. "Eu sonhava, Majestade", observou o intrépido frade. "Esqueci, por um instante, o lugar onde me achava. Eu considerava os argumentos de que me poderia socorrer para sustentar a minha filosofia contra os gentios".

Sorriu Luis, benevolente. "Ordenarei aos meus secretários que tomem nota de vossos argumentos para futuras consultas, caso os esqueçais. Pois confio em que sejam valiosos".

★

"Oh Criador cuja grandeza as palavras humanas não podem expressar" orava Tomás de Aquino ao seu Deus na solidão de sua cela. "Tu, a quem chamam a primitiva fonte da vida e da sabedoria, concede-me a agudeza do espírito para compreender a força de tua memória retentiva, o método e a felicidade de aprender, a habilidade em comunicar conhecimentos, o dom de uma fala fluente". Andava constantemente de um lado para outro, as mãos nas costas e, nos olhos, uma expressão abstrata. Empenhava-se em grandes combates dentro de seu espírito. E quando falava ao estrado em que dava as suas aulas, trazia a cabeça voltada para cima e os olhos cerrados.

Desde muito que se valia de todos os recursos à sua disposição para defender a fé. Manejara a pena como um corisco reluzente para iluminar os céus do conhecimento. E estava agora perturbado, dolorosamente perturbado. Porque ao relançar os olhos em derredor mal podia reconhecer aquela fé. Observava as grandes procissões dos bispos em seus mantos escarlates e ouvia os títulos pomposos com os quais se dirigiam uns aos outros. Era esta a humilde religião de Cristo? Compreendeu que todo o cerimonial da Igreja, com as suas relíquias e os seus símbolos, se tornara um simples espetáculo exterior. De força espiritual, transformara-se a Igreja em força eclesástica. Era isto o que haviam visionado os Pais da primitiva comunidade cristã?

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

"Pobres inconscientes ignorantes, são, na verdade, os homens que se lapam e pervertem os próprios princípios do Evangelho!" Os olhos cristãos ansiavam tanto por contemplar Jesus na carne que o coração cristão se esquecia de ver Cristo no espírito. Os homens abençoavam os ossos mortos dos santos, mas não lhes compreendiam as almas vivas. Era já tempo de trazê-los de volta à verdadeira ética do Cristianismo. Algumas vozes tinham falado com acentos amorosos, outras com tons de sabedoria. E agora adiantava-se Tomás de Aquino para combinar os dois. Decidiu entrelaçar os ditos dos Santos Padres e as Escrituras num vasto sistema filosófico que abarcasse a vida intelectual, moral e teológica do mundo católico. Não tinham São Sócrates, São Platão, São Buddha e São Confúcio, feito o mesmo para o seu mundo pagão?

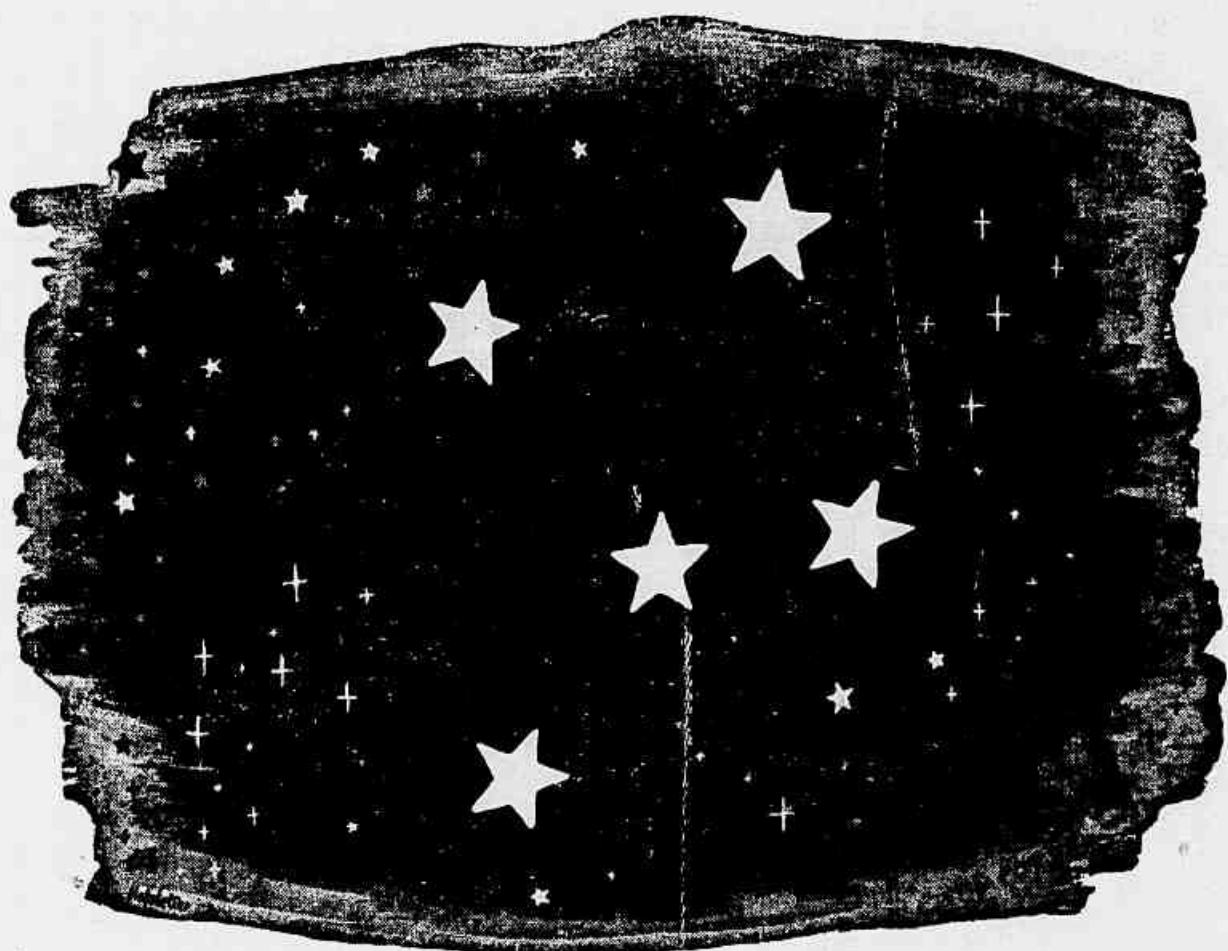
Assim compôs a sua "Summa Theologica", monumental compêndio de ética, religião e metafísica. A existência de Deus é afirmada não como ato de fé mas como fato da razão. Toda a filosofia social e moral da Escritura é exposta numa série de proporções lógicas que nos lembra um dos tratados daquela ulterior filosofia da fé, a "Ética" de Spinoza. A obra do Senhor é um "fato sensível". Quem senão o Senhor, poderia haver tomado o caos inominado da substância e, modelando-o, conferido a ele significado e forma?

O universo é o seu instrumento. E nós somos as teclas, tocadas pelos dedos do Músico Divino, o poderoso virtuoso que executa o resplendente concerto da Existência

na sala de música da Eternidade, a regurgitar de angélicos convivas. E nós, homens deste mundo cá de baixo, não sentimos vibrar a música através de cada um de nós? Não temos corações que vibram às suas cadências e espíritos que lhe compreendem as harmonias?

E Tomás de Aquino analisa essas harmonias em seu grande livro. Discute tudo quanto pertence a Deus e à vida, ao procedimento e ao espírito. Para dar uma idéia dos designios do livro, mencionamos alguns títulos dos capítulos. Considera a questão da "Existência de Deus", a "Simplicidade de Deus", a "Suprema e Eterna Bondade de Deus", o "Conhecimento, a vontade e o Amor de Deus", estabelece provas em seu favor e responde às objeções apresentadas. Discute, depois, a "Criação do Mundo", o "Problema do Mal", as "Necessidades do Procedimento Humano", e a "Natureza da Felicidade". Dessas investigações gerais canaliza a sua exposição para o campo da ética humana e considera onde reside a felicidade do homem — se nas riquezas, nas honrarias, na fama, na glória, no poder, no prazer, ou numa combinação de todos esses fatores. Discorre, particularmente, sobre o problema das paixões humanas, o amor, o ódio, o desejo, a dor, e o sofrimento, o medo e a cólera. Para, depois, a um estudo sistemático dos hábitos humanos, da lei civil e moral, da guerra e da paz, da sedição e do homicídio, do furto e roubo, da usura, da fraude na compra e venda, da esperança e do

(Continua na pág. 54)



GERCA

A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

A LUZ eterna a brilhar sobre a cabeça preocupada dos homens, o Cruzeiro do Sul ilumina nas nossas noites tropicais a Nação Brasileira e ficou como um símbolo da Fé que o Brasil adota.

Trazendo no seu selo essas estrêlas em cruz, a CIA. PREVIDÊNCIA DO SUL quer significar que a Fé no futuro salva os homens.

E, quando essa fé se concretiza em previdência, o homem realiza com o SEGURO DE VIDA um dos atos mais sábios de sua existência.

Pode acontecer antes da morte, a miséria, a doença, a invalidez, a falta de energia para lutar e trabalhar. É aí que a previdência do segurado vai colher os melhores frutos, se realizou um seguro de Vida DOTAL. Recebendo em vida, após determinado prazo, a importância do seguro, com ou sem lucros, o segurado pode armar-se contra as dificuldades da velhice ou passar a gozar sem preocupações o resto de uma vida que foi de esforços e de canseiras.

Há um plano de seguros na PREVIDÊNCIA DO SUL que atende ao seu caso pessoal.



CIA. DE SEGUROS DE VIDA
PREVIDÊNCIA DO SUL

— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL —

PORTO ALEGRE
Andradas, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

R. DE JANEIRO
Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO
J. Bonifácio 93, 6.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov.º 300, 2.º

RECIFE
10 de Nov.º 50, 2.º

Servindo a Causa da Medicina e da Farmácia desde 1858



PRODUTOS FARMACÊUTICOS

SQUIBB

O nome em que se pode confiar

PARA AS DONAS DE CASA

Procure fazer com que o seu lar seja sempre alegre, limpo, claro e tão confortável quanto possível.

* * *

Não esqueça que o trabalho frequente e a vida metódica, são os melhores preservativos contra as enfermidades do corpo e do espírito, predispõem à alegria e mantêm o bom humor.

* * *

Consagre as horas de ócio à família e às satisfações intelectuais. O seu lar e a sua família devem ser o ponto preferido para buscar o repouso e a paz do corpo e do espírito.

* * *

Dignifica a tua vida. Ela fecunda pelo trabalho, pelas boas ações e pelos prazeres sãos.

* * *

Os excessos na comida, o abuso dos temperos e do álcool trazem como consequência digestões difíceis. É indispensável precaver-se a tempo de males peores e seguir um regime alimentar racional e moderado.

* * *

As pedras dos filtros lavam-se facilmente com açúcar.

* * *

Para se retirar mancha de tinta do tapete, coloca-se sob o mesmo um pedaço de mata-borrão ou um pano limpo que absorverá a tinta e, com um pequeno tampão embebido em leite bem quente, bate-se sobre a mancha. Caso, porém, persista, convirá empregar caldo de limão.

* * *

Para eliminar as dores consequentes de queimaduras, bastará passar de leve, sobre o local, sabão de Marselha, ou então óleo calcáreo.

* * *

Após usar o aspirador, acostume-se a limpar o saco religiosamente. Mantenha também sempre bem limpas as escovas e flanelas da enceradeira.

* * *

Mantêr as panelas impecavelmente limpas, não é apenas uma questão de higiene, mas de economia, pois poupa as panelas e o gás.

PARA O SEU MENU

Pudim de almeirão

Cozinhe um grande molho de almeirão, escorra e pique, junte 1 pão de 100

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vício, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

FEMININAS

gramas amolecido em leite e espremido, 3 gemas, 1 colher de manteiga, noz-moscada, gotas de limão, sal a gosto e por último as três claras em neve. Deite em forma untada e leve ao forno regular.

Carne com cebolas raladas

Corte em pedaços grandes, 1 quilo de carne e condimente-a a gosto. Esquente bem 1 colher de gordura, doure 2 alhos esmagados, junte 6 tomates sem peles, 1 folhinha de louro e 3 cebolas de tamanho regular, raladas. Junte a carne e deixe cozinhar lentamente. Não deixe secar o molho. Pouco antes de servir, junte 1 colher de sopa de molho inglês, dê mais uma ligeira fervura e sirva coberto com salsa picada.

Torta franciscana

Forre uma forma com fatias de pão de forma, bem finas. Regue-as ligeiramente com nata de leite. Cubra-as com bas-

tante queijo de Minas ralado, bastante mel e polvilhe com canela em pó. Replia essa operação e leve a forma ao forno apenas para derreter o queijo. Sirva quente.

* * *

MORANGOS DELICIOSOS

Esmague 1 quilo de morangos, junte 250 gramas de açúcar, 1 cálice de vinho branco. Bata à parte 1 clara em neve e junte-lhe creme "chantilly", pouco açúcar e baunilha, cubra os morangos, enfeite com alguns inteiros e ponha a gelar.

* * *

CAMARÃO OU PEIXE À MARINHEIRA

Limpe 2 quilos de camarão. Lave as cascas e cabeças e ferva-as com sal, pimenta, salsa e 1 folha de hortelã; coe este caldo. Faça um refogado com azeite, cebola e cebolinha, alho, nós moscada e tomate tudo picado fininho, guise bem o camarão neste refogado acrescentando

1 xícara de caldo que deve ferver até apurar bem. Acrescente 2 xícaras de vinho tinto seco, e 1 pau de canela, deixe dar uma fervura de 15 minutos, retire e sirva com arroz preparado com o resto do caldo de cascas e cabeças. (Para o peixe o processo é o mesmo).

* * *

CUSCUS DE CAMARÃO

Mistura-se 1 litro de farinha de milho, com um prato raso de farinha de mandioca e liga-se com água fria e sal; faz-se um refogado de camarão com cebola, tomate, pimenta, etc., depois mistura-se tudo com a farinha; faz-se à parte outro refogado com palmitos. Arruma-se num cuscuzeiro, uma camada do camarão misturado à farinha, uma camada de palmito, ovos cozidos, azeitonas e se quiser, peixe também. Cobre-se com uma folha de couve; depois enche-se o depósito de água até o meio e põe-se a ferver. Quando a folha de couve estiver cozida o cuscus está pronto.



BÓLO RUBRO

5 colhs. (sopa) manteiga	4 colhs. (chá) Royal
2 chics. farinha peneirada	1 3/4 chics. açúcar
1 colh. (chá) sal	3/4 chic. cacau em pó
1 1/2 colhs. (chá) bicarbonato	1 1/2 chics. leite
	3 ovos
	1 colh. (chá) baunilha

...e "veja" os olhos de seus filhos!

Eles se iluminarão de alegria... E, assim, a senhora encontra a forma mais agradável de enriquecer a alimentação de seus filhos. Está comprovado! Vale a pena fazer bolos! E se pode ser a todo o momento, por que deixar somente para as grandes datas o prazer de proporcionar mais alegria aos seus filhinhos? Para garantia do êxito, utilize sempre o "Livro de Receitas Royal", usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

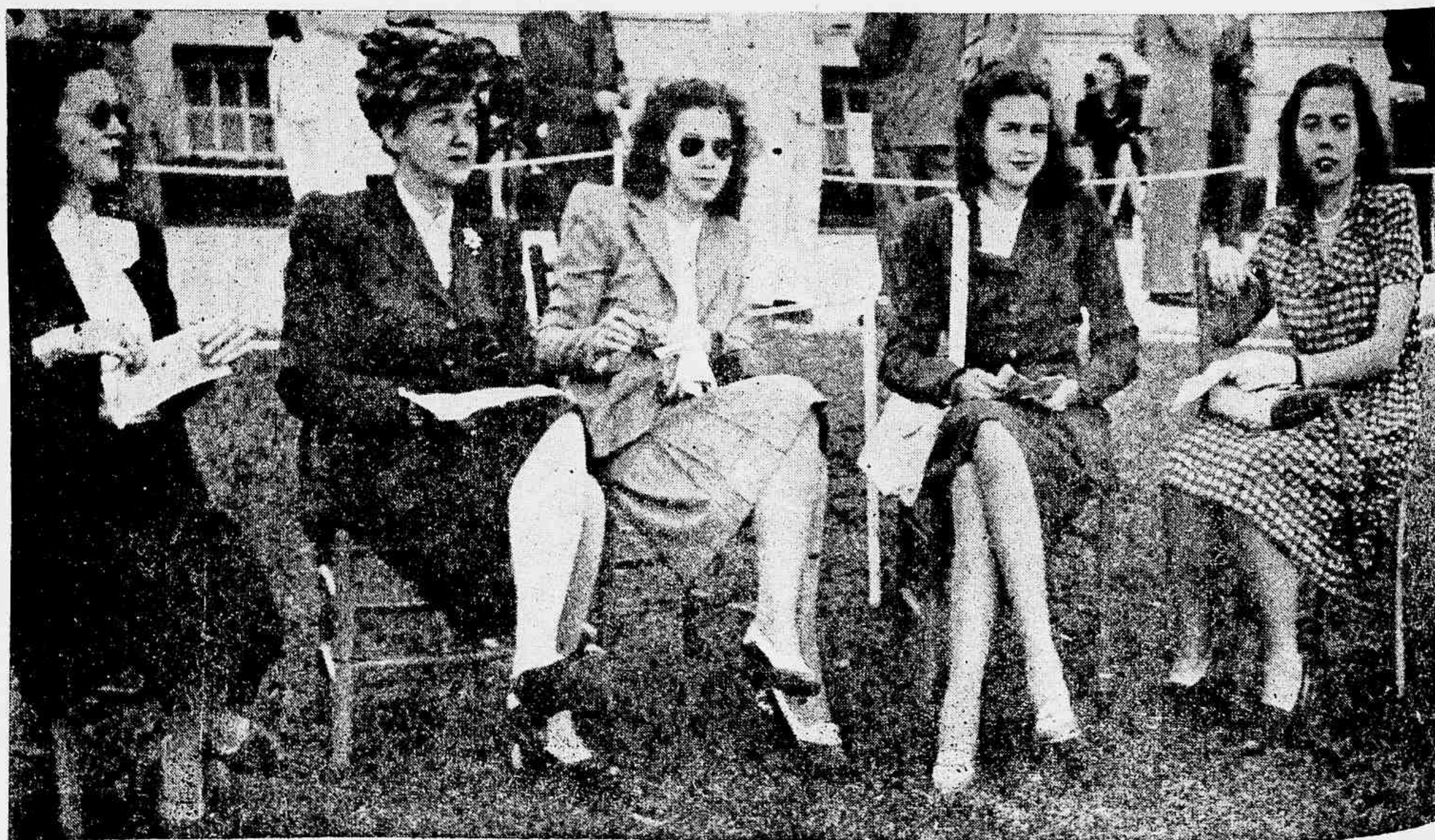


Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para: Caixa Postal 3213, Rio de Janeiro.



JOCKEY CLUB MUNDANO

As corridas de domingo, como sempre, levaram ao prado da Gávea os elementos mais representativos da elite carioca. A "pelouse" enfeitou-se com a graça e a elegância de numerosas "turfwomen", tendo o nosso fotógrafo conseguido apanhar ali os sugestivos instantâneos que ilustram esta página.



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

COMER... EIS O VERBO

(Continuação da pág. 12)

na feijão e, aos domingos, havia galinha à farta. Não davam água. Bebia-se mate. Era uma verdadeira maravilha e tudo por dois cruzeiros. Com o passar dos anos as coisas foram se transformando, para pior, é claro. O preço foi subindo: Cr\$ 2,50 — Cr\$ 3,00 — Cr\$ 4,00 — Cr\$ 5,00 e, finalmente, Cr\$ 6,00 nos dias atuais. Isso não dá a medida exata do encarecimento da vida na capital da República: duzentos por cento de aumento. O preço de resistência da pensão hoje em dia é o feijão, aliado ao milho bem temperado, como notamos. A batata vem com acompanhamento, o mate acabou-se e a dona da pensão vê-se maluca para encontrar banha, açúcar e outras preciosidades. Paradoxalmente o número de pensionistas multiplicou-se: de trinta que eram há oito anos, hoje se tornaram duzentos! E é necessário que D. Anastazia proibisse novos pretendentes. Com toda a subida do morro, com os trinta degraus, com a exclusão do mate e majoração de duzentos por cento, é ainda uma das poucas pensões a Rio onde se come um pouco melhor. Mas se você, leitor, já está de olho grande, desista de subir até lá perto ao céu. Não há mais lugar; o último foi preenchido pelo redator desta reportagem.

JANTAR ÀS DUAS DA MADRUGADA

A essa hora da madrugada em que a gente boêmia deixa os "dancings", "grills" e "cabarets" da cidade, duas classes dirigem-se aos "bars" ou restaurantes para fazer suas refeições. Para os notívagos que passaram as horas se divertindo, a cela a essas horas deverá ser, possivelmente a quarta refeição ou talvez mesmo a sexta vez que se sentam à mesa para saborear alguns petiscos; para os maltrapilhos, para os mendigos que enchem as ruas mais centrais da cidade, é quase sempre a sua primeira e única refeição em vinte e quatro horas. Muitos dos nossos restaurantes, depois das portas cerradas à freqüência, servem a uma leva de homens, na maioria velhos e inválidos — poentes pelo álcool e pela tísica — nas cujas que esses pobres trazem consigo, todo o resto da comida que sobrou do dia. Vem tudo num grande caldeirão, misturando-se ali dentro sobras do feijão, do arroz, do ensopa-

do e da canja tudo isso formando uma pasta de aspecto realmente inapetecível para aqueles que não estejam sentindo o agulhão fortíssimo da fome.

Segundo nos declarou o proprietário de um restaurante da Lapa, o número desses estomados tem aumentado consideravelmente nestes últimos anos. É realmente doloroso o aspecto que oferece a cidade a essas horas da madrugada quando se vê encostado a um imponente edifício de 12 andares, um anátraxo brasileiro bebendo na sua cula os restos dos jantares de alguns. Fome no celeiro? Não; fome no ex-celeiro.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

*Um presente
para o seu bebê!*

As crianças são os sorrisos de Deus na terra!...

Mas uma criança só é feliz quando bem cuidada, e só é bem cuidada com o talco Lady, — um produto de pureza absoluta. Fazei a alegria de vossos filhos com o talco que perfuma e refresca.

TALCO

Lady

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMÊNDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mine. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

Assaduras, brotoejas,
coceiras do
seu Bêbê?

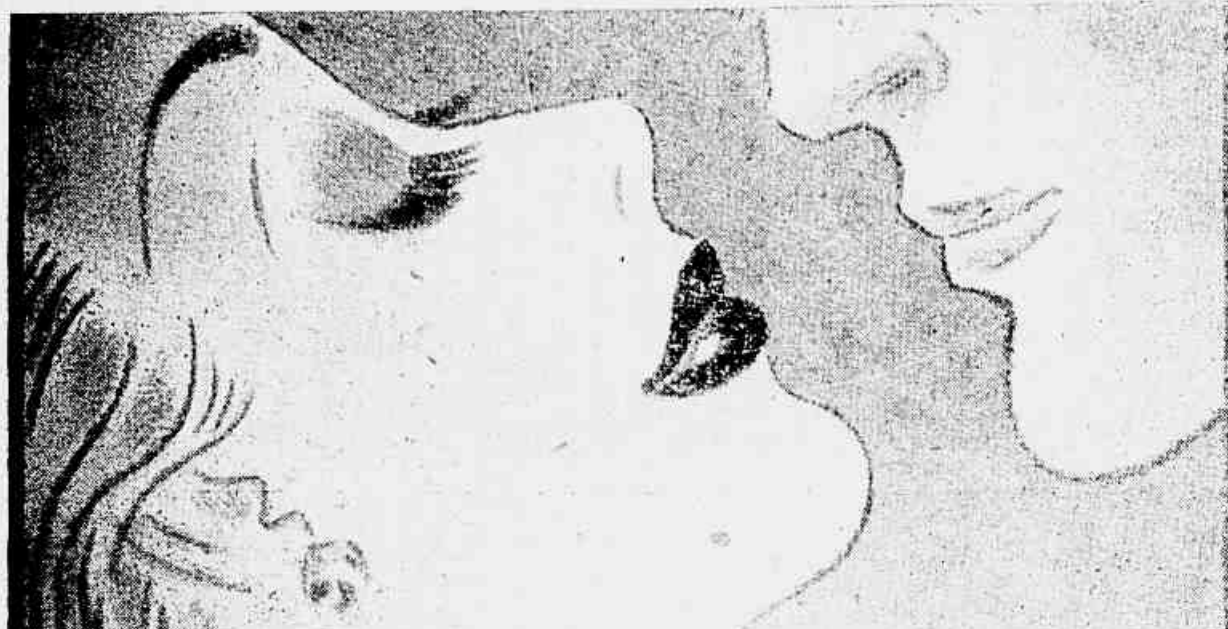
REMOVAN
Nas Drog. e farm.
CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E
ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre,
com as suas remessas de di-
nheiro, nome e endereço certos
a que as mesmas se destinam.

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. FERRAZ



Tão doce como o primeiro beijo!

Delicado como uma carícia, suave como o veludo é o encanto do baton Michel. Em 11 belíssimas e esquisitas tonalidades, criadas com o único fim de dar maiores encantos a esses lábios adoráveis. Feito para ser mais durável e para conservar os lábios sempre frescos, o baton Michel nunca se empasta e nem resseca os lábios porque é o baton mais fino e mais puro, que tanto beneficia como embeleza.



Michel
NEW YORK • PARIS • LONDON

BATON — PÓ — ROUGE — MÁSCARA — SOMBRA — MAQUILAGEM CAKE

AS CHAVES QUE ABREM A PORTA PARA UMA

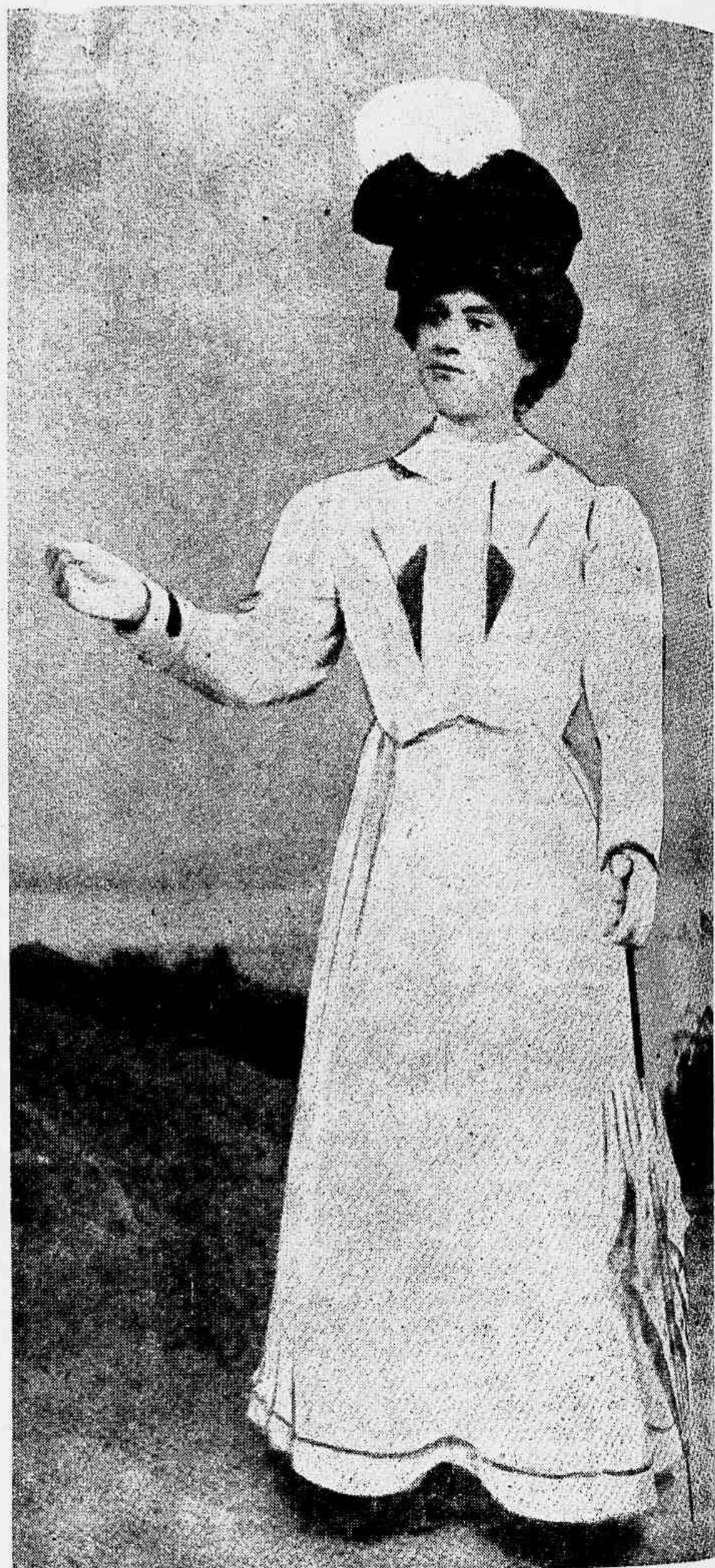


Vida melhor

REFRIGERADORES... máquinas de lavar roupa... rádios e rádios-fonógrafos de Tom Natural... uma série completa de aparelhos domésticos para tornar mais confortável a vida de todos nós. Compre, sempre que possível, gêneros em maior quantidade, sem receio de que se deteriorem, pois seu refrigerador G. E. conservá-los-á frescos e saudáveis por muito tempo. A máquina G. E. de lavar roupa oferece inúmeras vantagens para a proteção de sua saúde. Os rádios e rádios-fonógrafos G. E. de Tom Natural proporcionarão a V. S. o prazer de ouvir a música de sua preferência com uma pureza de som jamais igualada.

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • SALVADOR • RECIFE • CURITIBA • PORTO ALEGRE



Foi assim que ele, Beniamino Gigli, fez a sua incrível estréia, como "prima-dona".

BENIAMINO GIGLI DE HEROINA A GALÃ...

De galã a humilde servidor do fascismo — como começou a carreira do "maior tenor do mundo" — Filho do sineiro de Recanati — Os admiradores de Gigli propõem casamento... — Roma, o Ministério, Parma e a glória.

ROBERTO LYRA FILHO

BENIAMINO GIGLI tem, hoje, cinquenta e seis anos de idade e há mais de vinte e cinco é dono do título de "maior tenor do mundo". A qualidade de seu canto — o timbre, a extensão, a interpretação, nada foi modificado pelos anos — as vozes implorosas. Mas toda a vez que ele pisa no palco, agora, um coro misto de aplausos e de vaias abafa sua voz. Porque, se bem que ainda bem disposto e pronto para manter-se à frente dos tenores, como um exemplo, ele perdeu a simpatia dos italianos que lutam contra o fascismo e viram-no curvar-se diante de Mussolini, o Duce, que lhe ofereceu uma fotografia com esta dedicatória: "A Beniamino Gigli, voz pura, alma grande". Está destinado a perder completamente, o seu prestígio o artista que, presentemente, só goza de notoriedade em virtude dos farrapos da glória antiga que ainda conserva. Não faz muito tempo anunciou-se a sua morte. Depois veio o desmentido. Mas a verdade é que já se cogita do seu sucessor. Jussi Björling, na opinião de muitos, tem todos os predicados necessários.

Há uma fotografia do tenor Beniamino Gigli que nem todos os seus admiradores conhecem. Ela está escondida em um álbum, zelosamente guardado, e mostra o cantor em traseira, com ar angelical, interpretando, justamente, o papel de Angélica, a heroína de uma ópera denominada "A Fuga de Angélica".

Filho do sinetista de Recanati, Beniamino Gigli já aos dezessete anos era uma figura popular. Sua fama se espalhou chegando à Universidade, em Macerata.

O menino, dotado de uma belíssima voz de contralto, cantava em todas as ocasiões: de manhã, ajudando o pai, no trabalho; à tarde, nas funções especialmente organizadas; à noite, quando a lua aparecia, e ele sentia, em seu temperamento romântico, desejos de subir à torre e render à paisagem o tributo de uma canção.

Assim foi que os forasteiros vieram a conhecer o "Contraltosinho de Recanati" e levaram para além dos estreitos limites do vilarejo o primeiro eco de sua voz.

Naquele tempo precisamente, os estudantes pensavam em montar "A Fuga de Angélica", mas recusavam diante de uma dificuldade: quem desempenharia o papel da heroína? Nenhuma das alunas se sentia suficientemente segura para arrostar as dificuldades da personagem. Eis senão quando um dos rapazes tem a idéia: "E o contraltosinho de Recanati?"

Poucos dias depois, a casa do velho sinetista era invadida pelos estudantes que traziam uma proposta, várias promessas e uma provisão inexgotável de argumentos para convencer a família de que não era uma profanação tirar o menino da Igreja para levá-lo ao palco, especialmente em trajes que desmentiam a natureza. Verificaram, porém, que o entendimento era possível. E mais tarde, guiavam o rapazola, atônito, para um camarim, vestiam-lhe os cabelos colocavam-lhe sobre a cabeça um chapéu de plumas davam-lhe uma sombrinha elegante e verificaram, terminada a obra de transformação, que Angélica até poderia inspirar algumas paixões...

O espetáculo foi um sucesso. Cresceu o número de admiradores da Angélica. Houve "bouquets" de flores, beija-mão, declarações — tudo esbarrando diante da impossibilidade material de se consumar um casamento... porque em momento oportuno Angélica revelava o sexo e o pretendente saía decepcionado...

"ENFIM ENCONTRAMOS O TENOR!"

Angélica, entretanto, cada vez mais mostrava as características inegáveis do seu sexo, passando, a mulher barbada. Um dia perdeu a voz: nasceu o tenor.

Começava a carreira, Gigli, entretanto, não leve desde o início, uma sucessão de glórias e vitórias. Roma o acolheu com indiferença e as portas do famoso curso do professor Lorenzo Perosi se fecharam diante dele, por causa da idade. "Só se aceitavam meninos até quinze anos".

E assim, o tenor começou a trabalhar no Arquivo Fotográfico do Ministério da Instrução Pública. Viviu numa água-furtada e aproveitava o cenário, fornecido pelas condições de vida para imaginar que aquele sótão era de Rodolfo. Cantava árias da Boème diante do espelho, convencendo-se de que estava num palco. Esperava a visita de Colline Schunard. Estranhava a ausência de Marcelo. Em suma, instalara uma ópera dentro de seu quarto de dormir. E nem faltava uma sucessão de Mims, que apareciam, com velas apogadas.

A grande oportunidade ia ralar dentro em breve. Gigli passou a estudar com o maestro Rosati.

— Minha voz amadureceu, adquiriu plasticidade.

Em Parma, abriram-se as inscrições para um concurso. Mrs. Mac Cormik, uma milionária americana, tentara em vão tornar-se uma grande cantora. Desistindo, finalmente, da ambição, resolveu amparar jovens cantores. Em companhia de Cleofonte Campanini, famoso maestro, foi à cidade considerada a mais musical da Itália — Parma — e lá instituiu um prêmio para os melhores cantores. Candidatos de todo o país acorreram. Beniamino Gigli também.

Havia um número fabuloso de concorrentes, contudo, mais tarde o próprio Gigli. 32 tenores, 19 barítonos, 6 baixos, 40 sopranos, 6 mezzo sopranos 2 contraltos — (ah, como eu me lembrei do meu tempo!...)

DENTIFRÍCIOS
PANININI

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sob. Mo

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

RS

De cada janela partiam vocalises e gorgeios. A cidade parecia transformada numa escola de canto. Durante o dia inteiro, desfilavam os candidatos, cada qual cantando três peças. Os maestros, desesperados, pediam descenso. Os nervos, explodiam. Muitos foram eliminados. (Continua na pág. 57)



Tão linda e atraente
é a pele com a glamorosa

Beleza de
Adolescente

Para obtê-la, não encubra... *Corrija*
as imperfeições do seu rosto com **LEITE DE COLÔNIA**

Essa tão cobiçada dádiva de beleza - pele jovem e acetinada - não é privilégio das adolescentes! Em muitas mulheres esse dote de juventude vence os anos... sempre atraindo... sempre fascinando! Sem dúvida, também é seu desejo conservar ou conquistar a cutis linda e livre de imperfeições. Então, guarde este conselho: não artificialize os seus encantos com demasiado maquiagem para encobrir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele. A solução certa é evitar e corrigir essas imperfeições com Leite de Colônia!... Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colônia é ainda um perfeito fixador do pó de arroz. E - ao mesmo tempo - protege a cutis. Embeleze sua pele diariamente com Leite de Colônia!

Leite de Colônia

LIMPA... ALVEJA... AMACIA A PELE

CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colônia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e protetor da pele. Ao deitar-se, para remover o maquiagem e limpar novamente a cutis.

A vida de São Tomás de Aquino

(Continuação da página 47)

desejoso, da lisonja, da hipocrisia, da pusillanidade, da coragem, da nobreza, do martírio, da caridade, da compaixão e da fé. E tendo assim, finalmente, a fria luz da análise, passado em revista cada ramo da atividade humana, conclui com uma comovente recapitulação da boa vida e da vereda humilde que devem lustrar na terra os homens desejosos de encontrar o caminho do reino dos céus.

"Summa Theologiae". A Súplica do Verbo de Deus pela boca de um filósofo!



Devagar, Tomás, que estás chegando ao fim. É o tempo da quaresma, do ano de graça de 1274. Fora das paredes nuas do mosteiro cisterciense, a neve cai. Está frio o coração do mundo. Os monges trazem feixes de lenha para o lar e acendem o lume. Tu ainda não cumpriste 50 anos, Tomás, mas chegaste ao fim da jornada. A transpiração mareja-te as faces com demasiada facilidade. Var-

mos, Tomás, estás fraco. Não te absterás, por certo, de comer. Que tal a delicadeza de um salmão? É um petisco raro, de França.

Uma vela de sebo atira em volta a sua claridade para afugentar as sombras ténues. Sonha, Tomás, com intermitências. Segura a tocha ardente da luz. Tírem-lha da mão tremente! Ela cairá ao chão e porá em chamas todo o mosteiro!

Reunem-se-lhe volta homens piedosos e sombrios. Frei Rinaldo, seu amigo mais íntimo, segura-o nos braços. Agora cantam. "Adoramus te devote qui adoras deitatem..." Como rio de límpido conhecimento, este filósofo-santo irrigou toda a Santa Igreja. Jornadeou nu'a mula através da Itália, defendendo a fé pela força de seus douts argumentos. Levou a vida a ensinar e a escrever. "Summa Contra Gentiles, Questiones disputate, Compendio de Teologia, Quodlibetos"... lógica, lógica e mais lógica!

Brada ele, de sua cama. "De onde me vem a honra de homens santos trazerem lenha para meu "lume"? Aquietate, Tomás, que faz frio. "Não, mas os servos de Deus não devem acender o lume. Vêde, está tão brilhante o sol".

Em casa estamos de acordo!

este creme dental antisséptico...

limpa mais

Kolynos não é um mero dentífrico: é um creme dental antisséptico. A generosa espuma de Kolynos limpa e embeleza os dentes sem arranhar o esmalte.

agrada mais

Kolynos satisfaz a adultos e crianças. Kolynos encanta, refresca a boca... e perfuma suavemente o hálito, deixando uma grata sensação ao paladar.

rende mais

Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

Todos estão de acordo: para um belo sorriso não há como Kolynos



o creme dental antisséptico

basta um cm. na escova seca!

50 anos de proteção à Família Brasileira

— Uma cidade de 14.000 casas poderia ser construída com os seguros pagos pela SUL AMERICA em seus 50 anos de existência

★

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Caixa Postal 925 - Rio de Janeiro

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos — por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo menstrual começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentes, tristes e, o que é pior: atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Nem menores nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por meio de remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa.

Entretanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica o bem-estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

Nada disso, Tomás. Estamos, agora, no inverno, e lá fora só há neve. Ele agita-se sem cessar. "Primavera", murmura. "Primavera!"

E fecham-se-lhe os olhos, enquanto caem as sombras do inverno. Mas em seu coração há uma voz clara que diz: "É claro que é a primavera, meu amado! Vem, vamos para os campos".

(Do livro "Vidas de grandes filósofos").

MANHUMIRIM

Na reportagem que publicamos em nossa última edição sob o título acima, escapou-nos o tópico que publicamos abaixo, referente à firma Tostes & Cia., ficando, assim sanado, aquele lapso aliás involuntário:

TOSTES & CIA. — É sem dúvida a firma mais antiga de Manhumirim. São sócios componentes os senhores Teófilo Tostes, fundador e dirigente, Anselmo Gomes Campos, que tem a seu cargo as compras da casa, espírito filantrópico, Provedor do Hospital São Vicente de Paula, uma das melhores organizações no gênero, e Antonio Gomes Campos, encarregado das vendas e gerente da filial do Rio de Janeiro à rua 1.º de Março, 141.

A BRUXA DOS MARRINHOS

(Continuação da pág. 43)

mente viçoso, nos descampados limpos, semeados aqui, além, de palmeiras incipientes de indaia abertas em leque à flor da terra, plava aguda, lamentando-se da ausência da companheira predileta, a perdia solitária das campinas, a lançar alarmas estridentes aos ecos desérticos das quebradas remotas, duma coloração pôr-de-sol verde-negro sombria, e reavivando tensos dos velhos perdigueiros — nidos e bocetadores ao calor do borralho — que acompanhasse a caminhada.

Ali passei eu duma feita pelo arvorear suave de melancólica tarde de fins de verão, quando nos tabuleiros elevados e descampados mal desabrochava ainda a humilde flor-de-maio das campinas, rumo sul e da primeira estação da estrada de ferro, então aos barrancos do Paranaíba, pronta a transpor esse natural obstáculo das divisas estaduais, e galgar sertão a dentro, conquistando, transformando e antiquando tipos, costumes e aspectos, na marcha arrasadora do progresso, da civilização.

A vivenda lá continuava ao sopé da estrada, e à sombra da mesma centenária gameleira. Não mais porém, em ruinosas manhãs de estio, ao guizalhar festivo das tropadas passantes, se via o freiteiro abandonar pressuroso o roteiro batido para vir ali, sedento, matar pesares e saudades da ausência prolongada.

Escalavradas eram as paredes do emboço alvarento, a mostrar, como alastragens de lepra, escorrimientos profundos nos adôbes esborcinados, a desmanchar-se, lodosos e amolecidos, nas chuvadas de inverno. Um limo viscoso e esverdeado, gotejado pelo estilicídio dos beirais desconjuntos e a cair, sobrepunha-se em camada fina, rente ao chão, no rodapé d'oca barroza. Pelas fendas do lagoado, na linha do citão, vegetavam as baldreosas tímidas, o capinzal de raiz e gramineas próprias dos taperões há muito deixados.

Ao lado, no desvio, assoberbava o aspecto tristonho, agitadas as franças cá e lá pela arribada atônita duma aluvião de pintassilgos, coleiros e patativas apinhadas a petiscar pelos pendúnculos cacheados e floridos; em baixo, como lagartos esverdeados, rastejava a praga de tiritica mílida, os "provisórios" de carapós espinhentos, o fedegoso bravo, os mollicios garranchentos e irredutíveis, a apegar-se, como carrapicho, à canela do desastrado animal aventureiro na vereda.

Para o fundo, no quintalejo maltratado e sujo, mirravam as laranjeiras sob as ervas daninhas; e como provasse uma fruta temporã que um galho pêco oferecia, achei-a azeda, amarga quase como uma punição.

Cercas e paióis, tranqueiras e currais desmantelados, atranvacados de imundícies e monturos donde como serpes, saíam amaranhamentos compridos de touças de cabecela e bucha-de-paulistas, emergindo dependurados, como brincos colossais, os seus frutos balofo e agueros — estralando com estrépto sob os pés as cabegas que a estação sazonal — tão doces, tão vazios, como interior borolento daquele mesmo casebre, a desfazer-se em ruínas com uma enorme maldição, sob o matagal.

Entrelanto no verde perene de que se revestira o sítio, havia algo de anormal e trágico, misto vago de íntimo terror e inexplicável aperto, a gerar arrepios de pavor aos que, como eu, se detivessem a contemplar, àquela hora do anoitecer, o estranho aspecto da tapera, batida a cumieira de telha vã dos últimos clarões sepulcrales...

Ao condutor — um tipo robusto e acaudado de nortense, lábios finos e olhos profundamente rasgados de índio, — que tão inquieto e impaciente se mostrava à aproximação da noite com a nossa demonstração ali indaguei, curioso do descaso e fútil ututenta daqueles ermos.

Ele — viagem andante viera narrando a íntima satisfação e gozo violento de que se sentia noutras eras invadido em se aproximando dessas bandas — olhou-me em silêncio d'alto a baixo como que

avaliando se estava a zombar; esteve algum tempo considerando, incrédulo da presumida ignorância, fez depois uma visagem supersticiosa de esconjuro, e o índice afuzilado — côr de tisne — designou um marco carunchento, que as enxurradas tinham aluido, meio oculto em macegos de são caetano.

— Uma cruz...

— Aqui, patrão, pela passagem das últimas boiadas, encontraram-se e acabaram a botes de faca, dois cabras da terra, ambos desempenados e amigos, aos quais desnorream as mandigas da bruxa: filhos do mesmo pai, filhos da mesma mãe... Quedou-se, mão no queixo, a olhar estarecido. No céu, lacrimejava já a estrela boieira. Um acuan granizou malto a dentro, espreitando agoureiro.

Benzou-se, e ferrando esporas, afastou-se cabisbaixo, a trote rápido.

— E a bruxa? — disse alcançando-o.

— Ah, sim, a bruxa... Essa, de certo, levou a o "Cuca" num pé de vento, à hora da meia noite, pela sexta-feira do quarto minguante...

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL

Um PERFUME Inesquecível!

Os perfumes são as recordações mais duradouras!...
Eles são a música dos sentidos e ficam na memória como as canções!...
E ha um perfume que nunca mais se pode esquecer: — é o perfume **ORGANDY** de BAZIN. O perfume que é sensibilidade, o perfume que é uma noite cheia de estrelas, o perfume do amor e da poesia!...

Água da Colônia
Brilliantina
Extrato
Loção
Óleo perfumado
Pó de Arroz
Sabonete
Talco

Organdy
de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

A VENDA EM TODO O BRASIL



Uma vista parcial do interior do Municipal na noite de 27 de outubro.

"O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR"

"O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR", realizou dos dias 24 a 27 de outubro último a sua 2ª Convenção Nacional, que teve a participação de delegações de todos os Estados do Brasil. Em nove sessões plenárias, os convencionais procederam à reforma dos estatutos do Partido, elaboraram a carta de princípios e o programa partidário, debateram os mais importantes problemas nacionais, traçaram o plano para as eleições de janeiro vindouro e elegeram os novos dirigentes do P. R. P. Na noite de 27, foi a convenção encerrada com uma brilhante sessão no Teatro Municipal. Raríssimas vezes terá o Municipal apresentado assistência tão numerosa e entusiástica, como a que participou da magnífica solenidade, na qual tomou posse o novo Diretorio Nacional do Partido de Representação Popular, assim constituído: — Presidente — Plínio Salgado; 1º, 2º e 3º vice-

presidentes — Plácido de Melo, Gilberto Huet Barcelar e Felix Contreiras Rodrigues; Secretário Geral — Hermes da Mata Barcelos; 1º e 2º Secretários — Carlos de Faria Albuquerque e Padre Joel Barbosa; Tesoureiro geral, Paulo Lomba Ferraz; 1º e 2º Tesoureiros, Miguel Moraes e Vicente Meggiolaro; Consultor Jurídico, Murilo Fontinha e Vogais, Raimundo Padilha, Godofredo Teles Junior, Renato Egídio de Souza Azeiteiro e Major Paulo Lopes. Falaram na reunião os senhores Deputado Godofredo Teles Junior, Raimundo Padilha e Plínio Salgado. O discurso do novo presidente do P. R. P. teve notável repercussão, constituindo um dos mais sensacionais acontecimentos políticos da atualidade. Todos os detalhes da sessão de encerramento da convenção populista foram irradiados por 37 emissoras nacionais.

A esquerda: Plínio Salgado, quando proferia o seu patriótico discurso. A direita: Raimundo Padilha lendo o programa do P. R. P.





ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARGUINO

VIVA!

CONTENTE

para
viver mais!

Qualquer anomalia na função do fígado compromete a saúde, perturba o bom humor e faz envelhecer antes do tempo. Normalize a função hepática com as famosas "Pílulas de Reuter" e desfrute intensamente a alegria de viver!

PÍLULAS de Reuter

PARA O FÍGADO

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!

ECONOMIA
FRIO CONSTANTE
GELO PURO
5 ANOS DE GARANTIA
AR PURIFICADO

TOODAS ESSAS VANTAGENS
SÃO EXCLUSIVAS DO

REFRIGERADOR NEVE

UN PRODUTO DAS

INDÚSTRIAS "NEVE" LTDA.

SÃO PAULO
AV. VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL



Regressou dos Estados Unidos o Sr. Eduardo Romero, presidente das Indústrias Fábricas S. A. O conhecido industrial, que esteve também no México e no Canadá, realizou essa viagem com o objetivo de observar pessoalmente os frutos da experiência de centros mais adiantados no que se refere ao seu ramo de atividade, a fim de aplicar ao nosso meio o que seja de real proveito. Na gravura acima vemos o Sr. Eduardo Romero e esposa, ao deixar o navio. Entre os presentes à recepção do Sr. Eduardo Romero, notavam-se figuras de destaque em nosso meio industrial, como o Dr. Domingos Pascoal Segreto e o seu irmão Sr. Pascoal Segreto.

BENIAMINO GIGLI

(Continuação da página 53)

Finalmente chegou a vez de Gigli.
— Cantei o "Sigurd" de Reyer, "O Paradiso" da "Africana", de Meyerbeer e a última cena da Traviata. Fui o primeiro colocado entre os tenores. Naquela mesma ocasião, surgia, ao meu lado, um concorrente forte, que mais tarde se tornou famoso — o tenor dramático Francesco Merli.
Muitos anos mais tarde, passando por Parma, Gigli ganhou um presente que ainda hoje guarda com carinho. É a sua ficha no concurso, com as anotações feitas pelos julgadores.

NOME — Gigli, Beniamino.
NATURALIDADE — Rezanati.
IDADE — Vinte e quatro anos.
CLASSIFICAÇÃO — tenor lírico.
TIMBRE — agradável, quente.
EXTENSÃO — Completa.
INTERPRETAÇÃO — Expressiva.
PONTO MÁXIMO — Nove".

Sobre o cartão, porém, com lapis vermelho, alguém escreveu:
— "Enfim encontramos o tenor!"

"DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA"

Vem a fama, os "tournées" pelo mundo inteiro. O tenor vence. As platéias se curvam. Os anos passam. E chega o momento de curvar-se ele próprio, não para agradecer aplausos, mas para abdicar de sua dignidade.
Mussolini manda chamá-lo. Gigli faz profissão de fé fascista. Enquanto dura a guerra ele canta. E os altos falantes do Eixo ouvem.
— Meu lema diz ele, é Deus, Pátria e Família. As três idéias fundamentais.
Mas os tempos mudam. Mussolini sai do seu palácio para a praça pública, a morte infamante. A fúria do povo contra os opressores está desencadeada. Uma noite, Beniamino Gigli vai cantar. Os cartazes se espalham pela cidade. A ópera: Bohème, uma velha pretenda.

Quando sobe o pano, Gigli se volta para o público, entoando:

— Noi cieli bigli...

Parte o primeiro assobio. Pouco depois a desordem reina. Os antepuristas aplaudem. Afinal de contas, ele é cantor... Os democratas voam: "Mas é preciso não esquecer que ele é tenor!"

HMB

1

VINHO DA MADEIRA

H.M. BORGES, SUCCS. LTDA

Estabelecidos desde 1871 - Rua da Madeira

*Para
numero
para*

HMB

2

VINHO DA MADEIRA

H.M. BORGES, SUCCS. LTDA

Estabelecidos desde 1871 - Rua da Madeira

*côco
paladar*

HMB

3

VINHO DA MADEIRA

H.M. BORGES, SUCCS. LTDA

Estabelecidos desde 1871 - Rua da Madeira

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.



VARIZES
E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus

PETTINATI

USE A POMADA NO LOCAL E
Beba AO MESMO TEMPO O LIQUIDO

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE

Impigem?
Dartros?
Manchas?

REMOVAN
Nas Drag. e Farm.

CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL



Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

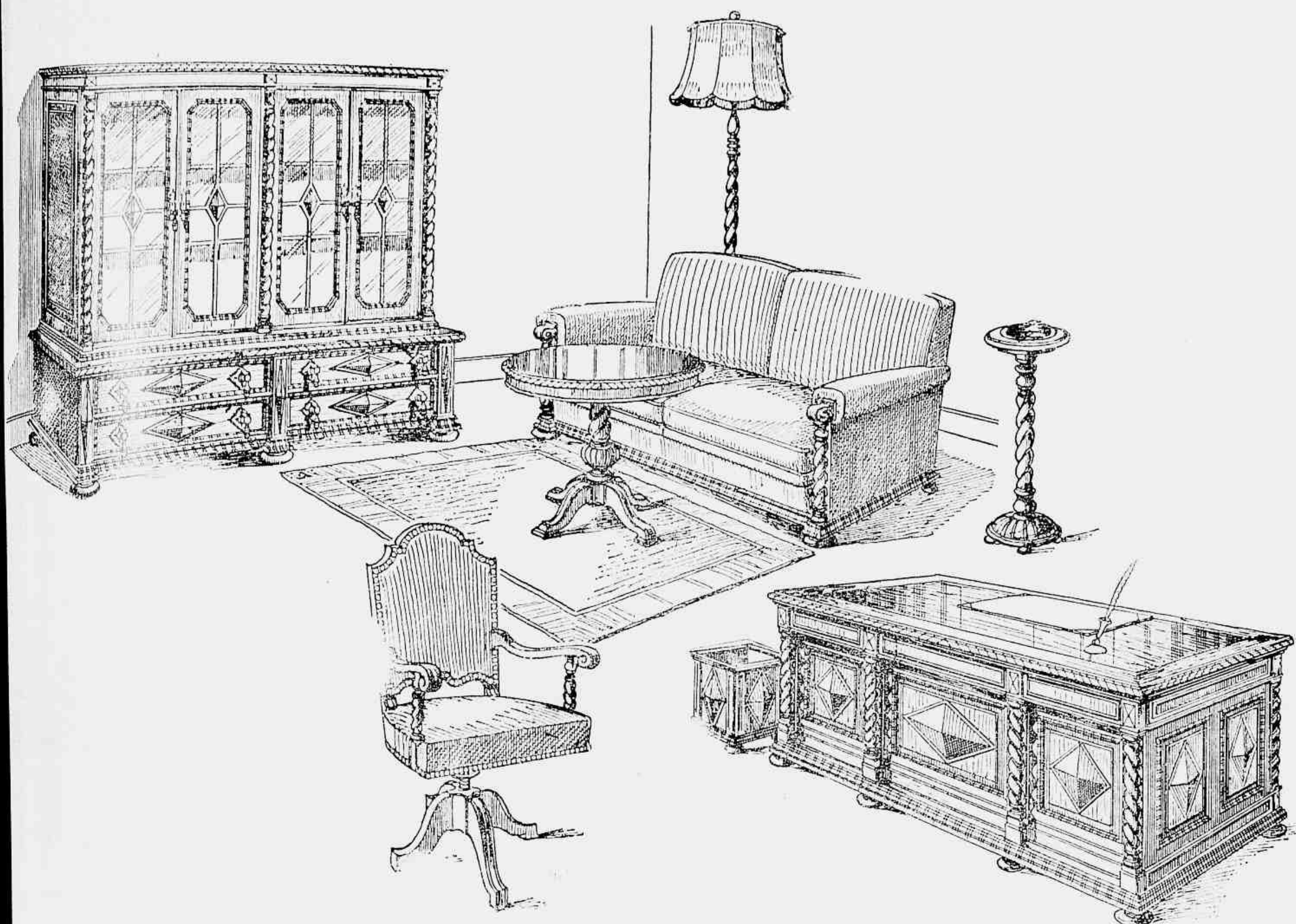


ELEGANCIA INTERIOR

A elegância de um interior se julga pelos seus detalhes; toda a dona de casa "rafinée" exprime a sua personalidade na escolha desses complementos, que reunidos, formam um conjunto fino, que impressiona agradavelmente. A roupa de cama e mesa, principalmente, merece as maiores atenções da dona de casa. Já as nossas avós passavam os seus dias executando maravilhosos

trabalhos de agulhas, que eram transferidas de geração para geração como uma jóia rara. Dois exemplos aqui estão: o primeiro uma toalha de mesa de linho branco, com aplicações azul-rei, estilo Luis XIII. O segundo, inspirado em temas clássicos é um conjunto para cama, de linho batizado, com aplicações e bordados. Seu aspecto é deveras deslumbrante!





Escritorio colonial português "Manoelino"

Ornamentado com sobriedade, o modelo de escritório que aqui estampamos, devido a falta de espaço existente nas residências modernas, torna-se ideal, pois, pode ser aproveitado também como biblioteca. O mobiliário é composto de um largo "bureaux", que pode servir também como mesa de leitura, uma cadeira giratória, uma cesta para papéis, um amplo sofá e uma mesinha redonda com pés em garras. Dominando tudo, uma larga estante envidraçada, e ao fundo, ocupando um vão, um "abat-jours". A madeira usada na confecção dos móveis é jacarandá massiço, sendo a poltrona giratória e o sofá estofados a couro escuro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MADEIRA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

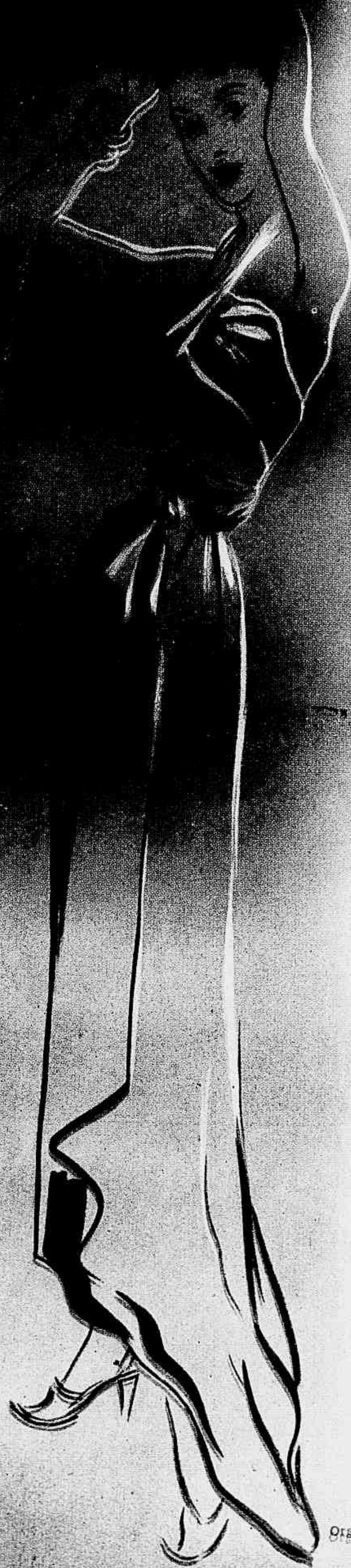
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIVIA S/A apresenta à elite carioca os per-
fumes preferidos pela mulher americana.

Hattie Carnegie

CIVIA S/A — Av. Rio Branco, 311 — 2º andar.



Org. CIVIA.